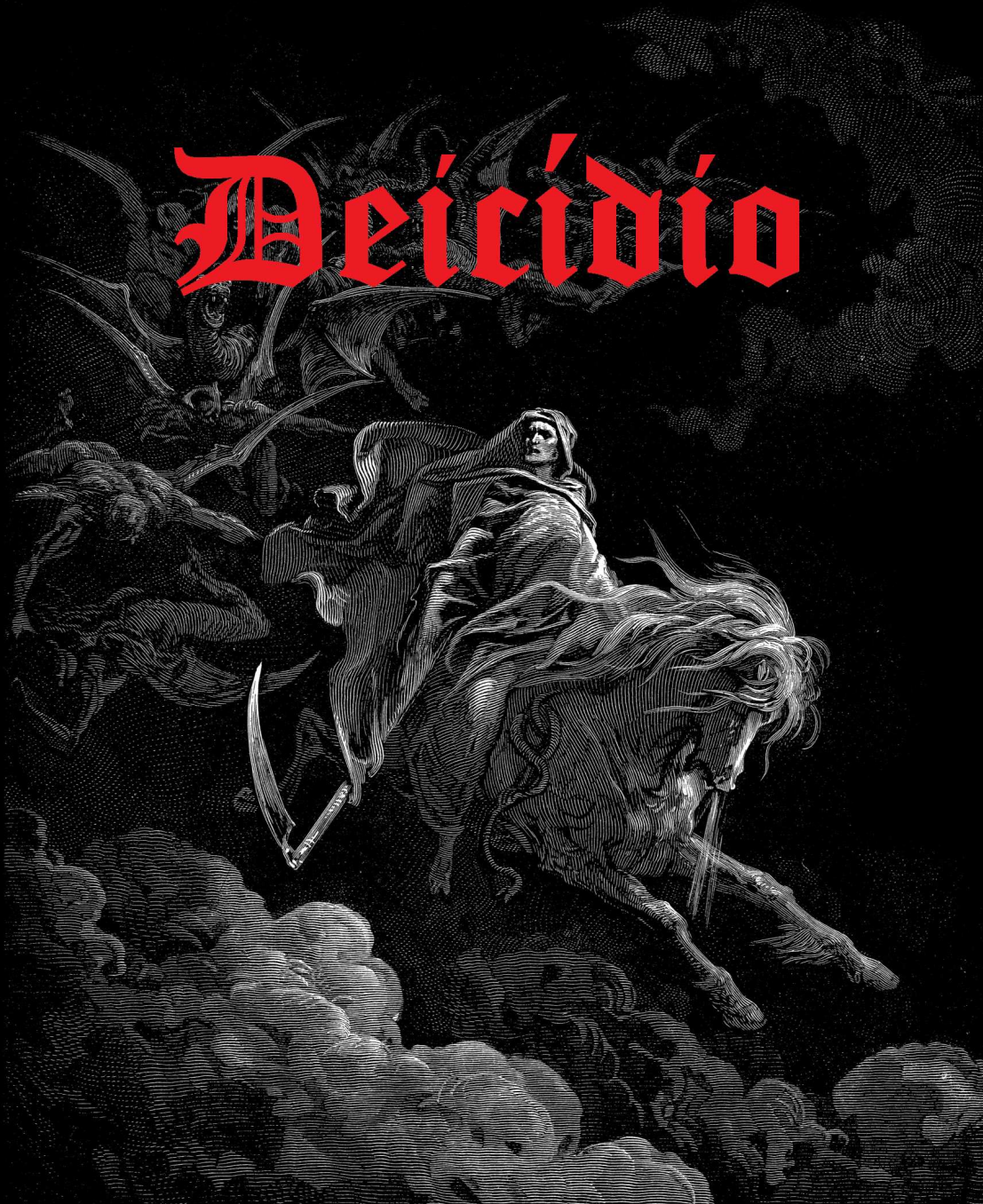


Marius Arthorius

# Deicídio



**Marius Arthorius**

# **Deicídio**

**1ª Edição**

**2013**



Esta obra possui registro de Direitos Autorais junto à Fundação Biblioteca Nacional. Sua reprodução completa ou parcial para fins lucrativos e comerciais sem a autorização do Autor implicará nas devidas penalidades legais.

Capa: *Death on a pale horse*, ilustração de Gustave Doré, 1865.

Arthorius, Marius.

Deicídio. Campos Novos, SC: M.A. Favretto, 2013.

192 f.

ISBN 978-85-922418-1-0

1. Contos – Literatura Brasileira.

I. Título.

CDD-869



## Sumário

APRESENTAÇÃO .....	7
LEVIATHAN ILLUMINATIO MEA .....	8
PURIFICAÇÃO .....	17
VINGANÇA .....	38
SACRIFÍCIO .....	42
ANTROPOFAGIA DIVINA .....	49
UM CONTO DE NATAL .....	56
ALEGORIAS DA INSANIDADE.....	60
BEELZEBUB CARNE VORARE.....	103
NUNCA IRRITE UM ESCRITOR.....	113
APENAS MAIS UMA MORTE.....	124
QUANDO DEUS PAGOU SEUS PECADOS .....	128
CARNIS VALLES.....	139
ESCRAVIDÃO.....	149
A CASA DE DEUS .....	154
ESCURIDÃO... O FIM.....	169
RELATIVIDADES ABISSAIS .....	179
Sobre o autor.....	193

# APRESENTAÇÃO

Deicídio, é o ato de matar uma criatura de natureza divina ou uma divindade. E assim, ao longo dos 16 contos apresentados neste livro a morte se oculta atrás de cada linha, por meio do terror visceral e grotesco nem mesmo as criaturas divinas escapam de se tornarem vítimas. Aprecie estas histórias, carregue-as em sua mente pelo tempo que sua vida durar. Decida qual é a pior situação, aquela em que o sobrenatural causa os horrores ou aquela mais similar com nossa realidade em que a natureza humana é a causa do mal, tornando os males muito mais possíveis de se tornarem reais.

Delicie-se ou enoje-se com estes contos de terror.

*Marius Arthorius*

## LEVIATHAN ILLUMINATIO MEA

Ela veio até mim como num sonho, o caos emergia nas profundezas de minhas entranhas, do escuro visceral veio o fogo purificador, ela queria me ajudar, me ofertar o que eu nunca tive em vida. Era minha fera interior, o dragão adormecido despertou para a noite eterna deslizando entre os muitos planos caóticos do universo. Naquela longa noite minha companhia era a fera que orientava meus movimentos e guiava minha mão para cortes perfeitos.

Embaixo das águas da consciência, nos profundos abismos do subconsciente, deste lugar veio este dragão. Meu desejo era ser como os outros, ter aquela beleza, ter aquele peso. Enquanto eles enalteciam seus corpos formosos em um exibicionismo barato diante das areias daquela praia. Eu me escondia por detrás das janelas e portas, trancafiado em minha residência, por vergonha do meu peso elevado.

Eu olhava para meu corpo, via as inúmeras dobras recheadas de tecido adiposo, eu mais parecia um ser sem forma específica. E aqueles olhares, como eu odiava aqueles olhares. O riso das crianças malditas, as brincadeiras ridículas daqueles seres entupidos de anabolizantes. Ainda assim, eu queria ser como eles, eu não queria mais viver isolado, eu



queria ter um corpo como o deles. Viver incluso no meio social, fazendo parte da grande maioria. Eu queria que as mulheres me desejassem da mesma forma como desejavam eles. Eu queria aqueles corpos, queria tê-los para mim. Eu desejava ser um modelo de estereótipo social para homem bonito, será que isso era pedir demais?

Naquela noite tudo mudou, naquela noite meus desejos mais ambiciosos e invejosos se tornaram realidade. Quando o dragão adormecido despertou, o caos tomou forma e do caos surgiu a vida. A fera, o dragão, a besta, chame como você quiser, o meu instinto tomou conta de mim, meu subconsciente aflorou e a consciência foi deixada de lado.

Eu sabia o local em que aqueles seres estereotipados viviam e para a casa de um deles eu fui. Eu queria aquele corpo para mim e assim eu o fiz. Vaguei pelas sombras tentando esconder as formas de meu corpo. Na mão eu carregava o melhor amigo do homem, um pedaço afiado e pontiagudo de metal gelado que muitos preferem chamar de faca, ainda assim o melhor amigo de todo homem. O melhor assistente para a resolução de problemas mal entendidos e discussões inacabadas, e até mesmo para silenciar algumas pessoas tagarelas que só proclamam asneiras.

Minha sorte era que em cidades pequenas as pessoas não se preocupavam com roubos e crimes noturnos, assim sendo, no verão muitos dormiam com as portas de suas casas

abertas. E ali eu estava, diante daquela casa simples, paredes pintadas de branco, um pequeno gramado na frente da casa. Duas janelas e uma porta, as três aberturas voltadas para a rua, sendo que a porta estava aberta. Olhei ao redor, nenhuma pessoa observava. Andei rumo a casa, entrei em sua escuridão.

Encontrei o morador pelo barulho de seus roncos. Ele dormia no sofá da sala, ali estava aquele corpo com músculos em excesso, ele logo seria meu e os lipídios de meu corpo seriam coisa do passado. Avancei passo a passo com a faca em minha mão, cheguei bem perto, precisava ser rápido, coloquei a mão sobre a boca dele e fiz a lâmina de metal rasgar a carne do pescoço. Ele acordou assustado, levantou-se de sobressalto tentando gritar, esse ato fez o sangue escapar por sua boca, mais sangue escorria do pescoço sujando o corpo bronzeado com o líquido imaculado.

Ele caiu no chão, com uma mão tentava estancar a hemorragia e com a outra tentava se arrastar até a porta. Deixei que o fizesse, para que não dissessem que fui impiedoso, prometi que se ele conseguisse sair da casa antes que eu contasse até dez eu chamaria ajuda, caso contrário eu terminaria o serviço, afinal eu queria aquele corpo para mim.

Infelizmente para ele a contagem foi rápida, avancei por sobre o corpo e fechei a porta. Virei-me para ele, observava-o asfixiar com o sangue. Pessoa clemente que sou

resolvi acelerar a morte dele e acabar com o sofrimento injusto. Mesmo todo o sofrimento de minha vida tendo sido injusto, eu ainda gostava de fazer caridade. Juntei meus pés e pulei sobre o crânio dele, fazendo o mesmo rachar e a pele arrebentar. Sujei meus calçados com o encéfalo asqueroso daquele ser.

Abaixei-me próximo ao corpo, finalmente, após tanto desejar ele seria meu, eu seria como ele, eu seria como todos os estereótipos sociais. Eu finalmente seria aceito no meio social, eu seria desejado e amado por todos os membros da sociedade. O dragão me impulsionava mais e mais, o trabalho precisava continuar. Com a faca comecei a cortar a carne dele, separando cada músculo do corpo, bíceps, tríceps, peitoral maior, gastrocnêmio, sóleo e tantos outros músculos. Eu festejava por ter esse sonho realizado, dançava com os músculos despedaçados.

Feito isso, a etapa final havia chegado, amontoei todos os músculos, tirei minhas roupas e sentei ao lado daquela massa inerte. Era chegado o momento, o caos dentro de mim deu a luz ao dragão, eu invoquei sua força e sua destreza, meu Leviathan havia me fornecido a iluminação e a sabedoria. Este era mais um momento especial.

Fiz uma incisão na parte baixa de meu abdômen, a dor era forte, mas a sabedoria milenar de Leviathan me fez suportá-la. Comecei a erguer minha pele como se eu

estivesse tirando uma camiseta, eu vi aquela massa branco-amarelada que formava meu tecido adiposo. Cravei meus dedos nesse tecido, sujando minha mão com aquela massa viscosa que se espalhou por entre meus dedos quando eu a apertei. Ah! Leviathan como me iluminaste naquele momento.

Arranquei a gordura de minha barriga e em seu lugar coloquei os músculos abdominais que eu tanto desejei em minha vida. Abaixei a pele sobre eles, ficou perfeito, apesar da dor que causava. O mesmo eu precisaria fazer em todas as outras partes de meu corpo. Não, eu estava enganado, não tinha ficado perfeito, era preciso mais. Minha pele não era atraente para a multidão, minha pele lacerada pelos anos em que ficou esticada ao extremo precisava ser substituída por algo novo. Eu queria a pele dele também, eu precisava, ele não a usaria mais, pois já estava morto.

Voltei até o corpo, senti aquela pele solta sobre os restos viscerais, deslizei os dedos sobre ela, não me serviria. Aquela pele tatuada não era de meu agrado, eu nunca tinha gostado de tatuagens, que ato mais horrendo pintar o próprio corpo. Eu precisava de outra pele, algo mais belo. Se minha obra de arte teria como suporte meu corpo, então eu queria apenas o melhor. Minha barriga ardia com a inserção dos novos músculos, uma sutura era necessária o quanto antes para evitar que os novos músculos caíssem enquanto eu andasse, assim eu o fiz. Reuni os outros músculos em uma

sacola, levantei-me para sair e ouvi um som vindo do quarto. Fui até lá para investigar.

Havia uma mulher dormindo ali, era a namorada daquele infeliz que tinha encontrado um destino mais digno servindo-me de forma útil. O motivo de terem dormido em locais separados? Eu não queria saber da vida dos outros, eu só estava ali para cuidar da minha própria vida. Aproximei-me da cama dela, a mulher estava nua e deitada de bruços. Eu vi suas formas iluminadas pelo luar e isso me causou uma ereção, não pensei duas vezes, pulei sobre ela e tampei a boca dela com minha mão evitando que seus gritos pudessem escapar daquelas lindas cordas vocais. Todo o peso do meu corpo evitava que ela conseguisse escapar, com a faca rasguei minhas roupas, elas não seriam mais necessárias, um dragão não usa tais vestes. Usando minhas pernas afastei as dela e adentrei no mundo carnal daquela mulher. Após trinta e cinco anos eu finalmente tinha me deitado com uma mulher e em meu êxtase soltei meu corpo sobre ela, pressionando-a contra o colchão e fazendo-a sufocar sob a fúria de Leviathan. Cansado e com a minha barriga ainda ardendo por causa dos novos músculos eu me levantei. Olhando aquele corpo feminino que agora estava morto.

Peguei a faca novamente e introduzi nos órgãos genitais dela, os lençóis brancos ficaram vermelhos com o sangue que verteu, uma falsa menstruação forçada. Cortei

uma linha reta na pele e fui abrindo-a até a garganta. Um corte superficial, eu queria a pele, portanto, muito sangue não deveria escapar. Comecei o trabalho de tirar aquele couro feminino, após uma hora enfim estava feito. Para minha tristeza a felicidade durou pouco, os prazeres acabaram e dor precisava retornar, eu tinha uma pele nova e precisava substituir pela antiga. Antes de iniciar a nova tarefa cortei os seios que estavam em carne viva, eu queria uma lembrança para brincar mais tarde.

Comecei a rasgar minha pele com a lâmina de metal, a dor era demais não importasse qual parte do meu corpo eu cortasse para extrair a gordura. Por fim consegui retirar a pele de minhas pernas apenas, feito isso raspei o excesso de gordura, sim eu seria belo finalmente! Apesar das lágrimas de dor que escorriam de meus olhos. Vesti a pele da mulher como se veste uma roupa qualquer, resolvi desistir da ideia de arrancar minha pele, isso era assaz doloroso. Eu estava em busca da felicidade e da realização de um sonho meu, não queria mais dores ainda.

Coloquei os músculos do homem entre a minha pele e a roupa de pele de mulher. Que bela obra de arte eu tinha me tornado. Com minha pele bonita e meus músculos malhados, só me restava esperar a luz do dia e sair para a multidão. Para que eu pudesse finalmente ser aceito. Fui até a sala novamente e ali me sentei, esperando o tempo passar e o sol

se levantar de seu berço, assim me ordenou o meu dragão interior.

O sol chegou e eu me levantei. Fui até a porta da casa, a multidão saía cedo para ir a praia, tomei meu caminho rumo às areias e ao mar. Todos me olhavam, gritavam de euforia ao me ver, as mulheres foram à loucura com minha forma física. Se antes eu os invejava, agora eles me invejavam. Desejavam ter o que eu tinha, aquela bela pele solta sobre meus novos músculos. Eu apenas caminhava e caminhava, queria as areias e queria o mar. Todos me admiravam, finalmente tive o meu reconhecimento. Roupas de couro humano, enfeitadas com músculos mortos que nunca mais funcionariam. Com aquela pele esticada sobre músculos mortos, um rastro de sangue marcava o caminho pelo qual eu tinha passado. Um tapete vermelho para o rei que passou.

Eu era a besta, a fera, o dragão em busca de seus sonhos. O dragão que despertou e saiu de suas fendas abissais para realizar seus sonhos. A fera que saiu da obscuridade para ser reconhecido. Mas meu tempo havia se esgotado, eu precisava retornar para os abismos dos quais eu me originei. Eu queria ser como os outros, eu desejava isso mais do que a minha própria vida, ter aqueles músculos protuberantes e aquela pele lisa e sedosa, o meu sonho eu realizei. As pessoas não conseguiriam compreender as minhas motivações ideológicas, eles ainda estavam atrasados

demais, portanto, assim como Leviathan levantou dos abismos marinhos, para esta casa, este lar acolhedor, para lá que eu retornei.

Caminhei rumo ao mar, senti a água salgada fazer arder loucamente minhas pernas sem pele original, rumei para o oceano, para ser livre, para tentar ser eu mesmo. Afundei nos mares revoltosos, o dragão precisava voltar para seu lar. Assim Leviathan ordenou, assim eu fiz. Senti a água do mar invadindo os meus pulmões, a agonia de não conseguir respirar, apenas afundar. Eu queria um lugar tranquilo, mesmo que ele fosse a morte.



# PURIFICAÇÃO

... lembre-se, eu lhe digo, do tempo, da pedra e do sangue, pois o tempo ainda é tempo. As lembranças nos remetem ao passado, por mais mórbido e horrendo que este seja. Esquecê-lo jamais, pois acabaríamos repetindo-o.

Lembre-se das mortes, a morte de poucos em prol de muitos. O sacrifício humano pelo futuro. O sangue derramado pela purificação. A flor que não se curvou perante a autoridade. Esmagada ela foi, mas seu legado permanece. Ecoando através do tempo, lembrado através das eras.

...

Em algum canto obscuro da capital, encerrado na cobertura de algum prédio no centro da cidade, o sacerdote Francisco fazia suas preces para Y'zuhr, quando foi interrompido por um de seus servos.

- Quais motivos fazem com que vocês interfiram minhas preces para Y'zuhr?

- Algo aconteceu, as coisas saíram do controle.

- Do que você está falando, vassalo?

- Serenidade não existe mais. Perdemos o controle, perdemos o poder sobre nosso solo mais sagrado.

- Não pode ser? Eles sempre foram os mais ortodoxos em relação as tradições! O sumo sacerdote irá arrancar nossa cabeças! Perdemos o solo sagrado do filho de Y'zuhr! Como isso foi acontecer? Não podemos deixar isso se espalhar ou tudo que levamos milhares de anos para construir estará perdido. Prepare minhas roupas imediatamente tenho que ir até o distrito federal falar com os governantes e com sacerdotes superiores. Quando somos infectados devemos eliminar a doença ainda em sua fase inicial, isso facilita o restabelecimento de nosso sistema. Assim precisamos fazer com esta rebelião. Sabe até que ponto a revolta já se espalhou?

- O povo de Serenidade conseguiu chegar ao continente, muitas cidades já aderiram a revolta. Sinto informar, mas todos os sacerdotes capturados, bem como os governantes, e pessoas que se opuseram a revolução foram mortas. Há relatos não confirmados de que revolucionários teriam chegado até Estados vizinhos, mas as fontes não são muito confiáveis. Infelizmente não sabemos nada sobre os planos deles.

- Maldição! – gritou o sacerdote, derrubou a imagem de Y'zuhr que estava em sua frente – Malditos hereges! Esse povo devia ter sido eliminado há milhares de anos! Como isso foi acontecer? Como? Vá! Prepare minhas coisas, preciso ir para o distrito federal.

- Sim, senhor sacerdote. – o servo fez uma mesura curvando-se para frente, baixou o rosto e se retirou dos aposentos.

...

O sacerdote Francisco já estava em seu carro, rumando para o aeroporto e de lá para o distrito federal. Ele se sentia inseguro, nunca uma revolta tinha atingido tais proporções ameaçadoras e nunca tinham perdido o controle sobre seu solo mais sagrado, Serenidade.

Agora ele tinha que cuidar de sua própria vida também. Pois seus superiores poderiam querer castigá-lo, já que ele era o possuidor do mais alto cargo neste Estado, isto o tornava o responsável por tudo que pudesse ocorrer. Então não seria nada prudente ele correr para pedir ajuda a seus superiores. Precisava ele mesmo encontrar uma solução para o problema. Mandar alguém averiguar a real situação da revolta. Isolar a região. Eliminar todos os responsáveis pela insurreição. Sim, o mais correto.

Mandou o motorista retornar ao prédio. Seguindo pelas ruas da cidade, inspirando a maresia, vendo as pessoas andarem de um lado para o outro, parte de uma organização, não uma sociedade. Somos seres gregários e não seres sociais. Apenas vivemos de modo levemente organizado. As autoridades facilitam nossa vida, pensam por nós, tomam

decisões por nós. E o povo apenas segue seu caminho sem rumo, seu caminho sem sentindo, louvando o inexistente. Liberdade implica em grandes responsabilidades. Responsabilidades estas para as quais muitas pessoas não estão preparadas.

Mas ele como autoridade não podia se dar ao luxo de ficar pensando sobre estes assuntos. É proibido, além do mais, ele é a autoridade. Ele comanda, ele governa. Ele dita as regras.

Já no seu apartamento, correu para o altar, para venerar Y'zühr. Buscando respostas. Não demorou para que vozes chegassem até sua mente. Vozes de Y'zühr? Não, apenas sua própria mente. Para Francisco era sua divindade. Mas nós inteligentes que somos conhecemos os efeitos das alucinações sobre o corpo humano. Sabemos que nosso consciente e subconsciente podem facilmente dominar-nos. Criando assim as mais variadas alucinações. Tal como uma pessoa alcoolizada ou drogada. Retirada da realidade, e imersa nas alucinações de seu cérebro. O sacerdote prosseguia com suas orações.

- Ó, grande Y'zühr, louvado seja o teu nome, venha ao teu reino e seja feita a tua vontade. Seu filho morreu para nos salvar, derramado foi seu sangue, comemos da sua carne. Vinho e pão. Sangue e carne do salvador na terra. Eu te imploro grande Y'zühr, luz do mundo, ilumine minha mente

nesse momento de dificuldade. – Nenhuma resposta veio ao sacerdote – Eu entendo, não queres falar comigo. Falhei para com sua vontade. Devo pagar penitencia por meus atos.

O sacerdote se levantou, olhando profundamente para a imagem de Y'zühr. O altar de madeira escura, rodeado por velas, que forneciam uma fraca iluminação. Agora ele andava até um armário localizado ao lado esquerdo do altar, abriu as portas. Dentro, em meio a tantos artefatos de tortura, que certamente ninguém gostaria de experimentar, o sacerdote escolheu uma pequena faca, em forma de semi-lua. Com talvez dez centímetros de comprimento total. Encarou o artefato de ouro por alguns instantes. A lâmina lisa e afiada. No cabo, inscrições na antiga língua de Y'zühr. “Yhrnach, sekhm nibem ohrlarum”, algo que poderia significar, “Purificado, suas sementes não mais trarão glória”.

Ele afastou-se do armário, voltou até o altar. Colocou a faca em frente a imagem da divindade. Parou por mais um instante. Saiu do pequeno templo. Foi até o telefone. Discou um número e aguardou.

- Alô? Sacerdote Miguel? Necessito de um favor. Preciso que traga três vasos para mim. Sim, da melhor safra e da melhor qualidade. Fértéis de preferência. Ofendi Y'zühr. E agora preciso redimir meus pecados. Obrigada.

Levaria algumas horas até a encomenda do sacerdote Francisco ser entregue.

O sacerdote Francisco aguardava pacientemente, sentado em frete ao altar de Y'zühr. Olhava para as paredes. Em cada uma delas havia a inscrição: Sit Y'zühr ilar Y'zühr ret nehr Y'zühr. Lindas palavras de salvação. Palavras que faziam ele se lembrar das histórias contidas no livro sagrado, Ohrlarum'emen skrypno, ou Livro Glorioso. Escrito por homens inspirados na grande divindade. Ditando as regras da deidade.

Nestas escrituras, haviam o registro da criação do universo por Y'zühr. No princípio haviam apenas escuridão do universo, a divindade chegou, e soprou, inflou o vazio. Com excrementos férteis fez a matéria. Os planetas e as estrelas. Tudo estava muito vazio. Ele moldou os seres vivos. Mas estes mostravam-se complexos demais. Então, fez o homem e mulher conforme sua imagem. Estes comeram e beberam da carne e do sangue de Y'zühr. Assim, adquiriram consciência e conhecimento... as lembranças do sacerdote foram interrompidas. Sua encomenda havia chegado.

Quatro servos já acompanhavam o sacerdote Miguel até o pequeno templo. O apartamento era enorme. Imagens sacras estavam espalhadas por todas as partes, assim como imagens demoníacas. As paredes eram brancas. O chão era

de mármore, as maçanetas das portas eram de ouro. Seguiram um longo corredor. Havia salas em ambos os lados. Ao final, o templo. Neste local encontraram Francisco. Ansioso, ele queria ver os seus três vasos.

O primeiro a entrar no templo, foi Miguel. Usando um terno preto, e uma gravata vermelha. Logo atrás vinham quatro servos, e entre eles, três formas humanas acorrentadas e usando longas roupas negras e as cabeças cobertas por sacos vermelhos.

- Olá, Francisco! Fico feliz por ver que você ainda está vivo! Pelo menos as ruas da nossa cidade ainda não foram infectadas com a revolta. Informaram-me que o governo já está se preparando para mandar o exército exterminar aqueles malditos. Creio que eles estão deixando a coisa se espalhar muito rápido. Devemos tomar o controle mais uma vez. Demos pão e circo ao povo e isso não bastou. Então tomemos as rédeas e demonstremos quem realmente possui o poder.

- Sim, Miguel. Isso seria o mais correto. Infelizmente, agora não é o momento para falarmos sobre isso. Eu preciso me redimir com Y'zuhr. Mande seus servos entrarem e trazerem os três vasos. Quero ver a qualidade deles.

- Que assim seja, mestre Francisco. Entrem vassalos! Tragam os vasos.

E assim fizeram. Levaram as três formas humanas, as quais eram chamadas de vaso, para dentro do templo. Enfileiraram em frente ao altar de Y'zühr. Tiraram os tecidos negros que cobriam os corpos, mas não os que cobriam os rostos. O que se viam, eram três mulheres. Em tenra idade. Corpos jovens e pele sedosa. Voltas tênues que atrairiam qualquer homem. Estas estavam submissas aos sacerdotes, como sempre na história das religiões as mulheres foram transformadas em objetos dominados pelos homens. Possivelmente por mexerem tanto com a mente do homem, e os sacerdotes, sendo homens, podem ter sentido-se revoltados com a atração. Que é contra as regras de Y'zühr. Para tanto, transformaram as mulheres em objetos. Atitude que ainda precisa ser extinguida com extrema urgência da sociedade.

Um sorriso sádico se instalou no rosto do sacerdote Francisco, ansiando pelos seus vasos. Sim, ele poderia se redimir para com Y'zühr.

- Francisco... – falou Miguel – preciso falar em particular com você.

- Claro, precisa ser agora?

- Sim.

Francisco ordenou que os servos saíssem, mas deixassem as mulheres acorrentadas. Ele então trancou a porta do templo, junto com Miguel se dirigiu para uma porta



que havia ao lado do altar, abriram, a claridade inundou o templo. Era uma varanda, ali os dois sacerdotes permaneceram, da altura viam toda a cidade, a maresia do mar chegava até os seus narizes. Na rua lá embaixo, as pessoas seguiam seus rumos, sem sentido, apenas servindo a um sistema monetário que tão logo entrará em colapso.

- Então Miguel, o que você precisava falar em particular?

- Você conheceu nosso grande mestre Proced melhor do que eu. E lembra-se dos ensinamentos dele, afinal ele aprendeu com o sumo sacerdote. Apenas os mestres sacerdotes sabem os segredos de nossas crenças. E tenho me preocupado com sua sanidade. Parece que você está se esquecendo qual a real função da religião.

- Não entendo o que você quer dizer?

- Você sabe muito bem o que eu quero dizer! Não finja que você não sabe! Proced nos ensinou que não existe nenhum deus! Nós usamos essa história como uma ferramenta para termos poder e controle sobre as massas populacionais! Toda e qualquer religião funciona assim. A questão é que você tem se iludido, parece que está realmente acreditando nessas histórias todas. Se continuar a agir assim, o conselho terá que dar um fim a sua vida. Você já falhou deixando a revolta se espalhar. Perdemos Serenidade, e nosso grande mestre Proced. Não deixe que todo o trabalho

que levou milhares de anos para ser realizado seja perdido pelos seus erros. Alienar as pessoas é fácil, mas de alguma forma, dessa vez, elas estão conseguindo se libertar dos dogmas, e nós estamos perdendo o poder. Não permita que esses acontecimentos continuem. Agora vá se divertir com suas mulheres e não faça nenhuma besteira de que vá se arrepender, eu vi a faca para castração em cima do altar. Não faça isso, apenas se divirta. Pois temos um trabalho duro pela frente.

- Tudo bem, me perdoe. Acho que posso ter passado dos limites um pouco. Vou tentar manter minha racionalidade.

De dentro do quarto o choro e o gemido chegavam até a sacada, as mulheres estavam com as bocas vendadas, e não podiam falar, muito menos gritar. O cheiro de medo se espalhava pelo ar. O sofrimento humano. Que poderia comover muitos, não comovia os sacerdotes, a não ser em alguma encenação para a multidão. Pois são devoradores de mentes.

Os sacerdotes voltaram para o templo, Miguel seguiu seu caminho para fora do apartamento. Francisco sabia que não seria importunado ali e permaneceu olhando os três “vasos”. Pensando em que deveria fazer. Foi até a direção delas. Retirou os capuzes. Todas possuíam rostos jovens. Aparentavam possuir vinte e poucos anos. Estavam nuas. Possuíam longos cabelos, duas morenas e uma loura. Um

volume aparecia nas partes baixas das roupas do sacerdote. Elas choravam e tremiam loucamente, imploravam liberdade. E tudo que o sacerdote fazia era sorrir. Nenhum sentimento era visível através de seus olhos, um sorriso frio e profundo. Ele fez elas deitarem de bruços no chão. Abaixou-se ao lado de cada uma, lambeu as costas delas. Acariciou os corpos. Levantou-se e foi até o armário.

Abriu as portas, olhou em meio a suas ferramentas de “purificação”, um chicote, simples e eficaz. O sangue purificaria o ambiente. Na ponta do chicote haviam ramificações e na ponta de cada ramificação havia um bola de metal. A insanidade se instalava no rosto do sacerdote. Seu coração pulsava loucamente, saliva escorria pela sua boca. Urinou, suas roupas ficaram molhadas, suas pernas tremiam. O cheiro infectou o templo. Agora ele precisava continuar.

Andou até as mulheres. Elas se contorciam no chão, buscando a liberdade em vão. Parou em frente delas, as pontas de metal do chicote encostaram no chão. Pressionou a mão, respirou fundo. Olhos das mulheres demonstravam inocência, seriam punidas por um crime que não fizeram. Assim como dezenas de milhares de pessoas vem sendo mortas ao longo da história humana em nome de divindades inexistentes e misticismo barato. Amigos imaginários que as pessoas inventam, superstições sem fundamentos. Lágrimas

dançavam loucamente deslizando pelo rosto de cada uma delas. Então o sacerdote entoou seu cântico de oração.

- Y'zühr, aqui estou eu, seu servo, meu deus. Minha carne e minha alma pertencem a você. Criador da vida, a luz que salvará o mundo. Sacrificou seu filho para nos redimir dos pecados. E agora eu o agradeço através destes três vasos, para que eu possa encontrar a salvação além da vida, e quando a morte bater em minha porta, eu possa enfim sentar-me ao teu lado. E livrar minha alma do Ni'vlek-Darmetuhüt, além das tentações liberais de Ahsor.

O único crime das mulheres ali presente foi ter questionado as supostas autoridades. Se elas fossem homens, ou seriam instantaneamente mortas ou torturadas de forma dolorosa até a morte, tudo em prol da purificação da “alma”. Mas como vivemos numa sociedade machista, onde as mulheres ainda lutam para conquistar seu direito e respeito, e onde as religiões, servem ainda mais para oprimir as mulheres. Tendo em vista que até a divindade monoteísta é vista como um homem, elas foram presas e mantidas vivas como escravas, para servirem aos propósitos masoquistas de sacerdotes de mentes corrompidas pela irracionalidade humana.

Francisco ergueu sua mão, num rápido movimento o chicote estalou no ar. Acertou a primeira mulher, rapidamente a segunda e a terceira. Sangue respingou no chão do templo.

As mulheres que estavam com as bocas vendadas tentavam gritar em vão. Apenas gemidos guturais tentando escapar de suas gargantas. Uma série de chicotadas seguiu-se, cortando e rasgando a pele das costas das mulheres, sangue rubro escorria até o chão. Elas se contorciam, e acabaram manchando outras partes do corpo com o sangue. O cheiro adocicado espalhava-se no ar. O sacerdote inspirou e gostou. Sim, havia agradado Y'zühr. Largou o chicote. Abaixou-se, sobre elas e começou a lambear os cortes nas costas das mulheres, uma por uma. Ele lambia, esfregava-se nas costas delas. E tudo que elas podiam fazer era tentar gritar e se libertar, em vão.

Não era mais possível distinguir quais das mulheres era morena e qual era loura. O sangue havia encharcado os cabelos. O sacerdote foi até a frente do altar. Pegou sua faca de ouro e retirou suas roupas. Seus olhos estavam distantes. Voltou-se para as mulheres. Escolheu a do meio. Estuprou-a repetidas vezes, e enquanto fazia o ato, usou a faca para cortar a garganta dela.

- Sangue purificado para Y'zühr salvador! – gritou o sacerdote.

O corpo da mulher estremeceu, suas forças se perderam. O sacerdote bebeu do sangue, e continuou com o ato. Mesmo que não houvesse mais vida no corpo. Largou a

faca, e voltou-se para as outras duas mulheres. Estuprou-as repetidas vezes, mas não acabou com a vida delas.

. . .

O sacerdote Francisco estava em seu templo, já tinha visto as notícias na televisão. O povo herege rumava ao seu encontro. Ordenou a seus sub-sacerdotes reunirem todos os fiéis, pois os representantes infernais estavam chegando e eles como representantes de Y'zuhr não poderiam deixar que nenhum mal acontecesse ao seu grande sacerdote Francisco, tendo em vista que este é o representante direto da divindade na terra.

Ele contemplava vagamente as duas mulheres ainda vivas, já tinha retirado o corpo do “vaso” que havia sido quebrado e limpado a sujeira. Essas duas permaneciam nuas, com a boca tampada, acorrentadas e deitadas no chão. Já não havia mais lágrimas para escorrer. Seus sentimentos foram destroçados, transformadas em objetos, é isso que se obtém em uma sociedade louca. Onde os homens que, por natureza deveriam amar suas mulheres acabam por transformá-las em nada. Talvez um dia todos os representantes do sexo masculino humano aprendam a respeitar suas verdadeiras “divindades”.

No entanto, esses eram pensamentos considerados impuros pelo sacerdote, afinal, o livro sagrado de Y'zuhr,

assim como alguns outros bem famosos. Eram vistos como sendo a palavra da suprema divindade. Deixavam bem claro que as mulheres devem permanecer em silêncio, sendo submissas aos homens, onde o homem governará a mulher (pensamentos ridículos e preconceituosos em nossa atual sociedade) e essa era a linha de raciocínio do sacerdote. Simplesmente porque estava escrito em um livro feito por homens supostamente inspirados em Y'zuhr, ele aceita como sendo verdade. O sacerdote repassa essa informação para o povo que em sua ignorante inocência, perante a imagem de uma autoridade, acaba por aceitar e engolir tudo como verdade. Afinal, suas mentes estão presas aos dogmas, através do medo de que se não aceitarem suas almas irão queimar no grande Ni'vlek-Darmetuhüt. Então, não importa o quanto uma pessoa foi boa em sua vida, mas se ela negou as palavras de Y'zuhr ela será severamente punida.

O que fazer com as duas? Dúvidas e mais dúvidas surgiam perante sua mente. E duvidar não era algo bom. Ele precisava se inspirar em Soathkra, o grande profeta criador do medo irracional no inexistente. Umas das personificações de Y'zuhr na terra. Seus fiéis iriam lhe proteger dos revoltosos. A devidas decisões já estavam sendo organizadas pelos sub-sacerdotes. Eles já sabiam o que deviam fazer. Agora bastava ele permanecer em paz consigo mesmo.

Levantou-se, foi até as duas mulheres, recostou-as na parede. Tirou o pano que tapava a boca delas. Elas não possuíam nem mesmo forças para gritar. Ou teriam? As lágrimas delas pareciam paradas no ar, e este, tornou-se denso e enevoadado. O tempo parecia parado, nada se movia, apenas o sacerdote. Ele olhou em volta, sem compreender o que acontecia. Num canto obscuro da sala, as coisas pareciam distorcidas, onduladas, e desta ondulação surgiu um homem, usando uma roupa negra de monge, com a face oculta nas sombras.

- Quem é você? – pergunta o sacerdote, deixando perceptível em sua voz o medo que toma conta de seu corpo.

- A questão não é quem sou eu. Eu sou aquele que driblou o tempo e o espaço. Meu nome, não vem a ser de seu interesse nesse momento.

- O que você quer de mim? Quem ou o que é você?

- De você não quero nada, mas sim quero que você faça algo para mim. O cheiro de medo é exalado do seu corpo, você fede como se estivesse em putrefação. Sua mente é corrompida, assim como, a mente de muitos sacerdotes. Sua consciência é medíocre, e seu tempo é curto, logo, o tempo deixará de ser tempo para você. A vida não é eterna e sua passagem pelo tempo estará encerrada, seus átomos serão coisas mais úteis do que você foi.



“Eu não sou quem, mas sou o que sou. Não sou deus, porque não existe nenhum deus, exceto a imaginação das pessoas. Não sou nenhum demônio, pois não existem deuses, logo, não existem demônios, nem almas, nem espíritos. Não alterei o passado, pois se tivesse alterado o passado, eu não existiria. Causando assim um paradoxo físico e filosófico. Como eu poderia voltar ao passado, matar aqueles que me criaram? Não posso, pois se isso tivesse acontecido, eu nem mesmo existiria nesse momento. Numa inter-relação entre presente, passado e futuro. O tempo se alonga e se distorce. Por vezes falhando em suas ondulações. Eu pertenço ao presente, não ao passado, e nem ao futuro, pois ele não ocorreu, apesar de existir algum determinismo aleatório, o futuro é incerto e instável. Eu apenas estou preso no presente constante, assim como você. Entretanto, aprendi a driblar o tempo e o espaço, em suas pequenas falhas ondulantes, ocasionadas por sua distorção. Eu sou Sonorhk, poderia dizer que sou um reflexo de Khronos, a antiga divindade do tempo.”

“Porém, o tempo não continuará sendo o mesmo para você! A morte se aproxima, leve, rasteira e rápida, do sul ela vem ao seu encontro. E não digo isso por saber o futuro, e sim, por saber analisar os fatos, e por procurar enxergar o que se passa pelo mundo. Livre da visão imposta por aqueles-que-governam e por vocês, aqueles-que-iludem. É apenas

uma questão de tempo, e fique sabendo que a mesma morte que você deu para essas mulheres, será a que você receberá.”

- Você só fala asneiras, e vem com esse truque barato! Querendo me enganar, eu sou um sacerdote de Y’zuhr, ele é o meu pastor! Como ousas me insultar!

- Me desculpe carneirinho. O lobo vem ao seu encontro e não existe nenhum pastor para protegê-lo. Você cometeu crimes e a própria sociedade se encarregará de fazer justiça. Não há como esperar por justiça “divina”. Não é assim que as coisas funcionam no universo. Você passou sua vida inteira acreditando em mentiras, como Proced já havia lhe avisado. Gostou das ilusões que o povo vivia, e resolveu prová-las! Agora morrerá sem ter conhecido a verdade racional fornecida por um pensamento cético. A irracionalidade tomou posse de sua mente. Acabou com o funcionamento de seu cérebro, da mesma forma que você fez com milhões de pessoas, e outros sacerdotes e governantes fizeram no mundo. Apenas visando o lucro de uma pequena elite, e o domínio sobre toda a população. Estes trabalhando como escravos. Servos do sistema econômico, governamental e religioso. Sem nunca poderem saber a verdade.

“Agora aconteceu algo nesta sociedade insana, algo que deixou aqueles-que-governam e aqueles-que-iludem com medo do povo. Haverá mortes, infelizmente, um mal que não

pode ser evitado. Melhor seria se a morte fosse destinada à pessoas como você. Infelizmente, todos estão curvados perante as probabilidades de os fatos ocorrerem ou não. Entenda isso. Agora volte para sua vida, pois o tempo ainda é tempo. Para você, apenas por enquanto.”

“O povo se perde em seu dia-a-dia, ignorantes, irracionais, poucos conseguem se libertar. São como robôs, fazendo sempre a mesma coisa. Aqueles-que-governam ditam as regras, a moda diz como as pessoas devem se vestir, aqueles-que-iludem ocultam a verdade, compre, use, faça, tenha... assim segue a sociedade rumo ao colapso. Não será em um dia que a revolução será feita, é um processo lento e gradual, uma escalada lenta e árdua, por vezes havendo quedas, os sinais são perceptíveis, o tempo está deixando de ser tempo para os membros desta sociedade.”

O corpo inteiro do sacerdote tremia loucamente, mais uma vez ele havia urinado em si mesmo, caiu ajoelhado no chão, procurando apoio com as mãos. Aquele que driblou o tempo e o espaço já se afastava, para sua ondulação temporal. A névoa começava a se dissipar e o ar voltava ao seu estado normal.

Quando o tempo voltou ao normal, as duas mulheres se assustaram ao ver o sacerdote instantaneamente em um local diferente, e ajoelhado no chão. A respiração dele era ofegante. Elas não ousaram dizer nada, pois estavam em uma

situação complicada. Poderiam facilmente serem mortas pelo homem ali presente. Ele se levantou, ainda tremulo com a respiração ofegante. Olhou em volta, tudo parecia normal, ao menos na concepção de normalidade que ele possuía. Andou cambaleando até o altar, se apoiou no mesmo.

- É culpa de vocês... – disse Francisco com uma voz quase inaudível.

- Culpa... nossa? – perguntou uma das mulheres.

- Sim! Tudo culpa de vocês! Suas duas malditas, Y'zühr continua furioso comigo. Ele deseja mais sangue para purificar este ambiente!

Ao longo da história da humanidade as mulheres sempre foram oprimidas pelos homens, entretanto, algumas das ideologias que mais contribuíram para que as mulheres fossem perseguidas, torturadas, humilhadas e assassinadas cruelmente, foram as crenças e superstições. E aqui observamos mais um louco sacerdote, utilizando-se da ilusão popular para cometer suas atrocidades insanas.

- Sim! A culpa é de vocês, colocam desejos em minha mente! Suas feiticeiras malditas, Y'zühr cuidará de vocês duas.

Do altar o sacerdote retirou uma longa espada de ouro, virou-se para as mulheres que gritaram com todas as suas forças, ninguém viria ajudá-las. O sacerdote caminhou até as duas, e decapitou-as. Uma de cada vez, as cabeças

rolaram até o chão, espalhando sangue. Os corpos sem as cabeças estremeceram, jatos de sangue saiam pelo pescoço, primeiro jatos fortes e depois enfraquecendo até pararem. Um sorriso se instalou no rosto de Francisco, sua missão foi alcançada. Y'zühr perdoaria ele. A felicidade ilusória voltaria para sua mente, da mesma forma que habita a mente de toda pessoa alienada deste mundo.

Pastando como um cordeiro perante os olhos do pastor, tentando acreditar que nenhum lobo irá te ameaçar. Uma doce ilusão. Deixando as outras pessoas tomarem as decisões por você. Negando o pensamento e a racionalidade. Acreditando que o mundo é rodeado de mistérios paranormais. Como se todas as fantasias inimagináveis fossem possíveis e houvesse segredos e mistérios por todos os cantos. Enfiar as caras em livros de misticismo e superstição, pois não conseguem enfrentar os problemas da vida. Tentam acreditar que esta vida é apenas uma passagem, para algo melhor, e caem em um mundo de mentiras.

# VINGANÇA

A vida é uma rotina, da qual podemos nos cansar facilmente. Como encarar a realidade, se nós estamos imersos na miséria e na desgraça? Para resolver todos os problemas com um único ato, um único golpe fatal, assim deve ser. Mas este personagem que aqui vemos, eles estava cansado, a realidade o consumia e a ilusão não o atraía. Como ele poderia decidir a melhor solução de todos os seus problemas? Como acabar com todo o sofrimento e todas as dúvidas de uma única vez? Seguir em frente na vida não parecia mais uma solução aceitável.

Durante anos e anos ele rezou aos céus, esperando alguma resposta, nada recebeu, a divindade não o ouviu, se é que algum dia existiu algum deus. Isso já não importava, questionamentos como esse haviam perdido seu valor. No final, tudo perde seu valor, pois valor é apenas mais um conceito, que ofertamos para as coisas e as situações. Em um dia de sua vida ele havia amado, amado o mais intensamente possível, isso agora era passado. Mas um passado recente. Ela fugiu com outro homem. E ele ficou só. Vendo os dois partirem acelerando num carro preto, rumando numa longa avenida, durante uma noite de verão. Ela queria novas

experiências, e ele queria apenas amar o mais intensamente possível uma única pessoa. Infelizmente essa sociedade parece apreciar a poligamia e desrespeitar a monogamia. Ela partiu e ele ficou imerso em seus pensamentos.

Bem se sabe já há muito tempo que na dor todo sentimento se transforma, deixa de ser um, para tornar-se outro. Como afogar as mágoas quando tudo perde sentido, e nem mesmo a bebida alcoólica parece ter efeito, a vida torna-se um fardo. A mente se transforma, todo o caráter da pessoa se transforma. Pois a dor modela e remodela todo caráter humano. Se as bebidas não faziam mais efeitos, ele só podia encontrar uma única saída para acabar com o sofrimento. Quando queremos melhorar as coisas em definitivo, geralmente dizemos que é preciso cortar o mal pela raiz. Essa talvez fosse a melhor solução para esse nosso personagem. Se álcool não resolve, o machado resolve. A lâmina fria e afiada pode resolver todos os problemas.

. . .

Os corpos de ambos estavam em sua frente. Aquela que ele amava e o amante. O carro preto com os vidros quebrados e aqueles dois corpos inertes no chão. Dois crânios abertos, derramando para o mundo o conteúdo que abrigavam em seu interior, massa encefálica enfeitando o chão. Sangue rubro tingindo a situação. Havia ainda mais dez

machadadas espalhadas pelo corpo de cada um. Os membros ainda precisariam de mais algumas machadadas para serem separados do corpo. Afinal, um bom lenhador sempre termina o trabalho que começou. O mestre açougueiro precisa de sua carne fresca, para saciar a fome da vida, para afogar as mágoas que o álcool não conseguiu.

Ele estava agachado próximo aos dois corpos, com o machado sobre suas pernas. Olhava para os corpos e para o céu.

- É deus, você não salva ninguém mesmo.

. . .

Ele estava no alto de um prédio, em torno de dezessete andares. Não muito alto. A queda seria rápida, o tempo esperando o fim seria mais curto ainda. A polícia logo encontraria os corpos e dentro de alguns dias provavelmente viria atrás dele. Sua vingança estava feita, trouxeram sofrimento para ele e receberam na mesma moeda. Porém seus planos ainda não estavam prontos. Mais detalhes precisavam ser postos em prática. A vingança tinha mais um alvo, aquele que não tinha atendido as suas preces. Ele não sabia se deus existia ou não. Se não existisse ele apenas morreria, nada mais. Porém, se deus existisse, ele tentaria encontrar um jeito de destruir essa criatura cruel que o fez sofrer tanto. Só havia um jeito de completar seus planos, abraçar a morte e o fim da vida.



Pulou do alto do prédio. A queda foi rápida e o fim extremamente doloroso. Seus órgãos espalharam-se por todos os lados, sua pele arrebentou em diversas partes, seus ossos foram esfaqueados. Somente para descobrir, que nada havia após a morte, nada além da morte, da eterna escuridão e o vazio. Ele agora apenas descansaria, dormiria sem sonhos, para nunca mais acordar.

# SACRIFÍCIO

Os céus estavam vermelhos, os sons vindos do céu proclamavam a fome de deus, ele precisava de sacrifícios.

. . .

Era uma bela manhã de dia sagrado, como todo dia sagrado Caim seguia alegremente até o templo de sua cidade, localizada no centro. Ele se considerava um homem agraciado por ter o nome de um dos maiores servos de seu deus e, querendo que seu filho também vislumbrasse essa alegria, denominou-o de Samael. Nesta manhã ele rumava para o templo, agradeceria a seu deus pelo aniversário de seis anos de seu pequeno filho.

Chegando diante do templo, uma longa e larga escadaria de pedras levava até uma grande porta de madeira grossa e escura. O templo possuía duas grandes torres em suas laterais, ornamentadas com inúmeras estátuas de anjos esculpidas em rocha. Acima da porta havia uma escultura de seu messias. Caim subiu a escadaria, a porta estava entreaberta, o murmúrio das vozes se espalhava pelo amplo pavilhão que formava o templo. Em seu interior o templo era

ornado com inúmeras vigas em arcos e vitrais coloridos contando as histórias sagradas.

Muitos dos cidadãos da pequena cidade estavam ali, o sacerdote estava em seu altar com castiçais de ouro e uma toalha vermelha. Caim seguiu até o primeiro banco e o mais próximo do sacerdote. Queria receber por completo as palavras de seu deus. A cerimônia começou e tão logo o sacerdote começou a citar as passagens do livro sagrado, Caim começou a ouvir vozes e murmúrios em seus ouvidos. Olhou para os lados, mas todos estavam silenciosos e atentos ao que o padre dizia. Não demorou e começou a ver clarões vindos do teto do templo. Uma claridade vermelha irradiava dos céus, as outras pessoas nada percebiam, porém ele quase não conseguia deixar os olhos abertos, tamanha a intensidade da luz vermelha.

Caiu no chão e começou a se arrastar rumo ao altar. Uma dor de cabeça horrível começava a se espalhar em seu crânio. A multidão toda se levantou para observá-lo, o sacerdote correu para socorrê-lo.

- Sacerdote, você não ouve? Ele está aqui, ele está falando comigo! Eu ouço a voz dele! – falou Caim.

- Acalme-se, meu filho, você deve estar passando mal. – falou o sacerdote.

- Por que, sacerdote? Você sabe que eu rezo todos os dias, sabe que sou religioso e agora que deus resolve

responder minhas preces você diz que eu estou doente? Por quê?

- Ah! Sacerdote, eu ouço ele. Deus tem uma missão para mim. Uma missão importante.

. . .

Horas depois, na casa de Caim...

- Samael, ouça com atenção. Deus falou comigo hoje! Ele tem uma missão para mim. Porém, não conseguirei realizar sozinho. Vamos ter que ir até nossa plantação de milho no alto da montanha, lá ele nos dirá o próximo passo que devemos tomar. Venha com seu pai e vamos ao encontro de nosso pai celestial.

. . .

Caim e Samael caminharam durante meia hora até chegarem ao alto da plantação, neste local havia um conjunto de rochas. Samael correu até o local, adorava brincar ali, imaginava que aquele era seu castelo e do alto da montanha podia avistar a aproximação de qualquer inimigo. O dia estava ensolarado e umas poucas nuvens estavam dispersas no céu, uma luminosidade calorosa e uma atmosfera limpa, Isaque sentia o calor do sol sobre sua pele jovem, imaginando como aquela fonte de energia podia ser tão forte. Os dois organizaram algumas pedras formando um pequeno altar,

Samael apenas seguia as ordens de seu pai, afinal todo filho sempre espera que perto da figura paternal exista apenas confiança e proteção. Triste daqueles que descobrem que nem sempre é possível confiar em seus pais e nem contar com a proteção destes.

Em sua mente Caim continuava a escutar a voz de deus, e como não obedecer tais ordens? A vida eterna era a melhor das promessas que ele poderia querer. Se deus pediu a ele que entregasse seu filho como sacrifício, assim ele o faria. Uma vida de outro não vale a perda da vida eterna. Ele era tão apegado a seus amigos imaginários que mataria toda a sua família em troca deste benefício próprio ou para atender ao pedido de uma figura autoritária. Quantos não são os religiosos que crêm apenas por desejarem viver para sempre ou para tentarem obter benefícios próprios, assim como todos aqueles que querem benefícios divinos apenas nos momentos de dificuldade. Muitos são os que se lembram da divindade apenas quando precisam. Não se igualam aos políticos corruptos que todo o povo odeia?

Eles terminaram de organizar o altar de pedras, Caim abraçou seu filho e agradeceu-o pela ajuda. Já imaginando o sabor da vida eterna em troca desta vida miserável.

- Meu filho, você gostaria de ver nosso deus? Você gostaria de realizar o desejo de todos os fiéis? Encontrar-se com nosso pai celestial, com o nosso criador e protetor?

- Sim, papai! – respondeu Samael com felicidade e um sorriso estampado no rosto.

- Pois você o encontrará hoje! – respondeu Caim.

- Oba! Oba! Papai! Quando que vou ver ele? – perguntou Samael.

Caim pegou seu filho no colo, colocou o sobre o altar.

- Deite-se filho. Logo você há de o ver chegar. – falou Caim.

- Sim, papai!

Enquanto Samael se arrumava sobre as pedras Caim retirou uma faca de dentro de suas calças. Uma faca enferrujada com a lâmina bem afiada, utensílio que havia sido utilizado para matar diversos porcos. Quando Samael se deitou, no mesmo instante Caim colocou sua mão sobre os olhos do menino, segurando a cabeça dele e passou a lâmina da faca sobre a garganta da criança. Abrindo uma fenda por onde o ar da respiração se misturava com o sangue, fazendo o líquido vermelho borbulhar e escorrer sobre as pedras sujas de terra. O menino não conseguia gritar e nem respirar, contorcia-se freneticamente, olhando para o céu, buscando auxílio com as mãos e procurando a ajuda paterna. O pai se afastava do filho, rindo pela vida eterna e chorando pela morte do filho.

A criança se arrastava no chão com uma fenda aberta no pescoço, pequenos ganidos saíam de sua boca. É quando

um anjo de asas vermelhas flamejantes aparece nos céus, suas formas femininas, longos cabelos brancos que se misturavam às penas brancas das asas impressionaram Caim que prontamente se curvou em reverência.

- Ah! Caim! O que fizeste bom homem? Tu és digno do maior dos prêmios, receberás a vida eterna como prometido por deus.

- Amém! – respondeu Caim não conseguindo conter sua felicidade.

O anjo abaixou-se ao lado de Samael, alisou seus cabelos ensanguentados. Levou a mão suja de sangue até a boca e lambeu os dedos. Da cinta que trazia em sua cintura desprende um cálice de ouro brilhante. Ergueu a criança pelos cabelos, colocou o cálice abaixo da fenda no pescoço, enchendo o vasilhame com o precioso líquido rubro e com as lágrimas da criança que agonizava. Feito isso a largou no chão onde estava, tampou o cálice, andou até Caim. Beijou-o na boca. Olhou para o céu, abriu asas e voou rumo ao Sol.

Samael estava morto, assassinado pelo fanatismo sanguinário daqueles que seguem uma divindade cruel e impiedosa. Caim sorria. Tirou a camisa esfarrapada e suja de terra, empunhou novamente a faca que trazia consigo e cortou uma cruz em seu peito. Largou o utensílio sobre o cadáver do filho e começou a correr montanha abaixo. Precisava conversar com o padre, pois tinha uma nova

missão e tinha um segredo para contar. Ele descobriu que deus apreciava o sangue humano e por isso mantém o rebanho com tantos cordeiros, pois cada inocente que morre, é uma prato cheio para a divindade e para sua horda de cães alados.



## ANTROPOFAGIA DIVINA

Mais uma manhã de domingo tinha iniciado, não ensolarada e radiante. Era um dia de inverno, o céu estava encoberto com nuvens baixas e o vento frio soprava forte, eventualmente uma leve garoa marcava presença. Valefar acordou cedo, como todo domingo ele tinha o hábito de ir até ao templo, agradecer ao seu deus por mais um dia de vida. Como se a vida fosse uma grande dádiva e seu preço só pudesse ser pago com a própria vida.

Ele vestiu sua melhor roupa, terno e gravata para estar diante do grande pai celestial. Por que será que muitas pessoas se vestem tão bem para irem até seus templos? Se os deuses são tão poderosos não é uma roupa mundana que vai mudar suas avaliações referentes às pessoas, afinal, se são divindades eles podem sondar a mente e a vida das pessoas descobrir quem elas realmente são. Uma roupa é apenas um disfarce da carcaça que nos compõe.

Com o frio que estava se arrependeu de ter colocado tal roupa, mas a deidade o protegeria das doenças, assim ele pensava. Apesar de que se assim fosse, não precisariam existir médicos e hospitais. As pessoas agradecem aos deuses pela cura das doenças, esquecem-se dos médicos, se

as divindades fosse, o que afirmam que elas são, não existiriam pessoas doentes.

. . .

O templo estava cheio, os desconfortáveis bancos de madeira escura estavam com todos os locais ocupados. Valefar chegou atrasado e teve que ficar de pé, atrás do último banco. Ele apreciava o ambiente, todos os vitrais, esculturas, as vigas e pilares que formavam numerosos arcos que sustentavam o teto. Como sempre atrás do altar usado pelos sacerdotes havia uma grande imagem da divindade, neste templo era uma estátua entalhada em madeira e cuidadosamente pintada, com o sangue nítido escorrendo das mãos. Lá fora o vento estava cada vez mais forte e a garoa começava a se transformar em chuva torrencial.

Quem estava fazendo a cerimônia era o sacerdote-chefe, ele falava e todas as pessoas ouviam atenciosamente. Ele ordenava como as pessoas deveriam viver, e elas por não saberem viver por si mesmas, por não saberem pensar por si mesmas, obedeciam tudo, assim encontravam o alívio de viver ao jeito dos outros e não precisarem agir de forma diferente.

O sacerdote-chefe encerrou suas palavras e após alguns cânticos, as pessoas começaram a formar filas para que recebessem o corpo símbolo de sua divindade. O templo

estava cheio, as filas se estendiam do altar até a porta frontal e ainda assim haviam inúmeras pessoas sentadas. Valefar entrou em uma das filas, esperou e esperou, o ar dentro do templo estava abafado, ele começou a se preocupar, pois tinha problemas de saúde relacionados à pressão baixa, temia que a situação o fizesse desmaiar em meio à multidão.

O desmaio talvez tivesse sido um acontecimento melhor ao que o aguardava, Valefar suava e tremia, começou a ficar nervoso, ouvia vozes estranhas entre as pessoas, via vultos de formas humanóides deslocando-se rapidamente entre os diversos recantos do templo. Olhava assustado para os vitrais e via as imagens falando com ele. Não entendia o que elas diziam, mas falavam com ele, essa era sua única certeza.

Uma forte luminosidade irradiava do chão e todas aquelas pessoas que agora mais pareciam cadáveres parados, estacados no chão, estavam todos olhando para ele. Repetiam as mesmas palavras dos vitrais, mas ele não conseguia entender. Todas aquelas pessoas com suas peles cinzentas e esverdeadas, enrugadas e soltando pedaços de pele podre. O que aconteceu com a realidade? Ele não fazia a menor ideia.

Tentou sair daquele lugar, sua ação fez com que as pessoas ali presentes fizessem um círculo ao seu redor. Aqueles vultos escuros pulavam pelas paredes rodeando-o,

como se fossem tubarões que espreitam suas presas. Olhou para o círculo de pessoas mortas, aqueles olhos escuros e decompostos, a vasta escuridão da morte estampada naqueles rostos asquerosos, sendo corroídos por vermes e decompostos por bactérias. Um líquido preto escorria dos corpos mortos, originado da decomposição e molhava o chão por todos os recantos, tingindo o assoalho de madeira e manchando os tapetes vermelho.

Os cadáveres e os vitrais continuavam a dizer as mesmas palavras, ele não compreendia. Resolveu chegar perto de um dos mortos para tentar ouvir o que diziam, escolheu um que não estivesse em estado muito avançado de decomposição e assim suas cordas vocais ainda não estivessem completamente decompostas. Ele estava frente a frente com uma mulher morta, aproximou seu ouvido da boca dela, trancando a respiração para não inspirar aquele ar pútrido que saía das estruturas que um dia foram os pulmões dela. Ele conseguiu entender as palavras, a mulher repetia constantemente.

- Coma da minha carne e beba do meu sangue, assim falou Ukobach.

Os vitrais então começaram a olhar para o altar e os cadáveres se separaram abrindo um caminho até este local. Os vultos enevoados se deslocaram e ficaram em pé, próximos ao altar, formavam duas filas, um em cada lado do

largo altar, coberto com uma toalha branca e sobre o qual estava alguma coisa grande coberta com um manto vermelho de seda. Todos os cadáveres se voltaram para Valefar e gritaram.

- Coma da minha carne e beba do meu sangue!

Valefar tentou andar para trás e acabou esbarrando em mais cadáveres. Eles empurravam-no rumo ao altar e em direção àqueles vultos obscuros. Ele tentava passar por entre a multidão de mortos, sujando-se entre os restos pútridos e asquerosos daquelas pessoas, e estas o empurravam cada vez mais em direção ao altar. Não havia como escapar daquele templo. Parecia que a todo instante surgiam mais e mais cadáveres, emergidos das tumbas profundas e fétidas que se ocultavam abaixo das estruturas daquele santuário. Os vultos obscuros pareciam estar respirando cada vez mais rápido e produziam um zumbido irritante que parecia estar levando Valefar rumo à insanidade.

Ele já estava diante da escadaria de seis degraus que levava ao altar, pôde perceber que a forma abaixo do manto vermelho era uma pessoa. Viu também que o manto era vermelho por estar encharcado com sangue, gotejava lentamente sobre o chão. Foi então que Valefar também percebeu que o tapete era vermelho por estar impregnado com aquele líquido vermelho que circula pelo corpo de tantos seres vivos.

Os vultos se aproximaram dele, ergueram-no e levaram-no para trás do altar. Quando tais seres obscuros encostaram nele, Valefar sentiu como se estivesse sendo congelado e viu uma cena em sua mente. Viu inúmeros corpos sendo queimados, corpos que estavam amarrados em grandes palanques de madeiras e eram incendiados ainda com vida, enquanto uma multidão eufórica gritava e gargalhava do sofrimento.

Diante do altar mais imagens apareciam em sua mente, ele viu povos indígenas sendo massacrados por terem crenças diferentes das suas. Viu a cultura e as tradições destes povos caírem no esquecimento por estarem em desacordo com os ideais dos possuidores de tecnologia avançada. Quando voltou a si, viu que os cadáveres formaram um círculo ao redor dele e do altar, controlando esse círculo estavam os vultos que se moviam rapidamente de um lado para outro diante dos cadáveres sempre emitindo seu zumbido ensurdecedor.

Valefar olhou para o altar e viu que o manto ensanguentado estava jogado ao chão, pôde ver a forma humana nua que ali se encontrava deitada. Ele olhava para si mesmo, era seu próprio corpo já velho e morto que se encontrava diante dele. Com sangue escorrendo do umbigo. Foi quando do alto, do teto do templo surgiu uma claridade azul intensa, como se o teto tivesse desaparecido e o céu

estivesse descendo. Os cadáveres caíram ao chão e se contorceram como se sentissem dores, escondiam-se embaixo dos bancos de madeira, choravam desesperados. Os vultos gritavam e tentavam encontrar algum local para se esconderem, ou alguma abertura para escaparem daquele local. Uma forma humanoide, nua, grande e obesa surgiu por detrás de Valefar.

Valefar virou-se e a forma humanóide falou para ele.

- Como da minha carne e beba do meu sangue para entrar em meu reino. – dizendo isto o ser arrancou um de seus mamilos, segurou a cabeça de Valefar forçando-o a comer aquele pedaço de carne ensanguentada. Estava feito, Valefar começou a ver seu corpo apodrecer, ele começou a ser tornar mais um cadáver. Igual a todos os que ali estavam. Agora ele fazia parte do reino de Ukobach.

## UM CONTO DE NATAL

Lilith era só mais uma mulher trabalhando como prostituta em uma cidade portuária no litoral de Santa Catarina. A vida tinha pregado duras peças nela, a falta de dinheiro e seu trágico envolvimento com drogas a fizeram tentar ganhar dinheiro por meio do sexo. Como dizem pelo mundo afora, se uma divindade já complicou sua vida, ela vai piorar ainda mais sua situação, pois elas são cruéis. Fornecem livre-arbítrio para as pessoas, mas no fim esse arbítrio nunca funciona, pois não escolhemos se vamos adquirir uma doença ou não, se vamos ser assassinados ou não, e assim viver ou morrer.

Só precisamos saber de um fato sobre o passado dela, pois nos concentraremos no presente. Não tardaremos em retornar para a narrativa, pois sei que é sangue, carne e violência o que os instintos de todos mais desejam. Há nove meses, sentada em algum recanto de um beco escuro, ela havia tomado alguns chás alucinógenos. Em suas alucinações ela viu uma forma humanoide se aproximar dela, esta forma estava envolta em uma luminosidade intensa, parecia quase angelical.



A forma era um homem que estava passando e, vendo-a naquele estado, se aproveitou da situação e estuprou-a. Para ela, era apenas mais uma de suas muitas visões induzidas por drogas. Ela nunca soube desse ocorrido e por vezes pensava que seu filho fosse um milagre, mas bem sabemos que crianças não nascem de um passe de mágica e que mulheres virgens não ficam grávidas por partenogênese.

Nove meses depois, 21 de dezembro, o resultado do estupro chegou. Numa noite quente de verão, ela estava trabalhando para três homens em um beco atrás de uma fábrica. Deitada sobre um monte de papelão, eles se assustaram quanto ela começou a se contorcer com dores. Por um momento ficaram abismados, mas logo o álcool continuou a agir sobre o sangue deles. Começaram a rir da mulher nua que se contorcia em meio à imundície. A criança começava a aparecer saindo dos órgãos genitais dela, a mulher gritava, os homens riam como três reis que assistem a um teatro de comédia.

Um deles se abaixou e quando a mulher achou que teria ajuda ele tampou a boca dela com as mãos, sentou sobre o tórax dela para segurar os braços dela com suas pernas. O segundo não tardou em segurar as pernas da mulher, deixou-as bem abertas, pôde ver o rosto da criança que começava a aparecer e escarrou sobre a face do infante.

Tão logo nasce e o mundo já o recebe com toda sua realidade.

O terceiro correu até a criança, a princípio meio incerto, mas logo a ajudou a sair de dentro do ventre materno, ergueu o infante nos ares, deu-lhe um tapa na face para que chorasse e assim respirasse. Os três homens riram. A mulher chorava euforicamente. O terceiro homem largou a criança no chão úmido e foi até um lixeiro próximo e ali encontrou o que procurava, alguns pregos velhos e enferrujados. Também juntou um pedaço de madeira resistente.

Sem cortar o cordão umbilical, encostou a criança na cerca feita de madeira compensada que rodeava a fábrica no beco onde eles estavam. Segurava a prole por uma das mãos, colocou um prego sobre a pele dele e com a madeira cravou o metal no pulso do bebê. O choro ecoava noite adentro, ninguém escutava, pois quando as pessoas estão se entupindo de comidas e presentes não há motivos para se preocuparem com as que morrem solitárias, apodrecendo vivas com fome e doenças. E nem mesmo a deidade levanta suas nádegas do trono divino para ajudar os inocentes que morrem indefesos. Pregos também foram colocados no outro pulso e nos pés da criança. A prole ficou na posição de um crucificado, preso na madeira e chorando. Nasceu e tão logo morreu, viver é se arriscar a morrer e voltar para o local de onde viemos, voltar para a eterna escuridão.

O homem virou-se para Lilith e sorriu. Todos sorriam, estavam todos se divertindo numa feliz noite de Natal. Apenas Lilith que com a boca tampada tentava gritar desesperada e já nem tinha mais forças para tentar se libertar, seus músculos estavam enfraquecidos, logo suas cordas vocais parariam de funcionar também.

- Agora que encerramos o contratempo e pausa de seus serviços, jovem Lilith, ainda temos mais duas horas de diversão conforme lhe pagamos. – Os três pularam sobre ela e continuaram com o que haviam começado antes da criança nascer, ela apenas fazia o que mandavam, havia chegado ao ponto máximo de sua decadência se tornando um objeto em troca de dinheiro, numa tentativa de sobreviver em um mundo egoísta de pessoas indiferentes. A criança ainda chorava pregada na parede, ligada à sua mãe pelo cordão umbilical, Lilith sangrava em seus órgãos sexuais e os três homens se aproveitavam da fraqueza dela. A noite seguiu, calada, gelada, indiferente. Em algum lugar próximo uma família feliz comemorava mais uma celebração de solstício, procrastinando suas preocupações para o próximo ano.

## ALEGORIAS DA INSANIDADE

O local era uma sala escura, como ele havia chegado ali não se lembrava, talvez estivesse no trabalho. Alguém havia pedido para que ele fosse até o depósito do escritório buscar mais papel branco. Na verdade poucas pessoas na empresa gostavam do auxiliar, chamado Eduardo. Ele se esforçava ao máximo. Mas aquela não era uma vida que ele queria para si, sempre com a mente tomada por grandes ambições. Uma pena que muitas eram as portas que se fechavam para ele em sua vida profissional.

Agora, havia aquela sala escura, o depósito, alguém havia trancado ele ali. O local era cheio de caixas espalhadas pelo chão e estantes feitas de metal. Eduardo havia tropeçado em uma das caixas e acabou batendo a testa numa estante. Uma protuberância de inchaço estava se formando no local do machucado.

O melhor talvez fosse se levantar e procurar o interruptor para acender a luz. Isso facilitaria muito as coisas. E assim o fez, podia ver a luminosidade que emergia da fresta abaixo da porta. Passos lentos para não cair novamente, Tateando o espaço vazio com as mãos, agora ele sabia como um cego se sente. Mais uma lição aprendida, depois de tantos

anos implicando com pessoas diferentes, agora seria um bom momento para aprender a respeitá-las. Ao invés de simplesmente ficar julgando-as por não serem como ele.

Quantas vezes ele havia assustado pessoas, deixando-as em quartos escuros e assustadores? Inúmeras vezes, talvez incontáveis pelo que sua memória lembra. Teria feito isso para algum colega de trabalho? Ele adorava se prevalecer perante as pessoas mais tímidas. Sim, ele tinha feito isso para um ex-funcionário, que já havia saído da empresa. Qual era o nome dele? João, José, Joacir? Ele não se lembrava, sua memória estava sempre falhando, tanta coisa para se lembrar. Tanto com o que se preocupar.

Estava em frente à porta, procurou pela maçaneta, ela não estava no lugar, havia agora apenas um pequeno buraco, rodeado por metal frio. Encostou-se na porta, era de madeira. Bateu na porta, algumas vezes, chamou por ajuda. Ninguém respondeu. Bateu mais forte, a ponto de sua mão doer, gritou pedindo ajuda, e novamente nenhuma resposta. Deveria espiar pela fresta abaixo da porta. E assim fez, abaixou-se, encostou a cabeça lateralmente no chão para tentar observar o outro lado da porta. A empresa onde ele trabalhava era de contabilidade, localizada numa antiga casa, o que ele via eram salas lado a lado, que antes eram cômodos. Parecia não haver ninguém ali. Pelo que ele se lembrava nem mesmo havia desmaiado dentro do depósito. Como a empresa

poderia estar vazia? Um telefone começou a tocar em uma sala ao lado do depósito. Seria sua chance de pedir ajuda. Alguém apareceu no corredor, a secretária, Elizabete, sim como ele desejava aquela mulher. E agora ela estava ali, a salvação para que ele saísse daquele maldito depósito.

- Elizabete! Elizabete! – gritou Eduardo – Abra a porta para mim, estou preso aqui.

Elizabete passou direto para a sala onde o telefone tocava sua melodia frenética e infernal. Ou ela fingiu que não escutou os gritos de Eduardo ou ela realmente não ouviu. Que situação estranha, trancado naquele local, as pessoas ignorando-o, elas ainda vão pagar por esta brincadeira. Quando ele sair ele vai querer tirar satisfações dos responsáveis por esta brincadeira.

Permaneceu deitado no chão olhando pela fresta da porta. O telefone havia parado de tocar, da sala ao lado vinha o som da voz de Elizabete, qualquer coisa sobre os impostos de algum cliente. Ele não se importava com isso, queria que todos fossem para o inferno, como tantas vezes ele desejou e imaginou. No momento parecia que ele estava no inferno, não existia nada que ele temesse mais do que ficar sozinho trancado em um local escuro. A escuridão pode ocultar nossos medos, que por sua vez, só seriam visíveis perante a luz, e mesmo assim, a escuridão parece mais assustadora.

Ficar se lamentando em nada ajudaria, ele precisava achar um jeito de sair daquele depósito. Forçou a maçaneta da porta, em nada adiantou, aquela porta nunca teve uma chave, não poderia ter sido trancada. Uma corrente de ar passou pelo pescoço de Eduardo, como um bafo gélido, emanado pelos pulmões pútridos de algum cadáver. Virou-se assustado para trás. E como poderia ter imaginado, não conseguiu ver nada. Imaginou um ser humano em decomposição na sua frente, a pele rocha marrom-esverdeada, com vermes corroendo todos os cantos obscuros, sem olhos e sem lábios, uma língua preta arroxeadada tentando beijá-lo. Balançou a cabeça para ambos os lados, a mente é muito boa em enganar as pessoas, existe uma linha muito fina entre a realidade e a imaginação, quando esta invade a realidade, a situação pode complicar-se. Ele não queria nada disso.

Chutou a porta com toda sua força, mais uma vez nada conseguiu. Ouviu vozes vindas do outro lado da porta. Rapidamente abaixou-se, os funcionários estavam lá. Pareciam não sentir falta dele. Que horas seriam? Estavam todos indo embora. Ele gritou e gritou. Bateu na porta inúmeras vezes e nada conseguiu. Por um segundo ele teve certeza de ter visto uma mão esquelética, coberta por gordura humana amarela em putrefação, aproximando-se do seu rosto, acompanhada do mesmo sopro gélido no pescoço.

Apenas mais uma ilusão da mente. O último funcionário a sair da empresa foi Elizabete, acompanhando o grupo, ela estava por última, antes de sair pela porta que levava para a saída, deu uma olhada em direção a porta do depósito, e mandou um beijo. Saberla ela que Eduardo estava preso naquele local? E se sabia por quais motivos não ajudou? De fato, ela viu Eduardo espiando por baixo da porta. O pavor tomou conta daquele jovem preso no depósito. Medo como ele nunca havia sentido. Era sexta-feira e a empresa não trabalhava aos finais de semana. Isso significava ficar dois dias inteiros sem comida e água. Preso em um local escuro. Na melhor companhia de sua imaginação extremamente fértil e sugestível.

Ele deitou-se no chão, tentando olhar para o teto que não conseguia enxergar. Imaginando todos os seres que se ocultavam naquele depósito, assim como, nos cantos obscuros de sua mente. Nunca a insanidade poderia atingi-lo, com sua mente estável, coragem não lhe faltava. Apenas a imaginação o preocupava. As luzes da empresa foram apagadas. Escuridão completa. Nenhuma diferença entre dia e noite. Um grito ecoou dos fundos do depósito. Um grito gutural, grotesco, rouco, animalesco. Ou teria sido do fundo da imaginação de Eduardo? A calma seria uma virtude neste momento. Não existia nada ali para ameaçá-lo, existia?



O que ele poderia ter feito de tão ruim para que Elizabete o deixasse preso naquele local, ele gostava dela, sentia uma atração profunda por ela. Não sabia se poderia ter ofendido ela. Por vezes ele era machista. Com ela talvez não. Nem sempre reparamos em nossa forma de agir, apenas o que acontece no quintal do vizinho parece ser mais interessante. E acabamos por esquecer o rumo de nossas vidas. Assim ele vinha fazendo por muito tempo, intrometendo-se em locais onde não era chamado. Opinando em assuntos que ele não entendia. Seus pensamentos foram interrompidos. A fome o chamava e tudo que havia naquele depósito eram papéis, canetas, tintas para impressora, documentos e mais documentos. Quatro longas estantes paralelas, formando corredores que levavam ao fundo do depósito. Bom, não havia nada a fazer, era necessário um reconhecimento da área. Andou um pouco para frente, tropeçou novamente nas caixas que estavam no chão. Encontrou a fria estante de metal.

Locomovendo-se lentamente, sua mão deslizando pelas prateleiras da estante. Por um instante aquilo parecia inacabável. Infundável estante, rumando para o inferno. O vácuo absoluto. Já não sabia se estava andando rápido ou se o tempo estava mais lento. O silêncio era terrível. Ele podia ouvir as batidas do seu próprio coração, misturadas com o som arfante de sua respiração temerosa.

Parou onde estava, sem saber exatamente o que isso significava, ao lado da estante para ter uma referência. Havia algo além dos sons emitidos pelas funções vitais do seu corpo. Passos rastejantes, vindos de não muito distante. Poderia existir alguma coisa ali naquele depósito junto com ele? Algo que se sentia faminto, voraz e com raiva, por ter seu espaço invadido. O som parecia vir da direção da porta de entrada do depósito. Para sorte de Eduardo, não seguia o corredor onde ele estava e sim o lateral. Da mesma forma, o som se aproxima do local onde ele estava parado. Em sua mente Eduardo já conseguia ver a forma humana em decomposição, com líquidos fétidos escorrendo por todos os possíveis orifícios, a pele já marrom arroxeadada do cadáver vivo, sem olhos, tentando segui-lo pelo cheiro de vida e pelos sons. Para se assustar ainda mais, ele conseguia ouvir o som da respiração ofegante do cadáver, emanando um odor fétido ao local, um cheiro de carne podre, oriundo do que um dia podem ter sido pulmões em pleno funcionamento.

Sentia-se como se estivesse olhando para o cadáver através das prateleiras, e este, retribuindo o olhar com um sorriso composto por lábios vestigiais, enegrecidos e semidevorados por vermes. Eduardo deu um passo adiante e o cadáver fez o mesmo. Retornou um passo e assim fez o cadáver. Quanto tempo ficariam nesta brincadeira de gato e

rato. Até quando ele teria que esperar para ser devorado pelo cadáver? Ou como mataria alguém que já está morto?

Permaneceu parado, respirando o mais lentamente possível. Tentando poder fazer seu coração parar com suas batidas constantes e irritantes, enjoativas, que tanto atrapalhavam naquele momento. Seu corpo inteiro tremia, não conseguia controlar seus próprios músculos, imaginava que não demoraria muito para que ele caísse e o cadáver viesse devorá-lo. Suando, suas roupas estavam encharcadas. Uma gota de suor se formou em sua testa, desceu deslizando por entre as sobrancelhas, passeando pelo nariz, chegando a ponta do mesmo, aglutinando-se num único ponto, formando uma gota completa, tentando romper a resistência imposta pela pele e finalmente cair rumo a liberdade longe do corpo humano. Finalmente livre, a gota de suor desceu cortando o ar escuro, ninguém poderia ver a liberdade daquela gota.

Uma inspiração ofegante emanou um som gutural pelo ar, a gota sofreu um deslocamento em seu percurso, indo direto para a boca do cadáver, que lambeu seus lábios ressequidos e pútridos. Estampando felicidade e excitação nos músculos rígidos daquela face morta. Eduardo não pôde ver nada disso. A escuridão não permitia. Agradeça leitor por você estar em segurança, podendo apenas ver e vislumbrar os acontecimentos. Se Eduardo pudesse enxergar, ele veria que o cadáver não era ele e sim ela, na região frontal do

tórax, formavam-se dois volumes caídos e murchos, de pele enegrecida, e em partes onde a pele havia sido rompida, uma gordura de cor amarelo ouro vertia escorrendo até os bicos dos seios, como leite, mas um leite macabro, vindo do pós-morte, para alimentar os não-vivos.

Eduardo afastou-se da estante, colidindo de costas com a outra que estava atrás dele, para compensar o movimento, o cadáver moveu-se para frente, colidindo com a estante, fazendo esta sacudir e vários objetos caírem ao chão. Aproveitando o barulho dos objetos, Eduardo correu de volta para a porta de entrada, como era de se esperar não conseguiu abri-la, em sua sede por escapar daquele local, gritou, bateu, chutou, nada adiantou. Ele se encostou à porta, chorando desesperado. Esperando que tudo não passasse de um sonho e que ele fosse acordar na segurança de sua casa.

Não percebeu que o cadáver se aproximava. Calma e lentamente, já tinha vivido por uma geração. Apenas vinte anos quando foi brutalmente assassinada. Isso realmente havia acontecido ou eram apenas memórias apagadas da mente de Eduardo, teria ele feito isso com alguma mulher, com o tempo as lembranças apareceriam? No momento, o cadáver estava a apenas um passo de Eduardo e ele de pé, com os braços cruzados em frente ao rosto, usando como apoio para o corpo. Então, o cheiro característico que ficaria marcado na mente de Eduardo, o perfume da morte, de

tempos passados, de lembranças esquecidas. No escuro ele não pode ver que o cadáver estava a apenas a alguns centímetros do rosto dele, já projetando a língua para fora da boca e assim beijá-lo.

Ele sentiu a língua fria daquela mulher morta, arrastando-se pelo seu rosto e passando pelos seus lábios. Deixando um rastro de gosma como que se uma lesma tivesse passado pelo local. Ele tentou afastar o rosto dela com as duas mãos, mas o que ela fez o deixou ainda mais enojado. Ela pegou suas mãos e chupou seus dedos, ele tremia loucamente quase entrando em estado de choque. Ela baixou as mãos dele até altura do tórax, fazendo-o pegar em seus seios pútridos, aproximou-se dele, encostando corpo a corpo, ele urinou nas calças e ela apertou seu corpo contra o dele, abaixou a cabeça dele contra seu tórax, fazendo-o encostar a boca em seus seios tomados por gordura amarela e fétida.

Tomado pelo medo, ele conseguiu empurrá-la para longe de si. Escutou o som oco quando ela caiu no chão e seu berro gutural de tristeza. Ele correu e bateu contra a parede. Para onde fugir. Encostou a mão na parede, usando-a como guia, seguiu correndo esperando que não houvesse nenhuma caixa pelo caminho. Podia ouvir a morta caminhando pelo caminho que ele havia passado.

Ele chegou ao canto de encontro entre duas paredes, parou por um momento para recuperar o fôlego, ouvia os gemidos do cadáver se aproximando. Quanto tempo ele agüentaria correr naquele local sem escapatória? Essa era sua única opção. Lutar? Talvez ele pudesse tentar, mas não sabia como matar a morte. Tornou a correr desesperado, fugiu para entre as estantes. Esperando que ali estaria seguro, no entanto o que aconteceu o surpreendeu, a morta empurrou as estantes e estas caíram como em um dominó. Quatro estantes e Eduardo estava entre a terceira e quarta. Ficou preso entre as estantes caídas.

Varias partes de seu corpo doíam, não conseguia sair daquele local, havia cortes espalhados pelo seu corpo. Sentia que não agüentaria consciente por muito tempo. E aquele cadáver aproximava-se a cada segundo. Andando em cima das estantes caídas, urrando pelo troféu que a esperava, agora preso entre as estantes. Eduardo sentiu quando ela passou a mão em sua perna, encontrando um corte que ali havia. E fazendo seu dedo em decomposição afundar-se no corte de Eduardo, fazendo-o berrar loucamente tamanha era a dor que tomava conta de seu corpo. Ele desmaiou. Sorte dele é que não teve tempo de ver o enorme buraco que havia se alojado em sua nuca.

. . .

No início tudo era escuro. Nenhuma luz, nenhum som, nenhuma sensação. Apenas o vazio. Nada de certezas sobre onde estaria. Poderia bem ser o depósito. Deveria levantar-se? Afinal ele não sabia se estava deitado ou em pé. Parecia flutuar. Não sentia mãos, nem pernas. Completamente anestesiado.

Sem saber como se locomover, e sem saber para onde ir. Imerso apenas em seus pensamentos, estes eram sua única certeza naquele instante. Se estava realmente no depósito, isso ele não queria saber. O importante era estar longe da mulher cadáver. E ele queria crer que ali estaria seguro, mesmo sabendo que na vida crenças não servem para nada. O tempo passa.

. . .

Sensações voltam a tomar conta do seu corpo. Ele sente uma vibração ondulante tomar conta do ar. Se é que havia ar naquele local, Eduardo nem mesmo se recorda de sua respiração. A escuridão então é rapidamente substituída por uma forte claridade branca, tudo se tornou claro. Tomado pela luz. A visão de Eduardo foi ofuscada. Sentiu como se estivesse rodando loucamente no ar. Rodopiando sem ficar zozinho. Não conseguia distinguir a velocidade, pois não havia nenhum ponto de referência. Somente a claridade, nada mais.

Da mesma forma como a escuridão sumiu, ela retornou. Instantaneamente, o ambiente voltou para a escuridão. Agora havia apenas uma pequena singularidade luminosa. Um pequeno ponto luminoso distante do local onde Eduardo estava. Uma brisa quente advinha deste ponto luminoso. E quanto mais Eduardo fixava seu olhar na luz. Mais intensa se tornava a brisa e mais forte a luminosidade se tornava.

Aumentando cada vez mais ou ele estaria se aproximando da luminosidade? A claridade se tornava forte e o calor estava chegando ao nível de se tornar insuportável. É quando o inesperado ocorre. A luminosidade explode. Eduardo nada consegue fazer, apenas vê o fogo como uma explosão nuclear aproximando-se de si. Ele é engolido pelo fogo. Neste instante suas sensações retornam. Um momento nada agradável. Ele está sendo queimado vivo, sente sua pele fervendo, borbulhando, seus músculos sendo estraçalhados pela explosão e ainda assim permanece consciente. Ele vê o fogo que queima seus próprios olhos. Os momentos de sofrimento parecem eternos, mesmo que demorem apenas alguns segundos.

Para ele o fato de estar sendo incinerado parecia eterno. Entretanto, um observador distante veria que o evento levou no máximo um minuto. A explosão cessou, retornando a escuridão. Eduardo tentava gritar e chorar, numa tentativa fútil



de aliviar seus sofrimentos. Nada saía da estrutura distorcida que momentos atrás era sua garganta. Todos sabem que o choro não resolve problemas. Se resolvesse, não haveria sofrimento no mundo.

A dor havia se instaurado em cada parte do corpo de Eduardo. Ele temia pelo aspecto que poderia ter tomado conta de seu corpo. Carne queimada e ainda pulsante. Churrasco humano, semivivo, semimorto. O doce cheiro de carne humana em chamas. Semelhante a carne de porco dizem os que já provaram dela. E ali, naquele vazio escuro imenso, estava o mais recente pedaço inútil de carne humana. Todas as suas ambições e aflições, desejos e medos, de nada serviriam neste local.

O inferno ferra com você. Queima-te e depois te congela. Leva uma pessoa ao desmoronamento psicológico. O único lugar que se assemelha ao inferno imaginado pelas pessoas é a própria sociedade. Ferra com você. Usa e abusa de você. Afinal todos são descartáveis. Facilmente substituíveis. Primeiro queimam você e depois o congelam, deixando-o no esquecimento. Cidadão descartável.

O nosso personagem, uma bola de carne queimada quase morta, que flutua na escuridão enorme quase infinita, começou a ouvir uma voz. Que ficava cada vez mais alta e cada vez mais próxima.

- Ei! Quem é você?... Ei! Quem é você?... Ei! Quem é você?... – perguntou a voz que se aproximava falando cada vez mais alto, enquanto se aproximava de Eduardo.

- Ei! Quem é você?... Eu sou eu, muito além do que você deseja ser, mas quem é você? Pedaco humano descartável, eu sinto o cheiro do sangue que pulsa em suas veias queimadas e dilaceradas.

Eduardo com receio do que fosse a voz, inconscientemente respondeu

- Sou Eduar... - o som saiu distorcido, rouco, agudo, quase irreconhecível e inacabado. As cordas vocais de Eduardo estavam queimadas, seu corpo havia sido queimado por dentro e por fora.

- Então você é Eduar. Nome interessante. Eu sou eu, muito além do que você deseja ser, além do que você algum dia será, pedacinho de carne. Eu já vi o passado, o presente e o futuro. Ilusões do ego humano. Separados pela ilusão ocasionada no cérebro. Mas eu continuo sendo eu. Não sou como aquele que driblou o tempo e o espaço. Apenas esbarrei no tempo e no espaço. Eu preciso ir, estou atrasado para um encontro, estou com pressa e você? Não responda. Em seu estado é claro que não. Mas o tempo ruge. Sim ruge como um leão. E é assustador, pois todos temos que servir a ele. Por isso preciso ir. A única certeza que tenho é que

continuo sendo eu. Ei! Quem é você? Você ainda é você? Ei! Quem é você?

Assim a estranha voz se afastou de Eduardo repetindo incessantemente sua eterna pergunta. Eduardo por sua vez continuou onde estava, flutuando no escuro, seria apenas uma questão de tempo até ele se acostumar às novas condições. Ele poderia refletir sobre o que se passava. No entanto, pensar não parecia adequado no momento, a dor ainda o incomodava.

Mesmo sem poder enxergar, Eduardo tinha a estranha certeza de estar ao lado de alguém ou algo. Esticou lentamente seu braço, com a dor terrível de sua pele queimada se arrebetando e seus fluidos vazando. Bateu em algo. E esse algo soltou um grito horrível, de nojo e temor. Como uma mulher que se assusta de forma horrível.

- Quaam etá aa.... – foi apenas o que Eduardo conseguiu dizer. Uma tentativa errônea de perguntar “quem é você?”.

- Quam etá a? – repetiu a voz – Quametá? Você fede a carne queimada. Você fede a humano social. Impregnado pelo odor da sociedade que te originou e te sustentou. É difícil não se tornar fétido quando se vive em uma sociedade pútrida. Quametá? – risadas histéricas – Quametá? O tempo ruge. Ele pegou todos nós, pegará você também. Todos devem servir ao tempo. Assim ele nos dá uma pequena

carona. Quametá? – mais risadas históricas – Ele vai pegar você. Comece a correr. Corra, corra, aglomerado molecular. Nunca escapará dele. Você fede a corrupção. Corrupção que afeta todos os níveis da pirâmide social que forma sua sociedade socialmente sociável, nada agradável. Quametá? Quametá? Quametá?

Eduardo tentou correr e surpreendeu-se ao encontrar apoio para seus pés. Cada passo era seguido pela dor que percorria suas pernas devido ao impacto. Correu sem rumo, afastando da voz que repetia constantemente “quametá?”. Afinal, quem era Eduardo. O que ele havia se tornado. Ele não sabia mais quem ele era. Sem rumo. Em um local em que ele não sabia se era real ou irreal.

Vagando pelo tempo e espaço. Havia ele se tornado um “Insano”? Vivendo de driblar o tempo e o espaço. Servindo aos prazeres do tempo. Aprisionado pelo espaço. Sem realidade definida. Em falhas temporais onde presente, passado e futuro se misturam. Em um carnaval infernal. Regado a loucura ou a normalidade excessiva? Insano, vendo a realidade que ninguém consegue ver, aprisionado em sua própria mente. Prisioneiro de si mesmo. Sem divindades, sem dogmas, livre, mas prisioneiro. Deixando de ser um humano social que vive acorrentado. Ainda um prisioneiro, no entanto, um passo a mais no caminho da liberdade.

Continuou a correr até não ouvir mais a voz do ultimo ser. Somente quando parou percebeu que sua visão voltava a se restabelecer. Ainda fraca, porém. Era melhor do que nada enxergar. Será? Há momentos em que não enxergar pode ser mais seguro, há momentos em que a visão pode acelerar a loucura. É melhor ser considerado louco, e conhecer a verdade, do que viver uma eterna ilusão.

Eduardo pisava onde queria, caía para onde queria, flutuava e voava. Ultrapassava as imposições do espaço. Ao fundo estrelas brilhavam, com seus planetas orbitando-as. Agora que podia ver, Eduardo olhou para si mesmo. Estava em um estado deplorável. Sua pele e seus músculos estavam queimados. Em partes, era possível ver ossos queimados, e alguns órgãos internos na mesma situação. O pior era o cheiro, horrível, deplorável. Ele não ligava, acreditava que a qualquer momento acordaria e todo esse pesadelo seria encerrado.

Seguiu caminho andando pelo vácuo. Não o verdadeiro vazio. Apenas o vácuo. Rumando pelo espaço. Seguindo caminhos aleatórios.

...

A visão de Eduardo já havia melhorado quase que por completo. A dor aparentemente havia diminuído. Se é que existe uma forma adequada de medir padrões de dor. E dessa

vez ele conseguiu ver um estranho que se aproximava a sua frente, o ser saltitava, seguido por uma estranha distorção do espaço, criando ondulações. O aspecto era um tanto quanto humanóide. Ou assim a mente de Eduardo queria ver a criatura.

No lugar dos braços, possuía pernas torcidas. Havia aberturas em cada um dos espaços entre as costelas. Onde deveria haver pernas, havia corpos de serpentes, da espessura de pernas. A cabeça girava loucamente, como que sem um eixo fixo, a pele distorcia, arrebentava, regenerava. Os olhos eram completamente negros, expressando um vazio mórbido. Não muito diferente do olhar vazio que algumas pessoas possuem.

A visão da criatura fez Eduardo imaginar como seria os outros dois seres que ele teria encontrado anteriormente. A presente criatura não parava de gargalhar. Risadas ora angelicais, ora infernais, escolha a mais agradável, falso livre arbítrio ao seu gosto. Em um momento a criatura estava a centenas de metros de Eduardo, no outro ela já estava ao lado dele. Cheirando seu corpo e enrolando-o com suas “pernas-serpente”.

Eduardo olhou para a criatura e esta soltou-lhe um singelo sorriso. Realçado pela pele fina e pálida. Dentes afiados, dentes sem ponta, distorcidos, amarelos, brancos.

Definitivamente a criatura não tinha um bom dentista. Quando ela falou, a voz era feminina.

- Ei! Quem é você? Quametá?

O jovem assustou-se, caiu para trás. Não caindo exatamente, apenas flutuando.

- Não se assuste Eduar. Sua aparência não é das melhores. – gargalhadas – Logo será um insano também. Apreciará a distorção. Dependemos dela, afinal é através da distorção do tempo e espaço que aqui chegamos – mais gargalhadas – cuidado para não cair em um buraco negro.

- Pô...q...? – tentou perguntar Eduardo.

- Seu tolo! – berrou a criatura – Vai parar na boca dele! E então você irá para o verdadeiro vazio e lá não terá mais sua vida... fique longe dele... não fale o nome dele... preso pelas cordas ele está, a gravidade ajuda a segurá-lo. Se ele falar com você, não responda. Agora tenho que ir, não posso perder tempo, pois eu sirvo ao tempo.

A criatura se afastou, mais rápido do que se aproximou, agora chorando e rindo ao mesmo tempo. Eduardo não conseguia entender o que se passava. Quais eram as ligações dos fatos ali presentes. A única coisa que ele pensou em fazer foi correr. E assim o fez, correu pelo vazio desejando acabar com sua vida. Tudo parecia grande e distante. Talvez a dor o ajudasse a desmaiar. Abaixou-se e cravou seus dedos nos músculos queimados de suas pernas,

sangue vermelho e sangue preto queimado escorreram. Não demorou muito e Eduardo cambaleou, atingindo seu objetivo, ficando inconsciente.

. . .

Nada do que acontecia fazia sentido para ele. Um belo dia você sai de casa, vai ao trabalho. E então começa a ser perseguido por cadáveres. Depois está sendo incinerado e perseguido por criaturas deformadas. Tudo poderia ser apenas um sonho. Um deslize de sua consciência e toda a realidade acabou por ser distorcida.

Inconsciente, Eduardo sonhava plenamente. Seria este um sonho dentro do sonho? Um gramado verde exuberante se estendia perante seus olhos, o céu azul e luz dourada do sol. O calor do dia, tomado por uma brisa adocicada com o perfume de flores. Este cenário fazia-o desejar que este local fosse a realidade. E não sua vida rotineira. Já que aqui estava, nada melhor do que aproveitar o momento. Montanhas de gramados verdes até o horizonte. Prosseguiu caminhando sem rumo. Respirando profundamente o ar puro que o rodeava.

Caminhou por algum tempo, que ele estimou em meia hora. E nada encontrou além de grama. O sol parecia não se mover. Apesar do perfume floral no ar. Não havia nenhuma



flor no local, não importando para onde se olhasse. Resolveu sentar onde estava e esperar.

O tempo passava, e tudo permanecia igual. Eduardo aproveitou para ficar lembrando-se de sua vida, seus momentos de infância, quando não possuía nenhuma preocupação além do que passaria na televisão ou quando poderia brincar. Apenas a doce tranquilidade, da qual tanto sentimos saudades após envelhecermos.

Ele deitou na grama e virou a cabeça para o lado. Olhando as folhas da grama. Foi então que percebeu que as folhas não eram normais. Não eram achatadas como uma folha, mas cilíndricas como uma minhoca. Quando a brisa soprava, a grama não chacoalhava com a mesma. Mas tremia, talvez de frio. Pensando nisso Eduardo sentiu um calafrio percorrer seu corpo. Ignorou a ideia como sendo loucura sua. Loucura que permitiu que uma daquelas folhas entrasse em seu ouvido.

Gritou de dor e contorceu-se, um dos vermes-grama estava dentro de sua cabeça. Ajoelhou-se no chão com as mãos nos ouvidos, a dor percorria sua cabeça. O verme havia entrado em seu ouvido. Percorria todos os espaços dentro de seu crânio. Fechou os olhos com força numa tentativa de suportar a dor. Um chiado infernal instalou-se em seu ouvido que havia sido invadido pelo verme. Abriu os olhos e a visão que teve fez com que se arrependesse de tal ato.

O que antes parecia grama, agora eram vermes verdes rastejantes. Uma marcha constante que levava até Eduardo. Entravam em sua pele, devorando os músculos, roíam os ossos. Sangue escorria por diversos furos em sua pele. O céu não era mais azul, agora era alaranjado como se estivesse em chamas. Os vermes continuavam a subir pelo corpo de Eduardo. Estavam em seu abdômen, ele podia sentir seus órgãos sendo dilacerados por uma tropa de vermes infernais. Suas fezes escorreram direto pelas pernas. Acompanhadas por vermes que erraram o caminho. Do umbigo vertiam vermes como em um chafariz. As pernas não possuíam mais sustentação. Eduardo caiu com o tórax sobre a massa de vermes. Enquanto caía, vermes já sujos de sangue fluíam de sua boa. Ele se contorcia em espasmos inúteis. Devorado vivo. Caído no chão, logo foi encoberto pelos vermes. No escuro ele ainda ouvia a voz de Elizabete chamando seu nome. Ele quase podia ver ela em sua frente. Mas os vermes atingiram seu cérebro. O céu pouco a pouco retomava sua tonalidade azul. E os vermes voltavam ao seu aspecto estático.

. . .

- Eduardo! Eduardo! – Elizabete estava ao lado do corpo dele, no depósito. Já era segunda-feira.

A empresa havia recomeçado seu trabalho. Eduardo estava caído no chão ao lado da porta do depósito, seu corpo se contorcendo. Suas calças cheias de fezes que infectaram o depósito com um odor nada agradável. A cabeça de Eduardo estava ensopada com vômito e sangue. Seus olhos tremiam loucamente nas órbitas focalizando objetos inexistentes. Havia cortes profundos espalhados por todo seu corpo. Ainda assim Elizabete se arriscava a abraçá-lo. Sabendo que o ocorrido era em parte culpa sua, mas ela estava apenas seguindo ordens. Logo os bombeiros chegariam com uma ambulância e ele seria encaminhado para um hospital. Todos os funcionários da empresa estavam aglomerados na porta do depósito. Assistindo a cena trágica. Questionavam-se sobre como eles poderiam ter esquecido o jovem rapaz preso no depósito. Ao fundo o som das sirenes indicava a aproximação da ajuda.

Dois homens usando uniforme azul com detalhes reflexivos entraram na empresa carregando uma maca. Os funcionários abriram espaço. Elizabete a princípio negou se afastar de Eduardo. Mas sabendo da importância do atendimento afastou-se e deixou os cavaleiros de azul salvarem a vida do jovem. Por instante, Elizabete desejou cravar seus dedos nos ferimentos de Eduardo fazendo-o morrer. E junto com ele todos os segredos que ambos compartilhavam. Então ela continuaria com sua vida

normalmente, sem passar por nenhum constrangimento que poderia estar se aproximando com o tempo. Desejou que ele morresse ali mesmo. Contorcendo-se como um verme no chão. Desejou pisotear no crânio dele até que seu cérebro fosse esparramado pelo chão e sua cabeça ficasse vazia. Arrancaria os olhos dele e comeria a sua língua, se ela estivesse sozinha. Enquanto ficava imersa em seus desejos os cavaleiros de azul já haviam levado Eduardo até a ambulância.

- Elizabete... Elizabete, você está bem? – quem questionava era Ana, funcionária da empresa e confidente de Elizabete – Você deveria tirar um dia de folga. Sua aparência está péssima. Não se preocupe Eduardo ficará bem. Na verdade, não sei porquê diabos você se preocupa com ele. Você sempre estava falando mal dele, dizendo o quanto você o odiava.

Elizabete continuava inerte, um fio de saliva escorria pelo canto de sua boca. Ana chacoalhou de um lado para outro.

- Acorde, Bete! O babaca já foi para o hospital.

- Eu sei, Ana. E é isso que me preocupa.

- Preocupa? – Ana não estava entendendo. Sua amiga sempre apresentou ódio e repúdio por homens como Eduardo, e neste momento ela estava preocupando-se com ele. Devia ser o impacto de ver uma pessoa na situação em

que o jovem estava. – Olha vamos tomar uma água. Colocar as ideias no lugar e você me conta o que tanto te preocupa naquele retardado.

- Não sei se eu teria coragem para lhe contar – um olhar vago e distante permanecia instalado no rosto de Elizabete, respondia as perguntas de sua amiga de forma alheia. Suas preocupações encontravam-se nas palavras que poderiam escapar da matraca de Eduardo. – Não sei ao certo se eu devo contar para você, não que eu não confie em você. A história é um pouco complicada... eu preferia que ele tivesse morrido. Ele tinha que ter morrido. Eu falhei e aquele a quem servimos virá me buscar.

- Você está me assustando Bete. Vamos sair deste lugar. A polícia provavelmente iniciará uma investigação. Temos que deixar o local intacto.

As duas levantaram-se e foram para fora da empresa, respirar um ar fresco. Tal qual os outros funcionários estavam fazendo.

. . .

A ambulância avançava velozmente pelo centro da cidade. Desviando de carros e pedestres. Eduardo estava perdendo muito sangue.

- Nossa! Fazia tempo que eu não via alguém perdendo tanto sangue. – falou Luis, um dos enfermeiros que estava na

ambulância, enquanto tentava estancar alguns dos ferimentos de Eduardo. Rafael era o outro enfermeiro que o ajudava.

- Cara, olhe só para o rosto dele! Está sem uma orelha e há uma grande perfuração no ouvido.

- Rafael meu caro. Deve ter sido ele mesmo quem fez isso. O pessoal da empresa disse que ele ficou o final de semana inteiro preso no depósito.

- Inferno! Como pode alguém enlouquecer em dois dias?

As convulsões de Eduardo aumentaram. Ele se debatia loucamente. Por sorte estava presa a maca.

- Quametaáááááááá – gritou Eduardo – Quametaáááááááááááá.

Foi a ultima palavra dita dentro da ambulância. Passando por um cruzamento a mesma foi atingida por uma carreta em alta velocidade, que era conduzida por um motorista alcoolizado. A ambulância foi arremessada para o lado, deslocando-se mais de vinte metros, e colidindo com um prédio residencial. No caminho acertou duas crianças que estavam na calçada. Seus corpos foram esstraçalhados. Espalhando um colorido vermelho nas paredes dos prédios.

O motorista da ambulância bateu a cabeça no vidro lateral, abrindo um rombo no crânio onde era possível ver as veias de seu cérebro latejando e vertendo sangue que escorria por seu corpo. Um dos enfermeiros, Luis, feriu-se

apenas levemente. Rafael colidiu com o tubo de oxigênio e este abriu caminho através de seu abdômen, perfurando seus intestinos e rins. Eduardo nada viu. E continuava preso na maca, entretanto não se contorcia mais.

Na rua as pessoas gritavam alarmadas. Duas mães choravam desesperadas tentando reunir os pedaços dos corpos de seus filhos. Que não mais veriam a velhice. E nem conseguiriam terminar seus estudos. Vidas interrompidas pela ignorância e estupidez humana. Nossas vidas acabam por sofrer influência dos erros dos outros. E assim inocentes sofrem, sofrimento este oriundo do erro ignorante e irracional de pessoas estúpidas que não fazem a menor idéia do que é o respeito. Este tipo de pessoa é facilmente encontrada em qualquer cidade. Ocupando espaço alheio. Querem parecer boas, justas e perfeitas. Claro que não conseguem. Estão sempre pisando sobre outras pessoas.

Eduardo acordou. Olhou ao redor. Viu que estava preso dentro de uma ambulância. Não sabia ao certo o motivo. Sua única certeza era que a dor de cabeça estava ferrando com ele. Jurava que se pudesse abriria um buraco na cabeça para tentar aliviar a dor. Talvez ele já tivesse feito isso, apenas não sabia.

Luis levantou-se tentando compreender o que tinha acontecido. Estava desorientado pela colisão. Quem sempre ajudava nos acidentes agora fazia parte do acidente. Isso o

fez lembrar-se de quando tinha apenas dez anos e fora atropelado por uma moto. Nada muito grave. Apenas hematomas por todo o corpo. E uma dor de cabeça desgraçada. Deixando as lembranças de lado. Ele tinha que tirar Eduardo da maca.

- Tudo bem jovem. Vamos tirar você daí e sair de dentro dessa ambulância.

- O que aconteceu? – perguntou Eduardo.

- Bom, isso ninguém sabe ao certo ainda, você foi encontrado no depósito da empresa em que você trabalhava. Todo cheio de cortes e delirando. Pronto, tente se levantar.

Eduardo o fez. Com tal ato uma onda de dor se espalhou por seu corpo. Ele soltou um grunhido animalesco numa tentativa de aliviar o sofrimento.

- Olhe para os vidros.

- O que? – Luis não entendeu o que Eduardo queria dizer, achou que o jovem poderia estar delirando novamente.

- Apenas, olhe para os vidros.

E assim Luis fez. Os vidros estavam intactos. Nenhum arranhão. Não se conseguia enxergar o lado de fora. Mesmo com a ambulância de cabeça para baixo. A única coisa perceptível era uma claridade cinzenta.

- Isso é assustador.

- E não é só isso Luis. Ouça.



Luis tentou ouvir. Apesar de seus pensamentos estranharem o fato de Eduardo saber seu nome, pois ele não estava usando nenhum crachá.

- Não ouço nada.

- Exatamente. Nada, absolutamente nada. Não é estranho?

- Um bocado estranho. Considerando o fato de termos sofrido um acidente. Alguém deveria ter chegado para nos ajudar.

- Eu acredito que não éramos os únicos dentro da ambulância.

Ambos olharam ao redor. Assustados, viam marcas de sangue por todos os lados. Não conseguiam, porém, localizar os corpos do outro enfermeiro e do motorista. Havia desaparecido. Evaporado. Como se seus átomos tivessem simplesmente decidido desorganizarem-se.

- Temos que tentar sair daqui. Ver esse lugar me dá náuseas... antes me deixe ver seus ferimentos.

O aspecto dos ferimentos de Eduardo era grotesco. Sua cabeça estava dilacerada nas laterais. Sem orelhas e com ouvidos perfurados. Como ele conseguia ouvir era um mistério. O lado positivo era que suas hemorragias haviam parado. E seus ferimentos indicavam que poderia haver uma boa cicatrização.

- E aí como estou?

- Eu diria que você não sentiria muita felicidade ao se olhar nos espelho. Você não se lembra o que aconteceu?

- Não. – no fundo da mente de Eduardo apenas uma palavra ressoava. Quametá.

- Seja lá como você ficou nesse estado, eu não queria estar por perto para ver. Está sentindo alguma dor?

- Não, acho que estou legal. Vamos sair desse lugar. Ver as coisas de cabeça para baixo está me deixando tonto.

Abriram as portas com facilidade e saíram para o mundo. Ou seja lá o que era aquele lugar. Pararam logo que saíram da ambulância. A claridade cinzenta era oriunda de uma névoa que tomava conta do ambiente. Nenhum som e nenhum objeto visível. Estava frio e ambos desejaram ter uma boa jaqueta e um par de luvas.

- Então... para que lado vamos? – perguntou Eduardo.

- Não faço ideia.

- Será que estamos sonhando? Isso não pode ser real.

- É... parece irreal, então como poderíamos não ter essa certeza de realidade. Só se estivermos loucos.

Andaram em torno da ambulância. E tudo que conseguiam ver era aquela névoa difusa. Não conseguiam localizar o sol.

- Vamos seguir em alguma direção. Talvez encontremos alguém. – sugeriu Eduardo.

- Por falta de opções... vamos seguir sua ideia.

Caminharam pelo local que eles acreditavam ser a rua. Foram até as laterais tentando encontrar as calçadas e nada acharam. Apenas o mesmo chão sólido e cinzento.

- Vou te dizer Luis, isso é muito macabro. Se minha bexiga estivesse cheia acho que ela estaria esvaziando nesse exato momento.

- Você vai rir, mas a minha esvaziou na hora do acidente.

Os dois soltaram uma boa gargalhada. Isso ajudou Eduardo a esquecer um pouco de suas dores e do fato de não se lembrar de como se machucou. Já estavam caminhando há quase uma hora. E somente agora começaram a ouvir um som que quebrava o silêncio mortal. Um sino, uma pequena sineta. Emitia seu som metálico vencendo o silêncio. Seu som era constante e repetitivo. Como se estivesse balançando ao vento, e este era um fenômeno natural que não estava presente. Não havia nenhum vento naquele local.

- Bom, acho que encontramos algum lugar afinal – comentou Luis.

- Ao menos agora temos algum lugar para ir. Minhas pernas estão me matando.

Abrindo caminho pela névoa, não demorou para que ambos enxergassem uma enorme silhueta. Nada com o que se assustar, parecia uma árvore. Aparentemente a sineta estava presa nela.

- Vamos correr até lá! – falou Luis.
- Pode ir, não tenho forças para isso.

A silhueta de Luis perdeu-se em meio a névoa indo em direção a árvore. Quando se aproximava, Eduardo viu que Luis havia parado. E outra silhueta chacoalhava de um lado para o outro da árvore.

- Fique aí Eduardo – falou Luis – Você não precisa ver isso.

Ignorando a ordem de Luis, Eduardo se aproximou. Era um corpo que estava pendurado na árvore. No pé direito havia algumas correntes originavam o som de sineta. O corpo havia sido empalado e após pendurado na árvore. Uma haste de ferro com espessura de sete centímetros se dirigia do ânus até a boca do corpo. Provavelmente perfurando seus órgãos internos. Em suas costelas havia ganchos, que seguravam o corpo pendurado por correntes. Além de estacas de metal enfiadas dentro dos braços.

Ao olhar para o rosto do corpo nu Eduardo logo reconheceu quem era.

- ELIZABETEEEEEE! NNNÃÃÃÃOOOOOOOO!!! – Eduardo berrou tão forte ao ponto de arranhar sua garganta e respingos de sangue escaparem de sua boca – NNNNÃÃÃÃOOOOOOOO!! Não, não, não... – ajoelhou-se no chão. E quando Luis pensou que ele começaria a chorar

desesperado. Eduardo começou a rir, baixinho no começo, logo eram gargalhadas histéricas.

- Sua maldita! Você teve o que merecia, e eu que nem sabia? Você nunca teve sabedoria, e agora recebeu o que merecia. Eu não teria feito melhor. Que caminho estranho você escolheu, afinal ele veio te buscar. Você deveria ter ficado de boca fechada. Mas não, tinha que fofocar. No mínimo contou tudo para a Ana. Que sacana! Sinto que logo vou encontrá-la. Quametá? É para cá que ele trás pessoas como você! Querida Bete! Para sofrer num lugar cheio de fumaça e dor. E pegam-te e te atiram ao fogo, para todo o sempre até o fim após o fim. – continuou a gargalhar.

- Do que você está falando Eduardo?

- Coisas meu caro Luis, coisas. Assunto de homem se é que você me entende. Você me salvou e me ajudou. Portanto não lhe envolverei na história. Ajudarei você a sair dessa. E deixarei em paz sua intimidade. Pois se tem algo que eu odeio é fofoca.

- Intimidade?

- É, é. Digamos que eu sei o que você e Rafael tiveram um deslize dentro da ambulância há alguns anos atrás. Sinto pena das esposas de vocês. Bom, depois de algumas doses de morfina talvez é possível que a realidade fique um pouco distorcida.

Luis teve vontade de socar Eduardo até seu rosto ficar desfigurado. Como ele podia saber tanto de sua vida? Será que nenhum segredo permanece como tal eternamente?

- Seu desgraçado! Eu devia ter deixado você morrer naquele depósito seu maldito! – berrou Luis – Eu não arrebento a tua cara imunda porque preciso sair desse lugar doido.

- Silêncio seu tolo – falou Eduardo – Vai chamar a atenção deles...

- Deles? Quem? Você é pirado, isso sim, se eu quiser gritar eu grito! AAAAAAAAAAAHHHHHHH!

- Não! Agora é tarde!

De algum lugar em meio à névoa um som gutural e demoníaco emergiu. Fazendo o chão tremer.

- Está satisfeito agora Sr. Luis-eu-grito-quando-eu-quero? Venha, vamos tentar subir nessa árvore. Assim talvez eles não nos vejam.

- Eles quem afinal?

- Os insanos seu tolo! Eles não são como aquele que driblou o tempo e o espaço. Eles são aberrações criadas pela distorção do tempo e espaço, e servem ao tempo. Da mesma forma que seu povo louva um fruto da imaginação humana. Só que o tempo existe. Sim, existe. E ele deixa sua marca em todos nós. Agora venha.

- Como subiremos na árvore? Ela é alta demais. E a casca é lisa.

Os dois pararam olhando para a árvore tentando pensar em uma solução. Olharam para a árvore e olharam para Elizabete, e para as correntes que seguravam ela pendurada. Ambos se olharam e logo entenderam o tinham que fazer. Usar o corpo de Elizabete como escada, e as correntes que seguravam a mesma para poderem alcançar o galho da árvore e tentarem escapar dos insanos que se aproximavam.

Mais outro rugido infernal e grotesco emergiu da névoa. Dessa vez parecia mais perto. Era possível ouvir passos, indicando algum corpo enorme que se aproximava. Os dois humanos não tardaram e nem pensaram duas vezes. Agarram-se ao corpo de Elizabete. Usaram-no, e depois as correntes. Conseguindo finalmente chegar ao galho horizontal. Novos rugidos e passos constantes. Era possível ouvir uma respiração ofegante em meio à névoa. No entanto, ainda não era possível ver nenhuma silhueta, que pudesse indicar a presença de algum ser vivo.

Eduardo e Luis arrastaram-se pelo galho até o tronco da árvore. E escalaram mais alguns galhos, numa tentativa de ficarem longe do chão. Agora a árvore tremia com os passos que se aproximavam. O corpo suspenso de Elizabete balançava. A névoa parecia se deslocar. Mais um rugido. Tão

alto que se os dois humanos não precisassem ficar agarrados nos galhos teriam tampado os ouvidos com as mãos.

O calor do dia aumentou em segundos. Se antes eles estavam com frio, agora estavam suando. A claridade tornou-se mais intensa. E a névoa começou a dissipar-se rapidamente. O mundo tornava-se visível. Os dois permaneciam estáticos no alto da árvore desejando que a névoa não sumisse por completo. Sem ela qualquer um poderia ver os dois em cima da árvore. A névoa estava cada vez menos espessa e eles podiam ver a forma animalésca que estava perto da árvore. Uma criatura quadrúpede, com aproximadamente três metros de comprimento. Sem cauda e sem pêlos. Respirava ofegante, parecia semi-humanóide. Sua cabeça era longa como o focinho de um lobo e seus olhos, não havia olhos. Apenas dois buracos escuros.

A criatura ergueu-se nas patas posteriores. Suas garras brancas brilhavam com a claridade que aumentava a cada minuto. O dia sombrio transformava-se em um dia ensolarado. Os buracos no lugar dos olhos eram narinas e movimentavam-se de acordo com a respiração do animal. Ele ergueu sua cabeça para o local onde Eduardo e Luis estavam. Abriu sua boca, uma visão grotesca. A boca abria para os lados, com os maxilares deitados. A língua negra estendeu-se até o peito da criatura. Sua boca era escura como a noite.



Puxou o ar e rugiu mais uma vez. Como que se demonstrasse que aquele local era seu território.

Após rugir, abaixou a cabeça e foi até o corpo de Elizabete. Cheirou-a por inteiro. Depois arrancou o corpo das correntes. No ato uma costela permaneceu presa, abrindo um buraco nas costas do cadáver e espalhando uma golfada de sangue coagulado no chão. Então a criatura ajoelhou-se e segurou o cadáver em seu colo. Acariciou o corpo morto. E começou a lamber o abdômen de Elizabete. Cada vez aumentando a pressão, até encontrar o umbigo. Quando encontrou tal parte, enfiou a língua negra no umbigo do cadáver. Rasgando a pele. Eram possível ver a língua da criatura mexendo-se dentro do corpo de Elizabete. Finalizada essa pequena cerimônia a criatura abocanhou o abdômen do cadáver e arrancou um grande naco de carne. Os intestinos esticaram-se e por fim estouraram. Espalhando conteúdo intestinal fétido pelo chão.

A criatura engoliu seu pedaço de carne. Levantou-se ainda carregando seu café da manhã. E afastou-se da árvore arrastando o corpo de Elizabete, cantarolando uma canção ritmada que lembraria uma cantiga de natal. Luis estava desesperado, seu corpo inteiro tremia, seus olhos estavam vidrados.

- Já podemos descer Luis, ele não vai nos incomodar. Luis? Você está assustado? Acredite você ainda não viu

nada. Nada aqui é como na nossa realidade. – nenhuma resposta por parte de Luis – Vamos seu maricas! – Eduardo pulou do galho sem ligar para a altura, agarrou-se em um dos braços de Luis e ambos colidiram com o chão. Ouviu-se uma dupla batida oca.

- Cara, isso dói. A dor faz com que possamos sentir a vida, não acha?

Luis estava encolhido agüentando a dor da queda.

- Só se for para você. – Olhou para Eduardo – Seus ouvidos, ou melhor, o que restou deles em sua cabeça imunda estão sangrando novamente.

- Não faz mal. Eu já estive em situações piores desse lado. Logo já estarei recuperado.

- Você vai ter que me explicar sobre a situação em que estamos, eu já nem tenho mais certeza da realidade.

- Eu lhe explico, mas primeiro temos que encontrar um abrigo.

Olharam em volta a névoa havia se dissipado, o sol brilhava radiante iluminando um céu azul esverdeado. Tudo que conseguiam ver era uma grande planície de solo duro como asfalto, árvores enormes todas mortas, espalhadas de forma dispersa. Para o horror dos dois em cada árvore havia um corpo pendurado, nem todos inteiros. Na linha do horizonte era possível ver uma cadeia de montanhas que se

elevava de forma imponente quebrando a monotonia da paisagem.

- Vamos até as montanhas – falou Eduardo.

- Elas estão um pouco distantes não acha?

- Acredito que lá poderemos encontrar uma forma de mandá-lo de volta para sua realidade.

- E quanto a você? Não vai voltar?

- Não. O tempo deixou de ser tempo para mim. Y’zuhr está tentando se espalhar pelos universos. Ou assim dizem. – Ambos sentaram-se abaixo da árvore descansado na sombra, preparando-se para a longa caminhada. – Na verdade, aquele a quem todos servem é o tempo. Isso não há dúvida. Ninguém consegue vencê-lo. E todos sempre querem um pouco mais de tempo, seja para viver ou para sorrir, enfim, para todas essas mesquinharias humanas. Você não consegue ver o tempo, consegue apenas ver as marcas que ele deixa em todos os lugares.

“Assim no início de nossa civilização as pessoas começaram a perceber a importância de cada uma das variantes da natureza que influenciavam em suas vidas. A chuva, a fertilidade, a seca, o sol, a lua. Como eles não possuíam uma ciência adequadamente estabelecida. Deram nomes a cada uma das partes da natureza. E chamaram elas de deuses. Com o passar do tempo, as pessoas começaram a discutir qual das variantes naturais seria a mais importante

para sua vida. Logo, iniciaram-se matanças em prol da variante que seria mais importante. Os governantes, aqueles-que-governam, reuniram os sacerdotes, aqueles-que-iludem. Governar um povo disperso não é nada fácil. Nessa reunião, resolveram unificar os deuses. Criaram um único deus, Y'zühr.”

“Nisto, um homem de outra realidade descobriu como passar através das múltiplas realidades seja através dos tempos imaginários, do tempo real e dos diversos universos. Ele logo percebeu que em nossa realidade era fácil governar o povo por meio de deuses, ou, amigos imaginários se você preferir. Ele então se intitulou como sendo o escolhido. Criou toda uma alegoria tola de seu sofrimento pela terra e sua morte para livrar as pessoas dos pecados. É claro, sua história foi copiada das religiões já existentes. Seu plano deu certo, e logo, todas as pessoas ostentavam suas imagens e criou um grande império, com o qual conseguia controlar boa parte da população.”

“Só que isso não foi o bastante. Ele queria mais. Não queria apenas fingir ser o filho de uma divindade inexistente. Ele queria ser a divindade. De que forma ele conseguiria isso? Controlando o tempo. Deslocando-se entre os tempos e os universos, ele buscava encontrar um local mitológico em que todos os “quando” e “onde” se encontrassem. Só que no caminho aparentemente ele se perdeu no verdadeiro nada.

Além dos universos. Aparentemente existe alguém que está tentado trazê-lo de volta. E este alguém encontrou o que este escolhido procurava. Não consegue, no entanto, alcançá-la sem ajuda. Ou pelo menos é o que dizem os boatos.”

- Você é pirado! – falou Luis olhando assustado para Eduardo.

- Posso ser, mas sou o único disposto a te ajudar aqui nesse local. Levante-se temos uma longa caminhada pela frente. Andaremos próximos das árvores. Se algo aparecer subimos em uma delas. Se sentirmos sede, essas árvores armazenam água, só temos que achar uma forma de furar a casca. Se sentirmos fome, bom, temos carne pendurada em todas as árvores.

- Continuo a dizer que você é pirado.

Ambos riram juntos, um pouco de alívio após o grande susto. Deram início a sua caminhada pela planície. Não sabiam quais riscos poderiam encontrar pelo caminho.

. . .

Enquanto isso em nossa realidade. Os jornais noticiavam.

“Acidente entre caminhão desgovernado e ambulância. Dois corpos permanecem desaparecidos”. “Mulher desaparece após encontrar amigo quase morto”.

*Os caminhos que nos levam... não são os mesmos  
que retornam.*

## **BEELZEBUB CARNE VORARE**

Repetiram onze vezes a invocação de Belzebu e estava feito, os cinco jovens estavam cada um sobre uma ponta do pentagrama que haviam desenhado com sal no chão e aguardavam qualquer manifestação resultante do chamado demoníaco. Já passava da meia-noite e um vento frio começava a soprar no cemitério isolado que ficava a três quilômetros da residência mais próxima. Nada de sangue humano e vítimas sacrificiais, eles leram muitos escritos antigos e pouco encontraram sobre oferendas humanas a demônios, para eles isso parecia mais coisa de religiões comuns em que deuses testam seus seguidores ordenando-lhes que sacrifiquem seus filhos com o único intuito de testarem a fé. Mesmo a divindade sendo onisciente ela sempre precisa testar suas marionetes, isso parece até irônico.

Desanimados os jovens que atendiam por seus pseudônimos, Seth, Anúbis, Hades e Apep, apenas o quinto jovem ainda não possuía um apelido específico, desfizeram o pentagrama e a formação na qual se encontravam. Quando estavam saindo do cemitério ouviram um alto zumbido, assustados olharam ao redor e nada enxergaram devido à

fraca luminosidade da lua. O quinto integrante do grupo surpreendeu-se ao ver uma mosca voando e rodopiando durante a noite, ergueu sua mão e ela pousou sobre esta. Ele olhou-a de perto, a mosca possuía olhos vermelhos que pareciam brilhar no escuro, um corpo coberto por espinhos e asas prateadas que refletiam a luz do luar, então veio a dor.

A mosca inseriu um ovo dentro da palma da mão dele, porém o jovem não sabia que se tratava disso, apenas achou que a mosca o havia picado com algum outro intuito. Ele chacoalhou a mão para afugentar o inseto, soltou um pequeno murmúrio de dor que provocou risadas entre os demais.

- Ouça – disse Seth para o jovem sem pseudônimo – se você quiser continuar a nos acompanhar nesta jornada rumo ao fim caótico deste plano cósmico, você precisará de uma denominação própria. Cada um de nós escolheu um ser com o qual mais se identifica, pois quando as hordas infernais se levantarem seremos nós os responsáveis por governar esta região cada um com sua função. Assim, você também precisa escolher a sua função e a sua denominação, para que quando o fim chegar as pessoas o louvem como um deus.

Dito isto os jovens voltaram para suas casas.

. . .

Seis dias haviam se passado desde o estranho encontro no cemitério. Deitado na cama de seu quarto, já era



madrugada e ninguém mais estava acordado em sua casa. Nesta noite o que preocupava o jovem sem pseudônimo era que naquela mesma noite aconteceria outra reunião e ele precisava escolher um demônio para si. Lá fora nenhum barulho, nem mesmo o vento soprava, a noite estava morta e o mundo parecia não existir mais. A pouca claridade que entrava em seu quarto vinha dos postes de iluminação pública devido a ele ter deixado as cortinas abertas para ficar olhando a escuridão infinita do tempo e espaço.

Para piorar a situação a larva de mosca que havia em sua mão continuava a crescer, toda vez que ele tentava retirá-la o ser se enterrava ainda mais na carne. Após mais algumas tentativas de extirpar a larva, ele percebeu que ela havia se multiplicado e continuava a se multiplicar cada vez mais.

As horas passavam e seu braço começava a ser tomado por inúmeros seres rastejantes que se deslocavam por debaixo de sua pele, devorando sua carne para abrirem novos caminhos rumo a um admirável mundo novo e desconhecido. O jovem queimava, cortava e espetava sua pele tentando retirar as larvas e nada conseguia. A dor e a coceira de ser devorado vivo era terrível. Se o desenvolvimento larval tinha sido lento a sua multiplicação foi rápida, questão de alguns minutos. Quem dirá sobre a movimentação da larva que não tardou já estavam por todas as partes do corpo dele. Ele estava assustado, pois sabia que

para uma larva dessas se reproduzir precisava terminar sua metamorfose holometábola para virar uma mosca e somente então produzir novos ovos que se tornariam novas larvas, seguindo ciclo reprodutivo.

Um zumbido parecia ser emitido de cada uma das larvas. Dor, coceira e um murmúrio constante. Ele agonizava. Foi quando uma das larvas chegou até seu ouvido, rastejando por debaixo da pele, o zumbido se tornava mais forte. Ele foi tentar cortá-la para fora, mesmo que com isso prejudicasse sua audição, nesse momento algo aconteceu. Os sussurros pôde ser mais bem interpretado. O zumbido eram palavras, murmúrios constantes que as pequenas larvas proclamam sem cansar.

- Ba'al Zabûb... Ba'al Zabûb... Ba'al Zabûb...

O jovem sentou em sua cama com os olhos arregalados, aquelas palavras pareciam ser conhecidas suas. Ele talvez as conhecesse pelo mais popular Belzebu. Continuou parado na cama quando sentiu uma dor imensa originada de seus testículos, abaixou rapidamente as calças e viu que as larvas estavam devorando-os. Rapidamente elas mastigavam e deglutiam, saíam de suas bochechas e devoraram partes de sua língua, gengivas e garganta. Ele tentou gritar, entretanto, se engasgava com as formas imaturas daqueles insetos que invadiram seu sistema respiratório. Levantou-se para sair do quarto e as larvas

atacaram os seus tendões calcâneos devorando cada fibra de sua composição, fazendo o jovem cair ao chão.

As larvas de moscas perfuravam a sua pele Rastejavam para fora de seu corpo, deslizavam sobre ele, comiam até as roupas, faziam inúmeros buracos na pele por onde o sangue escorria. Aqueles insetos repetiam incessantemente o nome de seu senhor. E tal como as larvas, o jovem repetiu as palavras Ba'al Zabûb.

- Ba'al Zabûb... Belzebu, esse será meu pseudônimo.  
– falou o jovem.

Para seu espanto as larvas imediatamente pararam de devorá-lo, as que estavam dentro do corpo ficaram paradas em seus locais e as que estavam fora do corpo retornaram pelos buracos que haviam feito. Sem conseguir caminhar o jovem Belzebu se arrastava com seus braços em direção a porta de seu quarto. Ele não estava exatamente com fome, mas queria comer, queria entupir suas entranhas com a maior quantidade possível de comida.

Ele girou a maçaneta de metal frio, a porta de madeira rangeu ao abrir, a casa estava completamente escura, havia somente o som da respiração das pessoas que dormiam. Ao ouvir esse som seu estômago roncou e as larvas que se ocultavam abaixo da pele vibraram em sintonia. Ele precisava comer, suas filhas moscas precisavam de mais e mais comida. Belzebu rastejou pelo assoalho de madeira lustrosa,

passou pela porta do banheiro e pela porta do quarto de seus pais, chegou à uma porta no final do corredor que se encontrava entreaberta. Entrou nesse quarto e ali encontrou um pequeno berço.

Seu pequeno irmão, com onze meses de idade, ali dormia serenamente. Carne fresca era isso que ele precisava para saciar sua fome. Carne jovem e macia. Ele não conseguia se levantar, então colocou as mãos através das grades do berço, segurou fortemente o pescoço de seu irmão e puxou-o contra a grade. A criança asfixiava tentando chorar, mas tamanha era a força com que seu pescoço estava sendo apertado que somente alguns ganidos escapavam de sua boca.

Belzebu segurou a grade com uma das mãos e com a outra puxou seu irmão pelo vão, um som alto ecoou pela casa quando os ossos do crânio da criança se quebraram pela pressão da grade do berço, e mais sons foram emitidos quando foi o momento das costelas passarem e estas se quebraram. Belzebu salivava com a sua iguaria, colocou as duas mãos dentro da boca da criança que morria em espasmos e abriu-a deslocando a mandíbula e por fim arrancando-a, desfigurando o rosto angelical da criança que nunca precisou envelhecer, pois morreu antes do tempo necessário.

As larvas de mosca saíam da pele de Belzebu e rastejavam para o banquete, um enxame de moscas começava a entrar na casa por todas as frestas possíveis e se dirigiam em direção ao jovem Belzebu. Todos partilhavam o banquete de vitelo humano.

Com o zumbido os pais do jovem acordaram e foram até o quarto da criança, acenderam a luz e viram seu filho agora deformado devorando o irmão mais jovem que jazia com as vísceras espalhadas por todos os cantos do quarto, rios de larvas rastejavam por todos os lados, moscas voavam sobre o sangue derramado. Bebiam o precioso líquido que formava um novo verniz sobre o assoalho de madeira.

- Eu quero mais papai e mamãe! – falou Belzebu, rindo. – Quero mais comida mamãe, sou um menino que sente muita fome. – dizendo isso ele olhou para seus pais e devorou mais um olho de seu pequeno irmão.

A mãe gritou e caiu ajoelhada no chão, chorando desesperada. O pai correu em direção àquele ser deformado com larvas andando por debaixo da pele e que havia sido seu filho no dia anterior. Fazendo isso esmagou diversas larvas que estavam no chão.

Belzebu rugiu, seu pai assustado parou onde estava. Um zumbido escapou da garganta do jovem demônio e as moscas voaram em direção ao seu pai, elas entravam nas narinas dele e na boca. Ele se debateu tentando se livrar dos

insetos, resvalou em um pedaço de intestino e caiu no chão, deslocando seu pulso ao tentar se proteger contra o impacto no chão. As moscas continuavam a entrar em suas vias respiratórias, ele tossia tentando respirar normalmente.

Belzebu rastejou até ele, as moscas pararam de importuná-lo, então o demônio encostou-se ao rosto do pai e disse.

- Perdoe-me pai, pois eu pequei! Mas eu quero comer, mesmo não tendo fome, preciso devorar estes mamíferos malditos que são os humanos, iguaria preciosa para nós, não há quitute mais saboroso! Eu chorarei por você, pai! – dizendo isso o demônio tentou chorar e no lugar de suas lágrimas pequenas larvas saíram de seus olhos e rastejaram sobre sua face. Ele então começou a gargalhar e acabou por vomitar milhares de larvas sobre o rosto de seu pai. Os pequenos insetos não demoraram em começar a devorar aquela carne mais velha.

O demônio abaixou-se sobre seu pai deu-lhe um beijo na face e então numa mordida arrancou o nariz, após mordeu a garganta para que a morte fosse rápida, ele ainda possuía alguma piedade. E devorou a carne de seu pai, pois ele precisava comer sempre mais. Belzebu salivava constantemente e gemia de prazer ao devorar a carne daquelas pessoas. O estômago e os intestinos do demônio já estavam dilatados de tanto comer carne e quem o visse diria

que estava grávido, seu corpo todo estava inchado, com pele dilatada em fendas sangrentas por onde larvas tingidas de vermelho vagavam e dançavam livremente proclamando cânticos infernais.

A mãe do jovem estava sentada no chão em um canto do quarto embalando os restos mortais da pequena criança. Havia tirado seu úbere para fora das roupas e tentava amamentar o que havia sobrado do crânio destroçado do bebê. Belzebu observava a cena com um sorriso no rosto, ele queria comer mais e encontrou uma sobremesa diferente para o banquete.

- Mamãe, nós queremos comer mamãe! Não conseguimos saciar este desejo de querer carne e mais carne. – disse Belzebu. - Você vai cuidar de nós mamãe?

Ele rastejou até sua mãe, ela tremia de medo e estava pálida, ele pegou os restos da criança e os jogou para outro canto. Belzebu agarrou um dos seios da mulher e começou a sugar o leite materno. Larvas saíam do seu nariz e adentravam na carne dos seios, devoravam as glândulas mamárias enquanto Belzebu sugava o precioso leite misturado á sangue. Ele abriu sua boca, colocou o seio inteiro dentro de sua boca e mordeu-o em sua base, arrancando-o com uma mordida, a mulher gritou. Levou as mãos ao local em que poucos segundos atrás possuía um seio. Belzebu engoliu o seio inteiro, derrubou sua mãe no chão e arrancou o

outro úbere. Ela tentava afastá-lo, mas já não possuía mais forças.

- Dá-me uma fruta para que eu me nutra! – falou Belzebu. – Dá-me o fruto de teu ventre, pois minha fome quer carne nova, vitelo humano!

Ele cravou os dentes no ventre materno abrindo uma fenda, com as mãos expandiu o corte, sua mãe se contorcia e com a dor urinou e defecou onde estava. Belzebu sorriu. Havia encontrado o útero e ali havia um pequeno embrião se desenvolvendo.

- Mamãe sempre me disse para comer frutas, não é mamãe? Dá-me então o fruto de teu ventre. Ele arrancou o embrião e devorou por inteiro. Após, arrancou os intestinos maternos para que ela morresse de uma vez. Seu estômago estava cheio, mas ele queria mais, muito mais. Rastejou até a saída da casa, a noite ainda seria longa e havia muitos moradores na cidade. Muita carne fresca para ele comer, Belzebu tinha fome e havia uma cidade inteira para ser devorada. Rastejou pelos cantos escuros da cidade, exércitos de moscas e larvas o seguiram, mais e mais comida ele encontraria, mais e mais sangue para se embriagar, e finalmente para o mundo voar. Ele rastejou até o cemitério, pois ali tudo começaria.



## NUNCA IRRITE UM ESCRITOR

- Aqueles malditos, como poderiam eles compreender a grandiosidade de meu trabalho? Eu precisava de paz e sossego, aquela algazarra toda só atrapalhava minha concentração. Agora eu tenho esse lindo silêncio que me envolve e me acolhe. Posso realizar minha grande obra sem perder o rumo certo. O quê eu posso dizer? Algumas vezes precisamos tomar uma atitude um pouco mais agressiva, avançar algumas regras antes que um mal maior aconteça. Se para existir paz é necessário usar a força, se é isso que ocorre ao redor de todo o mundo, aqui também não foi tão diferente. Aqueles seres malditos, inferiores por sua natureza precisavam aprender uma lição. Eu como um bom escritor, estando inúmeros patamares acima deles em conhecimento precisei tomar as rédeas e parar aquele estouro de boiada.

. . .

Um dia antes...

- Pequenas crianças, pequenas crianças, cordeirinhos e cordeirinhos, aí vai o lobo mal. Vocês podem correr e correr, mas nunca conseguirão se esconder. – O cabelo desarrumado atrapalhava sua visão, o suor escorria pelo rosto

e pelo pescoço, com a marreta suja de sangue e presa firmemente em suas mãos ele procurava seu alvo. Havia dias que ele queria apenas sentar-se ou deitar-se em algum recanto de sua casa para terminar mais um livro que ele estava escrevendo, apenas mais um livro a ser registrado e publicado, mas sem leitores, ninguém além do próprio autor leria aquelas páginas. Há anos ele já cultivava o pensamento de que escrevia para si mesmo, sem se importar em ter um público alvo e sem querer qualquer tipo de lucro com suas obras. Ele apenas escrevia, era isso, mais nada.

Nos últimos dias ele tinha cansado da baderna infernal criada pelos vizinhos que se afogavam em bebidas, música de má qualidade e promiscuidade. Cansou de todos os xingamentos de baixo calão, do sexo explícito nos quintais e varandas das casas, cansou das músicas, do cheiro de vômito alcoólico. Cansou de tudo.

Ele não queria mais ser pisoteado por pessoas que não possuem uma cultura própria e que vivem de seguir as ondas da moda com carros enfeitados com inúmeras caixas de som produzindo sons desconexos, homens e mulheres deformados por anabolizantes e cirurgias plásticas. Ele mostraria que estas pessoas estavam enganadas, que elas não eram superiores. A raiva mostraria sua supremacia diante do modismo. A atual festa tinha ocorrido em sua casa, rodeada por altos muros e portões trancados a sete chaves,

os sobreviventes tinham tentado inutilmente se esconderem em algum recanto da casa.

Passando pela sala e ainda ofegando com a adrenalina de alguns assassinatos cometidos ele se aproximou do aparelho de som para mudar a música. Tirou aquelas malditas batidas remixadas e letras de música sem sentimento. Colocou para tocar um CD com um *heavy metal* de vozes guturais e acordes desconexos que o faziam delirar por todos os recantos de sua imaginação. Fechou os olhos e inspirou profundamente erguendo levemente a cabeça e os ombros, após, sorriu.

Foi quando atrás de si apareceu uma mulher jovem apenas de biquíni, tremendo com o frio noturno, chorando com secreções escorrendo de seu nariz.

- Por favor, por favor, não me mate! Perdoe-me por ter jogado seus livros na churrasqueira, foi errado, mas era apenas uma brincadeira basta comprar outros. Você não pode passar a vida inteira apenas lendo e escrevendo, você tem que curtir a vida! Por favor, não me mate, eu faço qualquer coisa! – disse a mulher se ajoelhando no chão com as mãos entrelaçadas em preces inúteis.

- Curtir a vida? Foi isso que você disse? Quem é você para me dizer como eu tenho que viver? Sua pequena formiguinha, pequena formiguinha, é isso que você é. Nada mais, apenas serve os objetivos da colônia, vive aos moldes

da colônia. Sabe, eu gosto de formigas, admiro muito a organização delas e o fato de não precisarem pensar muito. Apenas seguirem seus comportamentos pré-determinados e sempre ditados por alguma autoridade. Só que há um problema, quando uma formiga me morde, eu a elimino. É um instinto defensivo, fazer o quê. E você me mordeu dolorosamente formiguinha. Você desprezou meus livros, minhas leituras e meus escritos! Todos vocês têm desprezado meus escritos, vocês são pedras no caminho, impedem que eu viva minha própria vida. Pensam que são superiores demais, mas veja só você aqui. Ajoelhando-se diante de mim e ainda assim querendo me ensinar a viver. Você nunca saberá nada sobre a vida, você é apenas uma formiguinha promíscua. Você faz qualquer coisa é? Então se deite de bruços e fique com o seu rosto voltado para o chão.

- Sim, sim, qualquer coisa para não morrer! - respondeu eufórica a mulher enquanto deitava-se obedecendo as ordens.

Ele se aproximou dela, inclinou levemente sua cabeça para a direita observando-a, segurava a marreta ensanguentada com a mão direita, deixando um rastro de gotas vermelhas no piso branco da casa. Ele segurou a ferramenta com as duas mãos, ergueu-a no ar e a fez descer violentamente contra o crânio da mulher. Lacerando os ossos,

fazendo um som de madeira sendo quebrada entrar em contraste com o *heavy metal* e sangue escorreu sobre o chão.

Ele se abaixou usando a marreta como apoio, olhou dentro do crânio perfurado e sorriu.

- Esmaguei sua pequena cabecinha, senhora formiguinha. – falou ele fazendo uma voz e uma careta infantil, imitando uma criança que se diverte com um presente recém recebido - E veja, sua cabeça é oca! Como eu imaginei. Sabe formiguinha, hoje meu objetivo de vida era apenas esse. Esmagar suas pequenas cabecinhas vazias e inúteis. Pelo menos como adubo vocês servirão para alguma coisa não é? – disse ele gargalhando e caindo sentado, não conseguindo conter seu ataque de risos. – Vocês desrespeitaram meus pequenos e amados livros, os mataram com o fogo infernal de sua maldita festa, fazendo isso vocês destruíram uma parte de mim. Acabaram com a maior parte do meu “eu”, com a minha existência. Assim sendo, só me restou a vingança, pois todos cometeriam vingança em prol de quem eles amam! – Levantou-se e acertou mais doze marretadas no corpo da mulher. Costelas, braços e pernas foram quebrados. – Uma morte deformada para você! Que tanto deformou a minha vida!

. . .

Três horas antes...

Fogo flamejava fortemente na churrasqueira de tijolos, as gargalhadas alcoólicas ecoavam pelo ar noturno. Uma névoa pairava sobre o ar gélido que fazia todos os seres urbanos se esconderem em algum recanto aquecido.

- Ei! Seu escritor! Legal você finalmente fazer uma festa para nós. Pena que você fica só com essa conversa ridícula sobre como viver e como realmente tornar a vida útil. – Falou um ser arrogante embriagado e tomando cerveja com canudinhos. – Mas isso aqui pode ficar melhor sabe. Temos todas as mulheres e as cervejas, mas o fogo ainda está baixo.

- Precisamos queimar alguma coisa! – respondeu outro gargalhando.

- Já sei! – Respondeu o primeiro. – Vamos, me ajudem, segurem o doutor escritor!

- O quê? – Indagou o escritor, enquanto outros quatro o seguravam ele deitado no chão. Ele tentava se livrar deles, e eles só o pressionavam ainda mais contra a grama molhada por cerveja.

O primeiro entrou na residência, seguido por algumas mulheres, não tardou e retornaram com dezenas de livros em suas mãos. O escritor arregalou os olhos, assustado por ver sua progênie de papel sendo tratada com tanta falta de educação, seus olhos se encheram de lágrimas, seu rosto ficou vermelho de raiva com veias dilatas enquanto ele gritava

desesperadamente tentando salvar seus amigos de todas as horas.

- Qual é problema escritor, é apenas um monte de papel velho e empoeirado, você pode viver sem isso. – Disse sorrindo sarcasticamente uma mulher que já ia arrancando as páginas dos livros e jogando-as no fogo.

- Cale-se! Você não sabe o que diz, você não sabe o que faz! Soltem-me! Parem com isso! – Berrou o escritor. O fogo iluminava a escuridão tornando-se cada vez mais intenso, conforme mais e mais livros eram adicionados àquela fornalha demoníaca. Quando o genocídio literário estava encerrado, acertaram um soco na boca do estômago do escritor, despejaram cerveja sobre ele e o deixaram caído no chão. Sendo xingado por todos ali presentes que o desprezavam por não agir como as grandes massas.

O escritor levantou-se tremendo de raiva, perdera todos os bens materiais mais valiosos que ele possuía. Foi até os portões da sua casa, trancou todos eles e escondeu as chaves, depois se dirigiu até o seu porão, não sabia ao certo o que faria, nem o que procurava. Talvez ele quisesse transformar em realidade algum de seus contos de terror, aquele som remixado e os berros daquelas mulheres o deixavam ainda mais irritado. Aqueles malditos que o surraram e o torturaram com a destruição de seus bens precisariam pagar. Ele já tinha muito desgosto acumulado em

sua vida, livros não vendidos, ausência de leitores, algumas de suas obras haviam tido a participação negada em antologias e editoras. Tudo parecia estar vindo à tona naquele instante. Todos sentiriam a dor que ele vinha sentindo há muitos anos. Então ele viu num canto de seu porão aquela marreta. Foi até ela e segurou-a firmemente, como se aquela ferramenta passasse alguma forma de energia e força para ele, funcionando como um talismã.

Saiu do porão para o interior da sua casa, uma mulher estava indo nua para o banheiro enquanto vomitava pelo chão da casa todas as bebidas alcoólicas que ela havia tomado. Ela estava drogada com álcool, afinal seja lícita ou ilícita, drogas são todas iguais, apenas uma forma das pessoas temerosas escaparem um pouco da realidade. Ele caminhou até ela.

- Você está bem? – Perguntou ele.

Ela virou-se sorrindo para ele, toda a parte frontal do corpo dela e os cabelos estavam sujos com vômito amarelado. O escritor se enojou daquelas pessoas ainda mais tendo essa visão diante de si. Num chute jogou-a para dentro do banheiro, entrou e trancou-se lá com ela. A mulher tentava se levantar do chão, segurando o corte que se formou na testa quando com o chute ela bateu com a cabeça na pia. Sangue escorria na lateral esquerda do rosto dela.



A luz fluorescente iluminava os pisos pretos e brancos do banheiro. O escritor ficou de pé sobre o vaso sanitário, a mulher estava sentada no chão diante dele.

- Cara – disse a mulher – saia do vaso sanitário, eu preciso vomitar.

- É claro! – respondeu o escritor, segurando a marreta com a mão direita e apoiando-a atrás do pescoço, curvando-se levemente para a frente com um sorriso no rosto e coçando o próprio queixo com a mão livre – Responda-me algo antes, você já jogou golfe? Eu nunca joguei. Mas no momento eu tive uma vontade incrível de conhecer esse jogo. Incrível ver aquela linda bolinha branca voando pelos ares após ser golpeada pelo taco rígido de metal!

- Nunca joguei, cara, agora me deixa vomitar em paz.

- É claro, senhorita tudo-que-eu-quero-é-vomitar! Apenas me deixe terminar a minha partida de golfe e você poderá fazer o que você quiser. – Ele retirou a marreta do pescoço, segurou-a como se segura um taco de golfe, posicionando ao lado da cabeça da mulher, calculando a jogada como um jogador profissional. Ela alternava olhares entre a marreta e o vaso sanitário. Quando a última coisa que ela viu foi a marreta indo violentamente contra a lateral de seus crânio, arremessando-a para o lado, um pedaço de crânio bateu contra o vidro da janela, ricocheteou contra a

parede e caiu dentro da pia. – Viu só senhorita! Ponto para mim! Acertei a minha jogada! Quem é o melhor agora?

. . .

Tempo atual...

E assim, pessoa após pessoa, eu fui mostrando para aquelas formiguinhas como um escritor em fúria pode ser superior a eles. Ah! Sim! Eu escrevia melhor do que eles, eu vivia melhor do que eles e quem diria, ninguém naquela festa jogava golfe como eu! Quantas cabeças voaram como pequenas e lindas bolinhas brancas! Foi uma noite emocionante, exceto pela perda de minhas preciosidades literárias.

Eles pensaram que nós escritores vivemos apenas em nossas imaginações, afogando-se em letras e frases. Dizem que perdemos nosso tempo, que ficaremos loucos de tanto ler e escrever. Afirmam que isso não é aproveitar a vida, o que sabem eles sobre isso? Nós, escritores, ao menos deixaremos alguma contribuição útil para as futuras gerações, tentamos fazer algo para melhorar a cultura pútrida de nossa sociedade e ninguém joga golfe com crânios tão bem quanto nós! Ah! Sim! Isso não há como discordar!

Aqueles cordeirinhos, mal sabem o lobo que há cá dentro. Agora veja, todos esses corpos estendidos em meu quintal com seus crânios estourados, bastou uma leve batida

de marreta para espalhar massa encefálica por todos os lados. Eles destruíram uma parte significativa da minha vida, a transformaram em cinzas, só me resta agora queimar esses corpos, destruí-los como eles destruíram meus livros. Eles irritaram um escritor e isso é algo que ninguém deve fazer. Ou poderá sofrer as devidas consequências.

## APENAS MAIS UMA MORTE

... morreu, parado no lugar em que nasceu. Não possuía motivos para dali sair, nem mesmo tinha vontade de mover um músculo de seu corpo, com este fato faleceu. A carne pálida daquele pobre humano que jazia envolto entre raízes e árvores que cresciam e se proliferam em todos os recantos daquela velha casa de madeira. Foi em um momento de nostalgia, impulsionado pela tristeza de viver, que ele decidiu apenas descansar e não fazer mais nenhum esforço por ninguém.

As plantas absorviam os restos fétidos e putrefatos daquele pobre símio sem pelos que denomina a si mesmo “pessoa” e tem vergonha de admitir que é apenas mais um animal. Como todo ser vivo ele morreu e lentamente apodreceu.

. . .

Algum tempo indeterminado antes... (Pois o tempo é variável e relativo conforme a percepção de cada pessoa, não podemos então determinar exatamente quando este fato ocorreu, somente que é um fato passado e como tudo que é

passado tende a cair no esquecimento se não for registrado cuidadosamente.)

O presente falecido e que ainda estava vivo na ocasião, quando ainda era novo, chegou em casa mais cedo da escola, abriu a porta de madeira velha e escura que rangia ao menor movimento, adentrou na penumbra diurna e fantasmagórica de seu próprio lar. Procurava pela mulher que ele aprendeu a chamar de mãe, chamou por ela e nenhuma resposta recebeu. Olhou na cozinha, olhou no único quarto da casa, em nenhum destes lugares ela estava. Restava somente o banheiro, a porta deste aposento era apenas um lençol velho e manchado com o sangue do parto de alguma criança, ele afastou tal tecido e espiou dentro do cômodo. No chão de concreto bruto, encostada na parede estava o cadáver sua mãe, com a mangueira do chuveirinho presa ao pescoço. Porém, na tentativa de se enforcar o chuveiro não resistiu ao peso e cedeu, arrebatando a fiação, estourando o aparelho sobre a face materna e desfigurando-a.

O filho encarava aquele cadáver com olhos parcialmente destruídos pelo fogo, ficou parado ali por muito tempo, vendo os filetes de fumaça que surgiam do cabelo e da pele incinerada de sua mãe. Ele começou a perder a vontade de ter qualquer atitude. Ali permaneceu apenas olhando aquele corpo com rosto desfigurado que encarava as paredes de tijolos velhos e visíveis. As pernas do garoto

tremiam exageradamente, ele apoiou sua mão na parede e foi se abaixando lentamente, foi engatinhando pelo chão molhado até chegar onde sua mãe morta estava, abraçou-a deitando-se em seu colo. Um filete de água saía da conexão entre o chuveiro e o encanamento da parede, esta água escorria pela parede e espalhava-se no chão. Quanto tempo ele duraria sem sair daquele local? Apenas o tempo de morrer de fome, pois a água continuava sempre escorrendo pela parede tal qual uma hemorragia sem fim.

Passavam-se os dias e o corpo de sua mãe apodrecia, mesmo assim ele não queria largar o colo acolhedor e maternal. Permanecia como um vigia, impedindo que qualquer inseto ousasse se aproximar do corpo que rapidamente se decompunha no calor infernal daquele verão mortal. O cheiro da carne decomposta se tornava cada vez mais forte, o garoto não sabia se o fedor vinha de sua mãe ou de si mesmo, por estar tantos dias sem tomar banho, sem trocar de roupas e sem nem mesmo tirá-las para fazer suas necessidades fisiológicas. Ele aguardava pela ascensão aos céus e esperaria o tempo necessário até que sua mãe tivesse essa graça, esperaria sentado.

. . .

O tempo e a fome agiam sobre o corpo do menino, pele e ossos eram as suas estruturas físicas. De sua mãe restavam aqueles ossos banhados pela água contínua. Restos mortais envoltos por flores silvestres que rapidamente se espalharam por todos os recantos da casa. O menino chorava, caído sobre os ossos. Ele implora por alguma ajuda divina, queria encontrar novamente sua mãe e no dia em que ele morreu foi quando aprendeu uma dura lição. Aprendeu que a vida é injusta e que não devemos esperar por uma vida pós-morte, pois nossa única vida é a atual. Ou a valorizamos, ou perderemos a única oportunidade de existência que possuímos.

# QUANDO DEUS PAGOU SEUS PECADOS

*“Aquilo que está vivo trata-se apenas de uma variedade do  
que está morto, e uma variedade rara.”*

***Friedrich Nietzsche***

A vida dele havia sido uma desgraça, tristeza atrás de tristeza, ele demorou a aprender que o mundo é indiferente à nossa presença, demorou em aprender que a vida é apenas um erro aleatório no caos do universo, que a vida é apenas um erro da morte. E quando ele aprendeu estas lições ainda foi tolo, pois ficou assustado e ao invés de ver beleza na existência ele sentiu raiva, ele ficou com muita raiva do responsável por tudo isso, este sentimento maligno pulsava em suas veias, a vingança era uma solução que ele possuía em mente.

Se havia alguém responsável por todo o universo, este supostamente seria alguma divindade, assim sendo, ele sabia que a única forma de encontrar tal responsável deveria ser morrendo, feito isso haveria o acerto de contas. A idade batia em sua porta, mas ele descobriu que a experiência de vida de uma pessoa nada significa se ela não souber interpretar e analisar de forma adequada as informações obtidas em sua curta existência. Ele se matou, enfiou o cano de uma arma



dentro de sua boca, apontando para o cérebro e disparou, o metal frio logo esquentou, carne e ossos foram queimados e arreventados, o sangue escorreu pela boca e pelo topo da cabeça, local em que se formou um amplo buraco de cor vermelho-escuro. Morreu sozinho, na mesma situação em que vinha passando os últimos dias de sua vida.

Conforme indica a crença vulgar os suicidas vão para o inferno, o lugar mais carinhoso criado pelas divindades para seus filhos. Neste lugar ele encontrou o diabo, já velho e cansado, mas um grande piadista e muito sábio, no inferno ele descobriu o segredo do universo, descobriu que na verdade o diabo é bom e deus é malvado, infelizmente o diabo perdeu uma aposta com deus, assim o bom ficou com o inferno e com fama de ruim e o malvado ficou com fama de pai bonzinho e com o céu.

Ele também descobriu que o diabo reformou o inferno mudando as ideias de deus, assim ao invés de o inferno ser um local ruim, virou um lugar bom. No inferno as pessoas são livres para pensarem e fazerem o que bem entenderem, já no céu elas são apenas cordeiros, literalmente cordeiros, que servem para saciar a fome de um pastor sedento por carne gorda e mal passada.

Andou pelos caminhos infernais seguindo indicações que o diabo havia lhe passado, pois o paraíso não ficava muito distante, bastava atravessar o purgatório para chegar

até ele, assim indicou o diabo. Longas distâncias ele teria que andar para saciar sua raiva contra a divindade, mas a raiva, este sentimento confuso, o impulsionava, parecia empurrar-lhe as pernas e acelerar as batidas de seu coração. Andava pelo inferno e na estrada de pedras quentes viu muitas pessoas sorridentes, viu pessoas lendo e escrevendo, pessoas usando de sua criatividade livremente e expressando suas opiniões sem repreensão por parte de fanáticos com mentes cegas.

Ele viu muitos demônios voando com suas peles sedosas e macias, eram pessoas nuas que flutuavam no vácuo fazendo seus projetos para a eternidade. Não, ali não havia torturas, nem sofrimento e nem mesmo choro. Nada era como foi ensinado em terra, ele sentia-se perdido em tal ambiente, queria permanecer ali, por instantes até fraquejou de seu objetivo. Entretanto, logo se lembrou que assim como ele outros estavam sendo enganados e raiva surgiu novamente, ele correu e correu deixando para trás as imagens de um mundo que ele sempre desejou. A longa estrada de pedras levava-o para baixo, para regiões ainda mais profundas que o inferno, a claridade do fogo quente e acolhedor começava a desaparecer e uma névoa espessa e gélida começava a dominar o ambiente a cada novo passo rumo aos abismos além do inferno.

. . .

Neste local em que chegou ele podia ouvir choro, gritos e todas as formas de lamúria possíveis. Andava lentamente, pois a névoa tinha se tornado espessa demais, parecia tentar impedir-lhe a passagem. Uma fraca luminosidade azulada irradiava do chão e com essa claridade ele conseguiu ver os corpos que se arrastavam nus, estavam cegos e tateavam o ambiente ao redor para conseguirem se locomover. Enquanto estava parado para admirar o estranho ambiente um dos corpos tateou-lhe os pés, ele pulou de susto e após se abaixou diante da mulher que se arrastava no chão. Ao olhá-la ele imaginou que ela tivesse morrido jovem, talvez antes de completar trinta anos.

- Você não é como nós. – falou a mulher para ele – Eu posso não enxergar, mas senti que você não se arrasta. Você deveria se arrastar para que a divindade não consiga te capturar, é por isso que queremos ficar perto do chão. Fomos cegados pelas palavras falsas desta divindade, pelas falsas esperanças ofertadas, agora aqui estamos, neste purgatório apenas aguardando o momento de sermos abatidos. Somos um rebanho em confinamento, nos arrastamos para dificultar as caçadas dele, afinal ele já está velho e não enxerga mais direito, se permanecermos deitados no chão fica mais fácil de fugir em meio à névoa.

Tocado pelos sentimentos daquela mulher aprisionada naquela situação sem ter culpa, ele sentia sua raiva aumentar ainda mais.

- Ouça, eu posso enxergar e vou encontrar um lugar seguro para você em meio a esse purgatório, deve existir alguma fenda entre essas rochas onde você possa se esconder até que eu volte da missão que eu assumi.

Dizendo isso ele carregou-a em seus braços, caminhou de forma atrapalhada para se desviar das outras pessoas que estavam no chão, chegou em uma parede de rocha, andou alguns metros em paralelo à essa estrutura e encontrou uma fenda próxima ao chão. Colocou a mulher no solo, inspecionou o local e tendo certeza de que era seguro colocou-a naquele lugar.

- Não saia daqui. – disse para ela – Espere até que eu volte, isso pode demorar, mas temos toda a eternidade.

- Sim, eu esperarei. Muito obrigada. – dizendo isso ela o abraçou fortemente.

Afastaram-se um do outro, por um instante ele quase chorou, tocado pelo sofrimento que o rodeava. Enxugou a umidade que se acumulava nos olhos e retomou seu caminho. Por vezes acabava por pisar em alguém, o que provocava alguns gritos que ecoavam naquela infinita caverna de luminosidade azulada. Que lugar horrendo era aquele e quanto sofrimento eterno ali acontecia, ele sentia um nojo

enorme se originando de sua raiva. Retornou para o caminho de pedras e novamente este o guiaria para lugares mais profundos.

. . .

Percebeu que sua jornada estava chegando ao fim, quando a estrada passou a ser ornamentada por milhares de corpos crucificados em ambos os seus lados, eram pessoas eternamente pregadas e dependuradas, com corvos, urubus, abutres e tantos outros carniceiros devorando-os eternamente sem nunca cessar o sofrimento. Fuja e corra enquanto é tempo, assim lhe gritavam as pessoas ali fixadas. Volte, pois nada muda aqui, diziam outros.

Apesar dos avisos ele seguiu em frente, ouvia risadas e gritos de dor. O ambiente cinzento e o cheiro de carne podre queimada o fazia ter náuseas, foi quando ele chegou diante de uma grande escadaria que levava a um trono feito de ossos humanos. Ao longo dessa grande escadaria inúmeros seres que pareciam terem escapado de um campo de concentração nazista estavam aglomerados, se não fosse o detalhe de terem asas, fato que logo o fez perceber que eles eram anjos, tocando a sinfonia dos mortos em trombetas, violinos e harpas feitas com ossos e tendões humanos, alguns ainda batucavam sobre crânios de crianças que tiveram hidrocefalia. A divindade estava nua, como todos no mundo

dos mortos, pois roupas são bens materiais que não acompanham os vivos após a vida. Sentada em seu trono, movia um de seus dedos como um maestro, controlando a sinfonia cósmica. Um velho barbudo e enrugado, com cara de malvado e a sobrelanceira esquerda erguida como que constantemente fazendo indagações.

- Vejo que tenho um ilustre visitante. – disse a divindade Abbadon. – O que o traz de terras tão longínquas para este local?

- Eu vim acabar com você, seu verme maldito e mentiroso!

- Por que tanta raiva diante de seu mestre, ó pequena marionete? – disse a divindade Abbadon.

- Pois passei a vida inteira acreditando em determinados dogmas apenas para descobrir que eles eram falsos e você não foi capaz de me ajudar quando eu precisei.

- Não lhe ajudei? – disse a divindade. – Pois bem, posso lhe pagar com carne? Isto é o que não falta aqui, nascem cordeiros a todo instante. Você não imagina como uma carne jovem e tenra pode ser saborosa. – continuou lambendo seus lábios - Ou você achou mesmo que eu me daria ao trabalho de criar todo esse rebanho humano apenas em troca de amor? Vocês humanos não criam rebanhos de gado apenas em troca de mugidos sem nexo, vocalizações produzidas constantemente e de forma igual todos os dias e

daí eu tenho que me contentar apenas com palavras repetitivas? Se você soubesse quantos já vieram até mim com a mesma ladainha, mas no final todas as pessoas serão arrebatadas para o meu abatedouro, isso sim acontecerá.

- Você vai pagar pelos seus pecados, vai provar de seu próprio veneno. – dizendo isso o homem começou a subir a escadaria, os anjos famélicos se afastavam, mas sem pararem de tocar os instrumentos.

A divindade levantou-se e pulou rapidamente sobre o homem, ambos rolaram escadaria abaixo um tentando matar o outro, os anjos soltavam berros agonizados e abraçavam-se chorando em pleno ar. Os crucificados riam da cena que se passava, divindade e homem lutavam, mordiam-se, chutavam-se em meio aos corpos e ao sangue do paraíso. Usavam ossos para espancaram-se, corriam, pulavam um sobre o outro.

- Então, o filho pródigo retorna ao lar! – disse a divindade enquanto limpava o sangue de sua barba esbranquiçada.

- O filho cansou de ser cordeiro, quer novos pastos, cansou de ficar confinado atrás de uma cerca quando tem o mundo inteiro para vagar. – respondeu o homem.

- Você não é filho dele. – disse uma voz na escuridão – Eu sou o filho dele. – o filho da divindade emergia da escuridão, com sangue vertendo constantemente de suas

feridas, olhos reluzentes e dentes afiados apresentados através de um sorriso sarcástico, trazia nas mãos uma clava feita com inúmeros ossos humanos. – Volte para seu trono pai, você já está velho. – dizendo isso correu em direção ao homem erguendo a clava nos ares, o homem correu para trás de uma cruz e a clava acertou tal estrutura, despedaçando-a e derrubando no chão o crucificado. O filho da divindade então acertou o abdômen do caído com a clava, abrindo o corpo e fazendo sangue voar pelos ares. Enfiou a mão dentro do corpo, arrancou o coração meio destruído e devorou-o. – Esse é seu destino!

- Eu não vim até aqui para terminar como mais um escravo! – gritou o homem, correu em direção ao filho da divindade, tentou pular sobre ele e foi acertado pela clava que lhe quebrou um dos braços e jogou-o no chão trazendo imensa dor.

Ele se levantou recuperando-se da pancada e novamente foi em direção ao filho da divindade, dessa vez se desviou da clava e cravou sua mão sã numa das feridas sangrentas que o filho da divindade possuía no abdômen, ferida causada por uma lança humana há milhares de anos e que até o momento não havia cicatrizado. Ele empurrou seu braço para dentro do tórax daquele ser que gritava com a dor, o ungido havia largado a clava e berrava tentando empurrar o homem para longe de si e este começou a gritar também, no



entanto não foi um grito de dor e sim de raiva e ódio por aquela criatura.

O homem remexeu seu braço e encontrou o coração que pulsava acelerado, arrancou-o para fora do corpo, fazendo um sangue negro escorrer sobre a pele pálida e cinzenta do filho da divindade e fazendo-o cair ajoelhado diante do homem. Os anjos sobrevoavam a cena, como urubus sobrevoam a carniça, o homem jogou para eles o coração sagrado e os seres alados devoraram-no vorazmente, pois há muito estes seres também desejavam a sua liberdade.

De seu trono a divindade assistia a cena chorando e se arrastando no chão como um verme. O homem colocou um de seus pés no ombro do filho da divindade, colocou as mãos nas laterais da cabeça dele, ergueu-lhe a face olhando profundamente naqueles olhos mortos que choravam sangue, então olhou para a divindade e disse.

- Perdoe-me Abaddon, mas eu sei exatamente o que faço. – dizendo isso puxou a cabeça do filho da divindade, usando todas as suas forças e toda sua raiva para arrancá-la daquele corpo. E quando conseguiu realizar a decapitação manual, inúmeros vermes começaram a escapar pela fenda aberta no corpo daquele ser.

Abaddon correu em direção ao homem para aniquilá-lo, para esmagar aquele maldito ser mortal. Ergueu-o pelo

pescoço e o asfixiava nos ares, quando uma luz irradiou da escuridão da caverna. Diante deles surgiu uma linda mulher carregando uma lança que era a fonte da luz que dissipava as trevas, Abaddon bem conhecia aquela arma era a lança da razão, ele largou o homem e tentou fugir para seu trono. A mulher jogou a lança, esta zuniu pelos ares pútridos daquele local, acertando o tórax da divindade. Um estrondo imenso ecoou pelos ares e a arma começou a brilhar mais intensamente, iluminando aquele local e iniciando o processo de dissipação das trevas que encobriram o mundo durante tantos milênios.

# CARNIS VALLES

06 de janeiro de 2666 da Era das Trevas, ano 333 da Era da Racional.

O presente texto é um relato histórico criado por meio de inúmeros livros que foram encontrados em escavações arqueológicas na área de reserva da biosfera global que antigamente era denominada de América do Sul e também se trata do primeiro resumo do relatório sobre a reconstituição do comportamento humano no século XXI.

Infelizmente com o colapso da civilização contemporânea, muitos dos chamados dados digitais foram perdidos, restando apenas os escritos em papéis de celulose, denominados livros, que os antigos conseguiram arquivar em abrigos subterrâneos movidos à energia solar e geotérmica. Quando perceberam que sua civilização havia chegado ao colapso e que as guerras dizimariam toda a cultura global, nossos antepassados construíram esses grandes templos do conhecimento também denominados bibliotecas, localizados em locais secretos nas regiões polares e nestes locais arquivaram o maior número possível de exemplares de todos os livros produzidos em sua cultura.

Com base nestes escritos originados da atual reserva da biosfera, percebemos que todo ano era sempre a mesma situação, a religião ditava as festas e a população obedecia cegamente. Mas havia uma época do ano em que os instintos humanos ficavam extremamente felizes, era a época dos prazeres da carne, o dito carnaval. Próximo a essa época as pessoas começavam a ter comportamentos próximos da loucura com os níveis de progesterona e testosterona elevados em seus sangues, poder-se-ia afirmar que essa época era quase o período em que as fêmeas de *Homo sapiens* entravam no cio. Apesar de toda a cultura ter tentado manter a monogamia nesta época de festividade reinava a poligamia, a promiscuidade, a pornografia pública e a prostituição gratuita.

Sim, eu sei que parece estranho, mas as mulheres gostavam de serem tratadas como objetos, escravas e até mesmo como animais de estimação de seus companheiros masculinos, e ainda, naquela época o povo não aceitava a ideia de serem animais, consideravam-se como sendo seres superiores e achavam que eram filhos de deuses, por favor, não riam, temos que respeitar as culturas ancestrais por mais descabidas que elas possam ser. Retornando ao festejo anual do cio feminino, nesse período as pessoas se reuniam em grandes aglomerados para fazer uso de substâncias que causavam alteração de seu estado de consciência, era uma

época de sofrimento temos que compreender isso, portanto os mais fracos e covardes em relação à realidade faziam uso de diversas toxinas lícitas e ilícitas. Ainda nestes grandes aglomerados eles usavam tecnologias para produzir sons com batuques tribais numa tentativa de fazer com que seus cérebros, por efeito da música primitiva, liberassem endorfinas. Todo esse ritual tribal e primitivo era usado para tentar criar um clima agradável de encontro de parceiros sexuais e possível procriação. Nessa busca algumas mulheres dançavam ao longo de extensas ruas ornamentando seus corpos com ridículos artefatos brilhantes sempre deixando suas partes sexuais quase totalmente expostas para atrair a atenção dos pretendentes ao acasalamento, quando as mulheres não faziam essa caminhada de exposição e estavam nos grande aglomerados de rituais elas procuravam usar trajes que mais pareciam roupas íntimas, sim, apesar da repreensão ao longo de todo o ano da exposição sexual, nos dias de festa tudo era permitido.

As pessoas daquela época decadente encontravam tanto sofrimento e dificuldade em suas vidas diárias que o auge de seus ciclos de translação terrestre, também chamado ano, eram esses eventos em que faziam todo o possível para tirar prazer de substâncias tóxicas e do sexo. As instituições religiosas sabiam aproveitar desta necessidade humana e passaram a condenar essa busca de prazer como um pecado,

inserindo dentro da mente das pessoas o sentimento de remorso e culpa até mesmo pela sua busca natural de perpetuação da espécie, porém na época do *carnis valles* as religiões absolviam esses pecados para acalmarem os problemas psicológicos ocasionados pela supressão da realização de instintos símios. O lado triste é que como as pessoas passavam o ano inteiro suprimindo tais instintos quando surgia a oportunidade de liberá-los, eles acabavam saindo do controle e este fato ocasionava toda a situação decadente encontrado no festejo do cio feminino.

Os festejos tornaram-se ainda mais decadentes quando próximo ao colapso final da sociedade e com as teocracias tendo ressurgido em diversos países, a repressão aos atos sexuais que ocorressem fora dos três dias permitidos tornaram-se mais intensas. O resultado é que quando os dias festivos chegavam as pessoas estavam com alterações mentais tão grande que esses eventos acabaram por se tornarem estupros coletivos com o pleno consentimento feminino. Fomos agraciados com as probabilidades que penderam para o lado racional e trouxeram um fim a tal sociedade, é assustadora a visão de atos tão hediondos como estes acontecendo dentro dos aglomerados habitacionais humanos.

Alguns pesquisadores têm proposto a realização de uma reconstituição destes eventos com grupos de voluntários

em prol de um melhor entendimento da mente humana numa situação tão primitiva, é claro que teremos que explicar plenamente os riscos que eles vão correr com esta pesquisa. A princípio os voluntários serão deixados em uma ilha apenas com tecnologias do século XXI, o sistema de filmagem usará a tecnologia de desvio refletivo de luz para permanecer camuflado em todos os ambientes da ilha para que possamos observar todos os comportamentos realizados pelos humanos na ilha. Não sabemos ao certo quanto tempo essa pesquisa vai durar, pois não possuímos plena compreensão do tempo necessário para que uma pessoa passe de um atual estado civilizado para modo de agir primitivo dos primeiros anos do século XXI.

. . .

11 de fevereiro de 2666 da Era das Trevas, ano 333 da Era da Racional.

Há uma semana foi dado início ao programa da pesquisa sobre o comportamento humano do século XXI. Os voluntários já foram instalados na ilha e foi dado início à rotina que as pessoas possuíam naquele período, eles estão sendo obrigados a trabalhar quase todos os dias para conseguirem obter seu alimento e para darem parte de seus ganhos para fins governamentais, é importante fazer uma inserção

histórica nesta parte, nos século XXI ainda existiam governos e ainda existia dinheiro, eles nem conseguiam sonhar com a atual realidade em que realmente existe um respeito e cooperação mundial, as pessoas morriam de fome e doenças enquanto alguns governantes permaneciam desviando dinheiro que deveria ser usado em prol do bem coletivo, as pessoas tinham criado coisas denominadas fronteiras e matavam-se em prol dessas ideias imaginativas. Retornemos para o ponto principal de nossa pesquisa após esse breve desvio.

A parte que causou mais incômodo nos voluntários foi o hábito de terem que se reunir após o trabalho em locais públicos para tomarem líquidos tóxicos que alteram o funcionamento de sua mente intoxicando-os com álcool e ainda tiveram que se sentar em bancos que formavam um círculo para produzirem batuques e observarem uma mulher dançar seminua no meio da roda insinuando-se sexualmente para eles. Alguns voluntários pensaram em desistir da pesquisa, porém estavam cientes do contrato que haviam assinado e precisavam continuar, as mulheres reclamaram bastante por estarem sendo tratadas com tamanha falta de respeito.

Outro fato que tem incomodado os voluntários é terem que se sentar durante horas seguidas em frente à televisões para assistirem o esporte denominado futebol, eles não



conseguem entender qual é a graça no fato de homens terem que ficar observando outros homens correndo atrás de um objeto esférico. Nossa preocupação é que com o tempo o fanatismo do futebol possa dominar a mente deles e fazê-los agirem de forma violenta em prol de abstrações esportivas denominadas times, temos o registro histórico de inúmeras ondas de violência e morte devido a esses esportes.

Dentro de mais alguns dias eles terão que começar os preparativos para a época do cio feminino e então alcançaremos o objetivo de nossa pesquisa em observar plenamente o comportamento humano primitivo. Até a data os voluntários provavelmente já terão se acostumado com estes estranhos comportamentos, infelizmente somente agora o coordenador me informou que ainda não pensou em uma forma de reverter os efeitos mentais da pesquisa sobre a mente deles, teremos que pensar em alguma metodologia adequada e de forma urgente.

. . .

05 de março de 2666 da Era das Trevas, ano 333 da Era da Racional.

Hoje foi um dia grandioso e assustador, alcançamos os objetivos da pesquisa, recriamos o período de cio feminino dos povos antigos. Os voluntários estavam acostumados com

as rotinas cansativas e medíocres que caracterizavam a vida do século XXI, ao chegar da noite iniciaram suas festividades tribais com seus batuques e suas danças de rituais de acasalamento. Todos estavam praticamente nus, batucavam e emitiam vocalizações enquanto andavam pelas ruas da ilha, as mulheres ficavam chacoalhando suas nádegas em movimentos que representavam o ato de acasalamento, provavelmente tentando demonstrar aos homens que elas estavam em um período fértil. Os batuques começaram lentos e logo estavam acelerados possivelmente representando as batidas aceleradas do coração, causando algum efeito sobre a bioquímica do cérebro e contribuindo para aumentar o estado de êxtase e excitação nas pessoas ali presentes.

Não tardou para que as representações de acasalamento logo comesçassem a tomar um rumo mais realista, o resultado é que mesmo que em nossa atual sociedade a monogamia seja aceita e plenamente utilizada por toda a população como forma de respeito e sinceridade, na ilha os voluntários voltaram ao estado primitivo da poligamia. Enquanto alguns homens continuavam a tocar a música, os outros começaram a brigar para ver quais deles conseguiam acasalar com o maior número de fêmeas, a agressividade tomou conta do ambiente e cada um queria ter mais chances de deixar descendentes do que os outros. As

mulheres incitavam as disputas na expectativa de acasalarem com o homem mais apto a gerar uma progênie dominante.

Mas uma reviravolta aconteceu, pois os homens que lutavam e já se encontravam com o sangue plenamente dominado por substâncias tóxicas logo caírem de cansaço e ficaram apenas deitados cantando partes de músicas de forma desconexa. Alguns homens com um estado de consciência tão alterado pelo uso de bebidas alcoólicas passaram a acasalar com outros homens, enquanto aqueles que se mantiveram mais reservados e à espreita das festividades, aproveitaram a situação para acasalar-se com o maior número de mulheres repetidas vezes usando até mesmo o estupro.

Infelizmente, além de toda essa decadência, os homens que estavam a espreita após o acasalamento usaram da violência extrema do século XXI, não pensamos que isso fosse acontecer, mas eles empalaram os machos que estavam alcoolizados, reduzindo assim a quantidade de concorrentes e permitindo um maior número de mulheres para cada um dos homens que colaboraram no massacre dos rivais. Ficamos abismados com tal situação, pensamos em intervir, entretanto a intervenção poderia alterar os resultados da pesquisa e resolvemos deixar a situação seguir seu curso natural.

Com esses resultados resolvemos alterar os parâmetros da pesquisa, vamos deixar nossa sociedade experimental da ilha continuar para ver quais os rumos ela irá seguir se ela se tornará sustentável ou se irá colapsar. A princípio as únicas atividades que os voluntários tem realizado nas últimas 48 horas tem sido permanecer acasalando o máximo possível, há indícios de que tenham realizado antropofagia com os homens que haviam sido empalados e ainda estavam agonizando sobre as estacas. Vamos aguardar mais alguns meses e ver quais serão os caminhos que essas pessoas escolherão.

# ESCRAVIDÃO

*Baseado em um pesadelo.*

Já fazia alguns dias desde que centenas daqueles estranhos objetos voadores entraram em nossa atmosfera, incendiando pelos ares devido ao atrito com os gases. Os estranhos seres que assumiram formas humanas vinham de muito longe, universos brancos, universos paralelos, era disso que eles falavam. A prerrogativa inicial destes seres era formar alianças e acordos interplanetários para combater ameaças violentas que se espalhavam por todos os recantos do cosmos. Aparentemente assim como nós eles não conseguiam viver em paz, acordos políticos com manchas de sangue deviam ser feitos para manter o clima pacífico entre as diferentes nações interdimensionais.

Para demonstrar que eles eram pacíficos ofertavam a todas as pessoas uma pequena pílula denominada “controle”. Todos que ingeriam este estranho medicamento, uma bolha azul e viscosa, ficavam com ótimas condições de saúde e curavam-se de inúmeras doenças. Em algumas cidades eles ainda não haviam chegado e em minha cidade só conhecíamos estes seres através da televisão e da Internet, mas eu me preparava para o dia em que eles apareceriam por aqui, pois eu bem sabia que considerando o caráter corrupto

da maioria dos humanos tratados e acordos de paz nada valiam quando riquezas estavam escondidas por detrás das cortinas do show. Muitos já desconfiavam que a pílula na verdade servia para o controle mental das pessoas.

...

Era um final de tarde e as nuvens brancas tornavam-se rosadas com o Sol da primavera, uma brisa agradável soprava do Sul, dando ao dia uma sensação inigualável de que a vida vale a pena ser vivida. Acho que era o que muitos chamam de sentir o numinoso e que acaba por influenciar algumas pessoas a acreditarem em deidades inexistentes.

Foi quando eles chegaram com suas naves como que incendiando o céu. Eu e minha esposa tentamos proteger um pequeno grupo de amigos em nossa casa, tudo o que tínhamos para nossa defesa eram alguns facões. Trancamos todas as portas, mesmo sabendo que seria em vão, portas não os retardariam por muito tempo. Ficamos esperando em uma varanda grande que havia no segundo andar da residência.

Estávamos todos aflitos e as conversas giravam em torno das reais intenções daqueles seres de outros universos. Alguns queriam fazer contato pacífico com eles, afirmando que seres avançados não seriam violentos, porém olhamos para a humanidade e mesmo com todo o avanço e progresso

tecnológico ainda assim continuamos a agir da mesma forma que nossos ancestrais que habitavam cavernas, se é que não agimos de maneira pior. Não poderíamos facilitar uma comunicação desprotegida com aqueles seres.

Nossa conversa foi interrompida, ouvíamos as portas da casa sendo quebradas com grandes estrondos, ao longe víamos pessoas andando lado a lado com aqueles estranhos seres de forma humana. Eles estavam dia da grande porta de madeira escura que dava acesso para a sacada. Mais um estrondo e pudemos ver cara a cara aqueles estranhos seres de forma humana. Caminharam lentamente e nossa direção, atrás de mim alguns diziam que eles não pareciam malévolos, que deveríamos confiar neles, pois eles supostamente eram como nós. As pessoas sempre confiam naqueles que possuem um aspecto físico parecido com elas, se esquecem que as vezes o lobo se disfarça em pele de carneiro.

Não dei atenção a tais comentários, avancei com o facão empunhado, berrando fortemente em direção daqueles seres, decepei o braço de um quando ele tentou se defender de meu ataque. Não havia sangue, nem ossos, apenas uma massa gelatinosa com a cor de pele. O ser me ofertou um sorriso sarcástico. Algumas pessoas já tomavam a pílula “controle”, minha esposa e eu tentávamos lutar contra aqueles seres.

Na luta eles me acertaram com os punhos no peito e fui jogado ao chão, deslizando no piso liso e batendo com as costas na cerca da varanda. Fiquei desacordado por alguns segundos e quando me recuperei da pancada, ainda com a adrenalina correndo em minhas veias foi que vi minha esposa amarrada em uma cadeira. As outras pessoas tinham tomado o “controle” e permaneciam paradas em fila, e agora aqueles malditos seres queriam dar o mesmo destino à minha amada. Levantei reunindo as forças que ainda me restavam, gritei para chamar a atenção deles, corri em direção dela, os seres se intrometiam em minha frente, usei de minha animalidade para conseguir vencê-los. Socos, chutes e mordidas.

De passo em passo eu me aproximava de minha amada, ela chorava assustada e percebi que eu também chorava com o desesperado tomando conta de meu corpo. Alguns seres pularam sobre as minhas pernas, caí batendo o nariz no chão e fazendo-o sangrar, ignorei a dor, o seres tentavam me puxar para trás e com toda a força eu debatia minhas pernas, me arrastava para frente e por vezes chutava algum deles. Minhas unhas começavam a quebrar por eu tentar cravá-las entre no rejunte dos pisos.

Foi quando um dos seres empunhou uma estranha arma e uma descarga elétrica atingiu meu corpo, eu estava diante dos pés de minha amada, nossos olhos cheios de lágrimas se encontravam em olhares desesperados, a única



coisa que consegui foi esticar meu braço, encostar no pé dele e proclamar as últimas palavras que ecoavam em minha mente quando o choque fazia meus músculos falharem. Eu disse à ela:

- Eu te amo! Sempre te amarei... nunca se esqueça disso...

Minha visão se tornou turva e escureceu, a últimas palavras que ouvi meio desconexas diziam:

- Levem esses dois daqui, precisamos estudá-los, pois eles agem de forma diferente dos outros que aqui estão.

. . .

Uma visão de um final de tarde, um campo de trigo dançando diante da brisa de primavera. Pessoas plantavam, capinavam e colhiam, enquanto do alto das torres aqueles estranhos seres apenas monitoravam sua mais nova mão de obra escrava.

## A CASA DE DEUS

... e esta é a palavra de deus, meus irmãos! Nós nos encontraremos aqui novamente, na próxima semana, para deixar deus entrar em nossas vidas! – falou o sacerdote.

- Aleluia! – gritou a multidão enaltecida, que ocupava todos os bancos de madeira daquele longo salão no andar térreo da casa de madeira.

- Não se esqueçam! Esse final de semana, vamos nos reunir e começar a construir novas casas de madeira para metade das famílias desta comunidade. Chega de usarmos concreto e outras artificialidades! Chega disso! Nosso deus nos concedeu as árvores para que usássemos sua madeira para construirmos nossos lares! Vamos até o bosque e cortaremos aquelas grandes árvores com nossos próprios pulsos, não se esqueçam de levar os machados!

...

### *Final de semana.*

Em um fragmento florestal entremeado por plantações, em uma comunidade rural distante dos grandes centros urbanos, as pessoas se reuniram junto de seu sacerdote para

cortarem árvores, construírem casas ou reformarem as já existentes.

- Vejam irmãos! Esta grandiosa árvore, criada por nosso deus para satisfazer ao homem! Este objeto imenso cai diante do punho dos filhos de deus! – após o sacerdote dizer isso os homens puxaram a árvore amplamente cortada em sua base por golpes de machado, a seiva esbranquiçada escorria ao chão como sangue de uma vítima de assassinato. – Vamos prosseguir, pois ainda temos muito a ser feito. Esse mato não vai mais nos atrapalhar, vamos ter mais espaço para plantações e mais comida para nossas crianças, deus seja louvado!

Árvore após árvore foi derrubada, eram arrastadas e serradas em tábuas. Os animais que apareciam eram mortos e largados para apodrecer, eles só queriam acabar com aquelas pragas do mato.

. . .

*Dois meses depois.*

A comunidade estava reunida no andar térreo da casa do sacerdote, local que servia de templo religioso. Era uma manhã de domingo ensolarada e rezavam para agradecer o término das construções e das reformas. A cerimônia religiosa terminou e todas as pessoas se retiraram, o sacerdote permaneceu para limpar o salão. Apenas em algumas horas

tempo começou a ficar nublado e um vento gelado soprava do sul, passava pelos vidros entreabertos, frestas de madeiras e criava sons fantasmagóricos, por vezes vozes e palavras pareciam surgir do vento.

- Pai, todas elas, agora estão conosco, todas elas.

Foram as palavras que o sacerdote ouviu ao seu ouvido. Assustado olhou ao redor e nada viu. O vento se tornava mais forte, as tábuas da casa rangiam, parecendo lamúrias. O vento prosseguiu ao longo de todo dia e o sacerdote parecia escutar vozes em todos os cantos, mas as ignorava. A noite chegou rápido, no meio da tarde já parecia noite e um forte temporal começou.

Para se aquecer o sacerdote resolveu fazer uma fogueira.

- Vamos queimar algumas arvorezinhas malditas. – falou ele em seus pensamentos. Preparou o fogão a lenha e quando jogou a madeira dentro do fogo, um rugido ensurdecedor saiu de dentro dele, seguido de um estouro. O sacerdote que estava abaixado diante do fogão, caiu sentado para trás. – Meu deus!

Uma risada seguiu, ele olhou para a janela, lá fora a chuva era torrencial e noite só era clareada pelos raios. No reflexo ele viu uma mulher nua de pele branca e longos cabelos escuros.

- Não proclamais o nome da divindade em vão. – disse ela, após a mulher se apoiou no vidro e o lambeu. Para então se dissolver em uma névoa.

O sacerdote correu para seu quarto, pegou o livro sagrado e retornou até a cozinha. Começou a rezar freneticamente até que adormeceu sentado em sua cadeira.

. . .

No meio da noite o sacerdote acordou, estava tudo escuro, o fogo já tinha apagado, sentia uma imensa dor em seus ombros e seus braços pareciam estar amortecidos. Não entendia como, mas sabia que estava de pé e não sentado. Algumas dezenas de velas se acenderam estavam todas perto das paredes. Uma vela para cada tábua. Ele viu que ainda estava em sua casa, era um quarto que ele mantinha vazio, usava-o apenas algumas vezes por semana, mas o que ele fazia ali com as camponesas não vem ao caso ser mencionado no momento.

Foi quando a mulher de pele branca e cabelos escuros entrou no quarto, agora usando um longo vestido negro.

- Qual seu último desejo? – indagou aquela mulher – O que você mais deseja que já não tenha? Há algo a mais que eu possa lhe ofertar? – continuou ostentando um sorriso com segundas intenções. O sacerdote estava nu pendurado com

uma corda que ligava suas mãos ao teto, suava frio diante daquele questionamento.

- Durante anos eu tenho acompanhado seus atos e eis que chegou a hora de você ficar sem atos, sendo apenas mais um ator coadjuvante neste grande circo de felicidades. – a mulher andava circulando ao redor do sacerdote, observando-o tremer, observando os seus poros cutâneos excretarem incessantemente o suor que trazia para a superfície corpórea o cheiro de medo que impregnava aquele quarto escuro e vazio com o aroma mais excretado pelas pessoas ao longo de suas curtas e ridículas vidas. – Você sempre queria mais e mais, agora é isso que você terá, o máximo possível que você puder aguentar. Tolo que achava que o sentido da vida seria apenas possuir, acha que toda mulher deve ser submissa a algum homem? Acha que o fato de você entorpecê-las com a desculpa de que irá tirar o pecado do corpo delas é a vontade divina?

- Divindade sagrada que encontra-se... – sussurrava o sacerdote amarrado.

- Não se preocupe em rezar, seu deus não poderá te ouvir, mortos não ouvem nada. Esta é casa dele, mas ele se foi, o tempo deixou de ser tempo para ele. “Nós o criamos e nós o matamos”, coitado. Assim como para sua antiga família, sua esposa, seus filhos, o tempo deixou de ser tempo para eles.

- Pelo menos no leito de minha morte, deixei-me usar de minha crença, sua sanguinária. – respondeu o sacerdote.

- Não sou sanguinária, como você sabe que vai morrer? Eu sou a morte, sou a dor, sou a vida e a felicidade, tudo depende do ponto de vista. Eu sou o teu lar, você adora estar em casa e comigo você está. Você teme a morte, mas se esquece que ela é apenas mais uma parte da vida, nós é que somos covardes, sempre ansiamos por mais uma vida, sendo que a finitude da vida é que a torna tão bela, faz com que cada momento seja único! Você deseja um deus, mas só porque você deseja e acredita isso não o torna real. Não importa o quão forte e intensa seja a sua fé na existência de seres místicos isso não fará com que eles sejam reais. Seu último desejo é rezar e acreditar no inexistente? Até mesmo nos últimos momentos de vida você insiste em permanecer com sua hipocrisia, manter a crença, rezar missas, mas pelo que vejo de sua vida, os ensinamentos supostamente bons da igreja, entram por um ouvido e saem pelo outro, não é mesmo? “Faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço” este tem sido seu lema.

- Você não sabe nada sobre minha vida, pare de dizer asneiras! Você não passa de uma mulher, vá servir ao seu homem! Não ouse profanar a casa de deus com seus insultos! Tu bem sabes que a mulher em tudo deve estar submissa ao homem e não deve ser permitido a ela que ensine! Portanto,

permaneça em silêncio e me tire daqui! – respondeu o sacerdote.

- Ah! Você pode ter certeza de que eu sei o suficiente, muito de seu comportamento eu tenho observado. A forma malvada como você tratava seus filhos e sua esposa, a forma como você os escondeu da sociedade, trancados nas paredes da casa de deus, a família reunida por toda a eternidade. A sua soberba diante de seus amigos, afirmando que você é o mais próximo da divindade por ter feito celibato e ainda se acha o dono da verdade, dizendo que a vida e a rotina lhe trouxeram todo o conhecimento de que você precisava. Você se esqueceu que as paredes têm ouvidos? Ouvidos de madeira, ouvidos de árvores mortas e despedaçadas cruelmente, mas ainda assim, ouvidos que tudo veem e tudo ouvem.

Mas deixe eu lhe dizer uma coisa, você não soube obter os conhecimentos na vida, você ficou preso dentro de sua cabeça pequena, criando interpretações errôneas da realidade. Toda palavra que você diz em uma conversa, você sempre tenta dar uma lição de moral nas outras pessoas, apesar de nem mesmo saber o que é moralidade e nunca ter refletido sobre todas as variações culturais do certo e do errado. Você fala demais, no entanto, pouco cumpre da suposta moralidade que você tanto tenta espalhar. Mas as árvores, sempre quietas e atentas a tudo, ouvindo e ouvindo,



mesmo despedaçadas e pregadas aleatoriamente, para formar a casa do suposto deus. Talvez elas tenham aprendido alguma coisa. – disse a mulher.

- Me deixe sair daqui, não quero perder meu tempo tagarelando com uma mulher que não sabe o seu lugar dentro de uma casa! O homem é a cabeça da casa, assim como o messias o é na casa de deus! – vociferou o sacerdote.

De um canto escuro da fria e úmida sala, com paredes mofadas decompondo as madeiras, aproximou-se mais uma mulher, esta usando um longo vestido branco.

- Oras, mais uma para a festa. – resmungou o sacerdote e cuspiu na mulher que se aproximava.

- Me diga – perguntou a mulher de vestes brancas – sabia que os povos há milhares de anos, assim como as primeiras pessoas a viverem em sociedade, cultuavam deusas, criavam imagens femininas, valorizam as mulheres, sua fertilidade e a maternidade. Então por que agora tu se curvas diante de um deus homem, que se diz um deus de amor, mas tanto odeia as mulheres? Sabe, isso é estranho, por que nem mesmo os homens que gostam de outros homens cultivam o ódio pelas mulheres, inúmeras vezes as tratam de forma bem mais educada do que os homens que dizem gostar de mulheres. Vocês devem ser muito inseguros de si mesmos, inventam um deus homem para lhes proteger e criam as leis conforme suas vontades e dizem que elas

vieram de deus, é claro que numa sociedade muitos homens querem as mulheres apenas como seus objetos, isso é muito conveniente. Assim, vocês inventaram um deus novo que atendesse às suas necessidades instintivas básicas. Porém, construíram esta casa de deus é feita com árvores, não se diz “o” árvore, mas sim, a árvore, no feminino, apesar de a maioria das plantas possuírem ambos os sexos, todas são como uma grande mãe, onde se desenvolvem inúmeros frutos, inúmeras novas gerações. Então, por que tu não abraças uma árvore e as cultiva, ao invés de simplesmente cortá-las para construir templos para amigos imaginários? As árvores aqui presentes te observam, ainda há tempo para redenção. Pois esta casa de deus foi feita de árvores e elas não possuem almas, não simplesmente pelo fato de isso não existir, mas porque chegou o momento de elas se defenderem. Elas permanecem vivas por muito mais tempo do que você imagina. Você acha que foi agradável para elas ser o instrumento responsável pela morte de sua família, você as usa para o quer, mesmo que elas não desejem se sujar de sangue.

- Seu demônio! Deus é maior, deus é fiel! Pare de dizer profanações heréticas! Quando eu conseguir sair daqui pegarei vocês duas! – gritou o sacerdote.

- Não sou demônio. – respondeu a mulher de vestes brancas, enquanto a mulher de vestes negra ria da raiva do

sacerdote – Esse comportamento é típico de pessoas que não sabem conversar ou discutir de forma racional, quando não sabem argumentar começam logo a xingar, você insiste que o seu messias pregou a humildade, mas onde está a sua? Não sabe respeitar uma opinião diferente da sua? Vai dizer que estou ofendendo sua fé? Bom, a meu ver crenças são ideologias, como ferir ideologias se são coisas abstratas? Por que você insiste em criar esse falso muro ao redor de suas crenças como se fosse proibido pensar sobre elas? Como você vai melhorar o mundo se não permite que sejam feitos questionamentos, sendo que são os questionamentos e a busca por respostas mais reais que aperfeiçoam a sociedade?

O sacerdote piscou inúmeras vezes, tinha impressão de estar vendo dois aglomerados distorcidos de tábuas falando com ele. Chacoalhou a cabeça e voltou a ver as duas mulheres.

- Se você não é demônio e se almas não existem, o que são vocês? – ele perguntou para elas.

- Ah! Finalmente uma pergunta sensata. – respondeu a mulher de vestes brancas. – O que nós somos, o que eu quero ser, “ser ou não ser, eis a questão”! Somos o que queremos ou somos aquilo que nascemos. Em algum momento na vida deixamos de ser para então sermos outra coisa? O que eu fui, o que eu não tive oportunidade de ser ou de ter e o que eu sou e em breve serei. Eu sou eu, mas quem

é você? Sou muito além de sua visão, celulose é algo bem resistente, compõe milhões de plantas, lignina então, haja resistência! Vocês nos matam, nos retalham, nos entalham, nos reestruturam e nos furam com pregos. Somente para sermos denominadas em nossa nova estrutura como casa de deus. Vocês entalham pessoas, santos e cruzes com nossos corpos, e depois, se curvam diante de nós, rezam olhando para nós. Nós somos tudo para vocês! É isso o que nós somos! Entretanto, nós não gostamos de ser instrumentos de assassinato, não gostamos de causar aos outros aquilo que tanto causam para nós.

O sacerdote caiu ao chão, estava solto, rapidamente se levantou e correu para a porta, ao abrir estava no andar térreo da casa, um amplo salão se estendia em sua frente. A casa possuía dois andares acima do solo e um porão. O andar térreo era onde ele realizava suas missas, ele estava ao lado do altar, somente alguns metros o separavam da liberdade e fuga daquela casa. Precisava passar pelo longo tapete vermelho entre as duas fileiras de largos bancos de madeira. Em todas as paredes havia pares de velas queimando, iluminando vagamente o ambiente escuro, mais pareciam olhos flamejantes observando-o.

Ele deu mais alguns passos incertos até o tapete, parou novamente, as mulheres não vinham atrás dele. Pensou que tudo tivesse sido um sonho. Então começou a

escurar o som de algo se arrastando no chão, o som vinha da direção da porta da casa, mas não de fora, era algo escondido atrás dos bancos, apenas espreitando-o. Foi quando ele viu um pequeno ser se arrastando pelo chão, chegou sobre o tapete e virou-se para ele.

Um pequeno bebê de pele cinzenta e pútrida observava o sacerdote. Com seus olhos enegrecidos, larvas escorriam deles como se fossem lágrimas. A criança engatinhou mais alguns metros em direção ao sacerdote. As pernas dele tremiam diante da cena, suas palavras ficavam engasgadas na garganta.

A criança levantou-se, a pele da barriga rasgou e uma gosma negra cheia de vermes caiu sobre o tapete vermelho, ela abriu os braços, inclinou um pouco a cabeça para a direita e sorriu dizendo.

- Oh! Pai! Por que me abandonastes? É tão frio e escuro aqui no porão, a mamãe fica chorando o tempo todo, quando você vai voltar?

- Meu filho! – respondeu o sacerdote caindo de joelhos e chorando. – Eu tive que escolher, entre você e deus, eu não podia abandonar deus, ganho minha vida com ele. Vocês estavam se tornando um fardo para mim, logo eu seria excomungado!

- Por que pai? – questionou a criança morta. – Por que você pode escolher entre matar e deixar viver, por que você

pode escolher entre a guerra e a paz, entre a morte de milhares e a vida de milhares? Enquanto uma mulher não pode escolher entre o aborto e o nascimento?

Dizendo isso a criança caiu reta para frente e ao atingir o chão se decompôs em uma gosma negra e fétida que foi rapidamente absorvida pelo tapete tingindo-o de preto, a gosma deslocava-se como raízes crescendo em direção ao sacerdote, que chorava de olhos arregalados, em poucos segundos os pés do sacerdote começaram a ser envoltos por finas raízes negras que mais pareciam hifas de fungos.

Uma risada ecoou atrás dele, sobre o altar havia uma grande estátua de um messias esculpida em madeira, ele gargalhava olhando para o sacerdote. Aos poucos se transfigurou na mulher de vestido preto que o torturava.

- Vê? Eu disse que vocês esculpem nossos corpos e depois se curvam diante de nós. – falou a mulher. – Vocês se abrigam e dormem entre nossos corpos, vocês comem do nosso corpo e bebem de nosso sangue. Fazem suas hóstias com nossos filhos, sementes de trigo, filhas de plantas, gerações que nunca poderão crescer. Fazem seu vinho com os nutrientes que serviriam para nutrir nossa prole, pisoteiam nossos embriões para formar sua bebida. Sim, de fato, vocês comem de nosso corpo e bebem de nosso sangue. MAS ATÉ QUANDO!? – berrou a mulher.

As pequenas raízes que pareciam hifas já atingiam os ombros do sacerdote, as paredes da casa começavam a tremer, lamúrias pareciam ecoar de dentro das tábuas tremulantes. A mulher começou a se transformar em um estranho vegetal, alguma espécie de planta com forma humanoide, seu corpo era verde e flexível como brotos novos de alguma espécie de trepadeira, seus cabelos eram longas e finas folhas verdes, seus olhos eram amarelos como duas frutas.

- Eis que o seu momento chegou, quando escravos se voltam contra seus supostos senhores. – falou a mulher.

As tábuas da casa se soltaram, caíram ao chão e como vermes se arrastavam em direção ao sacerdote, aos poucos a casa foi se desfazendo. Tábua a tábua, uma a uma alcançava sua almejada liberdade pós-morte. Diante das aberturas que se formavam nas paredes da casa ele pode ver que o mesmo ocorria em todas as residências vizinhas, raízes se espalhavam, as casas se desfaziam em tábuas vivas que enforcavam e esquartejavam seus moradores. O sacerdote berrava, mas ninguém viria em seu amparo, seu lar foi destruído por ele mesmo e agora como um adulto maduro, precisava assustadoramente lidar com a realidade cruel que ele mesmo havia criado.

A mulher ou árvore viva, deslocou-se até o sacerdote, parou diante dele.

- Durante séculos vocês fizeram o que bem queriam com nossos corpos, agora é o momento de nós provarmos do seu corpo e do seu sangue. – ela disse. Abriu sua boca, de onde inúmeras trepadeiras com afiados espinhos surgiram. As trepadeiras enfiaram-se na boca do sacerdote que berrava incansavelmente, as plantas raspavam-lhe os cantos da boca e seguiram em direção ao seu esôfago, sangue escorria e banhava as raízes que o envolviam, a mulher vegetal abraçou-o junto de seu corpo, quando as trepadeiras perfuraram o abdômen dele e em um último espasmo ele resmungou suas últimas palavras.

- Perdoe-me mãe natureza, pois eu não sabia o que fazia.



## **ESCURIDÃO... O FIM....**

Na sala escura as luzes se acenderam, o chão e as paredes cinzentos, uma mesa velha de madeira possuía diversos objetos ocultos com um cobertor marrom desbotado, ao lado um notebook com uma webcam estava ligado e conectado a um fio de Internet. Ela olhou em volta, seus longos cabelos escuros atrapalhavam um pouco a visão, pois estavam sobre seus olhos. Não havia como retirá-los, seus braços estavam erguidos e amarrados em um antigo castiçal de onde vinha a luz da sala. Ela estava completamente nua, ostentando sua pele branca. Conseguia alcançar o chão, seus pés estavam sobre um pequeno tapete branco e felpudo, talvez com um metro quadrado, havia apenas uma mancha vermelha em dos cantos do tapete. Ela tentou puxar seus braços para livrá-los das cordas, mas foi em vão, suas mãos pareciam estar amortecidas e seus pulsos ardiam, tamanha era a pressão da corda sobre seu corpo.

Uma porta branca de madeira a sua frente foi aberta, de um outro cômodo escuro vieram sons de músicas e berros. Lentamente foi aparecendo uma estranha forma humana, pele completamente branca, lábios vermelhos e enormes, um grande cabelo vermelho que mais parecia uma juba de leão, camisa de manga longa de cor laranjada com inúmeras

borboletas azuis estampadas, calças vermelhas que paravam nas canelas, suspensório cor-de-rosa, sapatos extremamente longos. Um palhaço ostentando um sorriso constante no rosto entrou na sala e fechou a porta atrás de si. Carregava diversos balões coloridos enchidos com hélio, ele os soltou e eles subiram até o teto.

- Você quer um balão? É só pegá-los. aHaáHaHAha! – o palhaço andando de um jeito desengonçado foi até o notebook, mexeu em algumas teclas, posicionou-o com a webcam voltada para a mulher nua, olhou para ela lambendo os lábios e disse – Minha Cinderela! Ah! Como és tão bela! Não que eu seja um tagarela ou um trovador de meia tigela, não quero que me interprete mal, mas mesmo que eu haja como tal, por favor, não vá pensar que sou um ser bestial e muito menos celestial.

- Me solte! Tire-me daqui seu monstro! O que você quer de mim? Quem é você? – gritava a mulher tentando se soltar das cordas.

- Ah! Então é isto? Meu nome é Levi, Sobrenome Athan. – respondeu o palhaço gesticulando suas mãos pelos ares e dando longos passos de um lado para o outro circulando ao redor da mulher e rindo como se fizessem cócegas nele - Condena-me pela arte de poetizar no simples tagarelar? Por que não posso eu libertar a minha vontade de rimar? Por que não posso abandonar o jeito popular que

tantos insistem em falar? Eu sei, eu sei, eu acho que vou pirar! hahaHahaHAHA! Mas não consigo parar, isto é como o ar, não consigo parar de respirar! *Verum nocet!* Mas não vá pensar que isto vem a ser uma *veneratio diaboli!* De forma alguma, a isso eu não me faço crer! Mas continuemos o seu interrogatório mal criado, ao qual fui abruptamente desafiado, a questão aqui não é “o que eu quero”, eis que aqui somente importa o que o público quer, nada escapa daquela porta sem eles terem o que querem. – repentinamente o palhaço inclinou sua cabeça sobre o ombro direito e abraçou a si mesmo, olhava para o teto e suas pernas tremiam. – Não, não, mamãe! – falou ele de forma longa e melosa parecendo uma criança indefesa. – Eu não sou um menino malvado, mamãe! Mas todos riem de mim na escola, o velho barbudo que tudo vê pisou sobre mim, me deixe brincar, por favor, mamãe! – o palhaço levantou a cabeça rapidamente, olhou assustado para ambos os lados. – Me deixe em paz! Embaixo da terra você jaz e muito tempo já faz! Papai escapou pelos ares!

- Me deixe sair daqui seu palhaço asqueroso! – falou a mulher conseguindo chutá-lo no joelho e fazendo-o cair no chão.

- Oras, Cinderela, que és tão bela! – disse ele erguendo-se e limpando as calças. – Eis que talvez eu seja asqueroso, muito embora e como isso me enrola, melhor do que invejoso, pois um ser de caráter virtuoso! Já não tenho

mais tempo ocioso, foi assim que tudo na vida se tornou maravilhoso! Agora se cale e prepare-se! – o palhaço foi até o notebook, ativou sua conexão com algum site de Internet e ligou a webcam e um pequeno microfone que havia sobre a mesa. – Que maravilha! Já temos quase três mil usuários conectados esperando pelo espetáculo! – o palhaço foi até a frente da mulher virando-se para a câmera.

- Hoje teremos um grande show, um espetáculo caótico e particular que poucos saberão apreciar, mas com certeza você vai amar! Fogo negro queimar! Você não vai aguentar, começará a gargalhar. Eu a amarrei em minha sala, criei até assim uma nova ala para ela. Aqui ela permanece de braços erguidos, mãos atadas, dentes rangidos, firmemente amarrada e no castiçal de ferro do teto pendurada. Castiçal moldado de forma artesanal, fruto de obra manual, mas quem se importa? – voltou até a mesa, puxou um chicote debaixo do cobertor marrom, retornou até a mulher que o olhou assustada e começou a gritar. O palhaço começou a saltar como uma criança brincando rodopiando ao redor da mulher pendurada. Ela gritava e esperneava, ele gargalhava e começou a enchê-la de chicotadas. Ao todo foram dez em diversas partes do corpo, ele parou ao lado dela, respirando ofegante e sorrindo, ela chorava alto e soluçando. O palhaço prosseguiu com seu discurso.

- Eu era um animal e agora sou um palhaço da vida que leva uma existência infernal nessa tola existência infinitesimal. Ela me disse não, mas eu não pude negar a diversão, naquele belo dia de verão, eu fiquei lá, chorando jogado ao chão, vendo ela fugir na contramão, saindo através do portão. Ela me chamou de palhaço, agora vamos ver quão duro é o aço. Ela diz que está cansada e eu uma fera tão animada! Ela chora, implora e reclama do frio, quer ir embora, quando vejo já estamos em cima da hora! Atrasados como sempre e um eterno tic-tac em minha mente, aos tolos clientes eu digo entre! hahahaHaHahaHa! Lágrimas de crocodilo, lágrimas de dragão adormecido ou de palhaço escorrem de meus olhos, borram minha maquilagem branca. Ah! Se ela tivesse sido franca igual um ruminante comendo pastagem. Ei! Agora somos um trio, eu, ela e a espectadora é a morte, linda usurpadora cheia de sorte! Os portões da torre estão para se abrir, a besta adormecida logo acordará! hahaHahaHahaHa! O chão e as paredes são de concreto bruto e nem meu coração eu escuto. Ela está nua e dependurada. Ah! Minha doce amada! Que dor cruel no meu coração está entocada, você disse que sou um palhaço e nem sei mais o que eu faço. Minha triste risada é um estardalhaço! hahaHahaHaHa! Peguei seu batom para pintar meus lábios, meu coração já comprime seus átrios, tenho farinha para branquear minha pele, alvejante não funcionou e a dor só

aumentou. Pule, pule e dance! Aproveite cada instante, mexa e balance, a webcam leva sua intimidade ao mundo. Dê aos espectadores o show que eles querem... NUDEZ E VIOLÊNCIA!!! HAHaHAhahaha!! Ajude-os a saciarem seus desejos noturnos, presos aos computadores, iludidos pela falsa privacidade em um login de disfarce, anseiam pelas suas imagens, eles querem ser eu com esta tenacidade. Você acredita nisso? Eles querem ser este palhaço que vos esbraveja, não importa onde ele esteja ou quem ele realmente seja. Pois o desejo, isso é o que move o mundo e o torna tão imundo, eles te querem! Nua, chorando e sangrando! Assim eles a estão esperando! Eu sou o coadjuvante neste palco. Maldita seja! Eis o que tu deseja? Sinta o chicote seco sobre tua pele macia, ó fera bestial e indomável! Respeitável público, eu de dentro deste cômodo cúbico, levo até vocês via Internet, fios, através dos ares e além dos mares, o domínio desta mulher, a maior dentre todas as feras! Vocês conseguem ouvir? Enquanto babam sobre seus teclados, ouçam os estalos, ouçam os gritos dela. Ah! Minha linda Cinderela! Tua roupa natural, tua pele alva que quase parece sobrenatural tamanho o fascínio que produz, agora se torna rubra. E o público quer que eu descubra, quanto tempo de tortura até que você tenha alguma tontura? hahaHahaHaHAha! Veja, veja, sobre sua linda superfície corpórea, fendas sobre a pele, parece fruto de alguma terra

hiperbórea, escorre o sangue, escorre o choro! Jormungand se orgulharia, mais até do que Gandhi. Sinta de novo e novamente incansavelmente! Ah! Meus braços doem com a força que faço para te chicotear e lhe dar um laço! Urre sua fera, ruja para o mundo virtual, com todo esse teu corpo sensual.

O palhaço deu mais cinco chicotadas na mulher e jogou o chicote para o canto da sala. Andou até estar diante dela, colocou seu rosto em frente ao da vítima.

- Por favor, eu imploro, me deixe sair daqui. – sussurrou a mulher ao palhaço.

Ele se aproximou ainda mais dela e lambeu as lágrimas que escorriam pelo seu rosto. Abaixou a cabeça sobre o ombro direito e abraçou-a.

- Eu queria, mas não posso, mamãe está aqui. Eles riem de mim e tudo que eu queria era poder brincar. Se eu sair daqui mamãe vai me castigar. – largou a mulher e ergueu a cabeça, olhou ao redor. – Mas o show tem que continuar! – berrou o palhaço. – O show tem que continuar! Você entendeu?! haHaHAhA! Se as pessoas querem o espetáculo, elas o encontrarão neste receptáculo!

O palhaço tirou a mulher do castiçal, ainda deixou as mãos dela amarradas para que não ocorresse uma fuga indesejada. Deitou-a no chão e retornou para sua mesa, procurando por seus instrumentos circenses. A mulher jogada

ao chão começa a ter contrações musculares, treme insanamente, o palhaço assustado vira-se para ela, olha para o notebook, verifica o número de acessos.

- Sim! Com um público de quase três mil pessoas! E mamãe está aqui? – falou o palhaço.

Letras começavam a serem marcadas com sangue nas paredes, era como se tais estruturas de concreto estivessem tendo hemorragias incontroláveis. Escritas incontroláveis marcadas em cortes sangrentos. O palhaço olhou para a mulher, um cauda começava a se alongar a partir das vértebras sacrais, os pêlos da mulher cresciam e começavam a se transformar em escamas, ela gemia e vomitava um líquido amarelado.

- O que temos aqui, mamãe? hahaHAhaHAHA! E estas palavras na parede, canções para os mortos ou para os não-mortos? *“Vocamus te draco-diva! Dies irae, dies irae! Zerstörung bringen um die Welt! Bring the hate! Traga a morte!”* haHahA! Tenho a vaga ideia de que não deveria ter lido estas palavras e desde quando palavras possuem poderes? Típico da mamãe! Ah! Mamãe me perdoe eu só queria brincar, não me castigue novamente, não em frente ao meu público, não em meu espetáculo. Eu prometo não falar mais com rimas, apenas me deixe brincar. Doce Aeshma, perdoe-me de sua fúria! Pela glória de Lilith, nesta sala eu trago o princípio do Caos para que reine neste mundo!



Retornemos ao princípio, Sithra Ahra nos aguarda novamente! Sombria mãe das trevas divinas, Taninsam Lilith, perdoe-me por minhas rimas incompletas, eu teu filho Leviathan trago-lhe o vaso para guardar sua progênie! Apep há de se levantar das terras obscuras, Rá cairá! Seth reinará quando Rá cair em seu crepúsculo. O crepúsculo dos ídolos! Eis a minha função, destruir ídolos! hahaHAhaHA!

As pernas e braços da mulher começavam a atrofiar, sua cauda era enorme e adquiria a espessura de seu corpo, escamas negras recobriam todo seu corpo. Seu rosto humano ainda era reconhecível, o palhaço olhava para ela e sorria. Nas paredes cada gota de sangue que escorria das letras transformava-se em uma serpente flamejante ao atingir o chão, rumavam em direção à mulher-serpente. O palhaço correu para seu computador.

- Vinte mil acessos! Isso, isso! hahAHHAHA!

As serpentes flamejantes formaram um círculo ao redor da mulher-serpente, a veneravam curvando suas cabeças. E a criatura obscura levantou-se, já sem braços e pernas, uma serpente completa com rosto humanóide, escamas negras no dorso e brancas no ventre. Olhou ao redor e disse:

- *Ad superficiem regressi!*

O palhaço ajoelhou-se, seu corpo começou a inchar, parecia um balão inflando, sua pele estourou e de dentro dele

restou uma estranho ser, semelhante a um grifo, uma ave que crescia rapidamente, com pernas de felino, carregava a destruição em seu olhar. Levantou-se e proclamou.

- Apep! Fornecedora do fim! Somos sangue do mesmo sangue, eu Ziz, sou fruto de Leviathan, também tu o és. Assim como Behemoth que tão cedo se foi, mas há de retornar. As três forças que controlam o universo infindo, a trindade caótica. A escuridão chegará! Este o fim será!

## RELATIVIDADES ABISSAIS

*“E se tu olhares, durante muito tempo para um abismo, o abismo  
também olha para dentro de ti.”*

**Friedrich Nietzsche**

- Precisamos resolver a situação desse seu sangramento das gengivas. – falou Joana, para sua filha.

- Mas, mãe, aqui na cidade só tem um dentista e ele nunca resolve isso, o sangramento sempre volta. – respondeu Catarina, com os olhos se enchendo de lágrimas.

- Oras, vamos Catarina, nós somos privilegiados, depois do dentista vamos ao médico, temos que aproveitar os benefícios que o governo nos dá. Quantas pessoas gostariam de ter exames de graça ofertados pelo governo? Você tem estado muito fraca nos últimos dias.– disse Joana, passando a mão pelos cabelos castanhos da filha. – Vamos, se vista e vamos até o dentista. – dizendo isso Joana, pegou sua bengala e mancando andou até seu quarto escondendo as lágrimas que surgiam em seus olhos.

. . .

Joana e Catarina saíram da casa, um longo gramado e diversas flores estavam plantadas em frente à casa, a rua era

de lajotas, diversas árvores adornavam as ruas e para os dois lados que olhassem todas as casas tinham a mesma estrutura, como se fosse um conjunto habitacional. No lado da rua em que estava a casa de Catarina as casas eram pintadas de verde claro e após o número das casas havia um código de letras “CD”, do outro lado eram pintadas de amarelo claro e após o número das casas havia o código “DPD”. Catarina havia perguntado para sua mãe o que eram aquelas letras e ela apenas disse que fazia parte da organização da cidade. Elas seguiram seu caminho indo ao centro da cidade, na rua um pequeno menino vomitava ajoelhado sobre o gramado de sua casa, da porta da casa uma mulher com marcas de queimaduras na pele chamava-o.

Logo chegaram ao centro da cidade, o imóvel mais alto não passava de três andares. Dirigiram-se a um desses prédios, apenas alguns carros circulavam pelas ruas, poucas pessoas eram vistas passeando.

- Às vezes isso aqui parece uma cidade fantasma. – disse Catarina para sua mãe.

- Nossa cidade é pequena, isso nos traz tranquilidade e segurança, é melhor que ela seja calada, se ela crescesse e começasse a ter barulho, isso poderia chamar muito a atenção. – respondeu Joana.

- Mas chamar a atenção do quê? E se temos tanta tranquilidade, porque todas as casas têm barras de ferro nas

janelas, além de venezianas e portas de ferro também? – perguntou Catarina.

- Para que nós possamos ter um sono tranquilo. – respondeu Joana. – Agora, chega de perguntas, vamos me ajude a subir as escadas até o consultório.

Seguiram subindo as escadas até o consultório, atrás delas um senhor já idoso e cego orientava-se pelo corrimão para subir também as escadarias. Na metade do caminho dois homens usando fardas militares passaram por elas, um carregando uma maleta preta e o outro um notebook.

- Eu não sabia que tinha exército aqui na cidade. – falou Catarina.

- Toda semana eles vêm até aqui. – falou o homem cego que estava atrás delas. – Coletar os dados das análises médicas. Eles poderiam simplesmente continuar nos observando com suas câmeras, mas eles querem acompanhar nossa situação de perto, isso aqui virou um grande laboratório!

- Do que ele está falando mãe? – perguntou Catarina.

- Não está falando de nada, ele está delirando. – respondeu Joana.

- Então a senhora ainda não contou para ela? De fato garantiu para ela uma infância feliz, mas pela voz dela percebo que ela já não é mais nenhuma menina, logo você terá que contar, porque se ela passar nos testes, eles vem

buscá-la. E como anda o bebê, vai nascer logo? Acho que pela idade da sua filha eles já devem ter vindo visitar você novamente.

- Cale-se velho! - vociferou Joana. – Me ajude a andar mais rápido, Catarina!

Apressaram o passo e saíram de perto do velho. Entraram no consultório, conversaram com a secretária e esperaram. Uma moça nova usando farda militar era a secretária, ficava separada dos pacientes por um espesso vidro e se comunicava com eles por meio de um telefone sobre o balcão.

- Eu sempre me sinto desconfortável nestes consultórios. – falou Joana.

- Eu não, não vejo nada de errado aqui. – respondeu Catarina, enquanto folhava uma revista.

- Essa noite nós precisarmos conversar, uma conversa longa e séria. – falou Joana para Catarina.

O dentista usava uma roupa branca com um capuz que cobria toda a cabeça, uma típica roupa para evitar contaminação biológica. Ele examinou Catarina, passou algumas prescrições para a mãe dela e aplicou uma injeção no maxilar e outra na mandíbula, afirmando que era apenas uma anestesia, mas as reais funções da injeção Joana e Catarina nunca sabiam. Tratava-se de um novo tratamento tentando usar células dendríticas do sistema imunológico,

uma forma de ensinar aos linfócitos a reconhecerem determinados antígenos no organismo.

Assim, quando Catarina visitava o médico ele retirava amostras de sangue contendo linfócitos e no laboratório as colocava em contato com as células retiradas dos tumores que começavam a se alastrar na maxila e mandíbula de Catarina. Desta forma, os linfócitos começavam a produzir anticorpos contra o tumor e sua injeção de volta no organismo de Catarina funcionaria como uma vacina, auxiliando a eliminar os tumores. E era isto que o dentista injetava em Catarina.

. . .

Já era noite, Joana fechou toda a casa como fazia todo dia, chaveou as três trancas das portas, travou as venezianas de ferro e fechou as cortinas de lâmina de aço que auxiliavam a cobrir as janelas e a porta. As duas jantaram e depois foram até o quarto de Joana para conversarem.

- Catarina, há algumas coisas sobre nossa cidade que eu preciso lhe falar, pois nem tudo é o que parece ser. Eu tentei te proteger da verdade durante todos esses anos, mas não há como escapar da verdade. A história de nossa cidade começou há aproximadamente...

Uma sirene alta e longa soou, o som de veículos acelerando pelas ruas começou a ser ouvido por todos os

lados, em seguida vieram os tiros, sequenciais e únicos. E gritos guturais que pareciam se alastrar por todos os lados.

- O que é isso mãe? – perguntou Catarina.

- É algo que não deveria estar acontecendo, há anos que não éramos incomodados, o exército deve estar fazendo uma faxina. Deve ter havido alguma falha na segurança ou alguém criou esta falha de propósito, depois de tantos anos continuam com as mesmas brigas. Venha comigo, temos que sair daqui. – disse Joana.

- Mas para onde vamos? – disse Catarina.

- Vamos para o sótão. – dizendo isso Joana se levantou da cama, soltou algumas travas que havia atrás de seu guarda-roupa e o empurrou para o lado. Atrás dele havia uma escotilha de aço, ela retirou do pescoço um pingente com três chaves e usou-as para destravar a escotilha, após a abriu. – Vamos Catarina, aqui é mais seguro.

- Não estou entendendo? – disse Catarina.

- Apenas me obedeça, vamos entrar! – disse Joana e assim as duas fizeram. Elas entraram naquele cômodo oculto, Joana trancou a escotilha novamente, as paredes eram todas de aço. Elas subiram uma pequena escada e chegaram ao sótão da casa, que como a entrada era todo revestido em aço. Havia prateleiras com comidas enlatadas, água engarrafada, um pequeno vaso sanitário e um chuveiro. Duas grandes explosões ocorreram, a casa inteira tremeu.



- Mãe, o que está acontecendo? – perguntou Catarina.

- Espere, não faça barulho. – respondeu Joana. Ela então foi até outra escotilha localizada na parede, destrancou-a, funcionava como uma janela, mas não permitia a circulação de ar, pois havia um espesso vidro blindado e vedado. Observou o que acontecia lá fora, pessoas corriam para todos os lados, soldados deslocavam-se em veículos blindados atirando nas pessoas que corriam. Porém, estas pessoas não fugiam dos veículos, mas tentavam ataca-los sem terem nenhuma arma.

As chamas de um posto de gasolina incendiado iluminavam a noite, algumas casas estavam pegando fogo também.

- O que está acontecendo lá fora? – perguntou Joana.

- É a guerra, tudo de novo, mas nenhum resultado será novo, é sempre a mesma coisa. – respondeu Joana. – Vou ter que ligar o gerador, para que o filtro de ar funcione e o faça circular, caso contrário vamos morrer asfixiadas.

Joana foi até o gerador, ligou-o ele funcionou por alguns segundos e parou.

- Merda! – gritou Joana. Tentou ligá-lo novamente, mas não funcionou. Verificou os níveis de combustível e encontrou o problema, a gasolina estava quase terminando. - Não poderemos ficar aqui por muito tempo, espero que a confusão lá fora termine logo.

- Filha – disse Joana – tudo isso começou ao final de 2012, o Brasil havia descoberto a reserva de petróleo Pré-Sal II, no litoral do Rio Grande do Sul, e se estendia até Uruguai e Argentina. Assim, surgiu a tríplice aliança entre os três países. Era petróleo de primeira qualidade e em grande abundância, o preço do barril despencou e começaram diversas quedas na bolsa de valores. Diversos países começaram a ficar com raiva da tríplice aliança. A crise na Europa havia levado diversos países a falência e a guerra civil havia se instalado em diversos daqueles países.

Aparentemente o Mercosul deu certo, em 2013 foram feitos novos acordos e um investimento maciço de todos os países na ciência. Em si a biotecnologia propiciou tanto avança que a América do Sul estava produzindo o quase três vezes mais alimento nas terras agriculturáveis, monopolizando o comércio de alimentos e petróleo. Os europeus e norte-americanos queriam imigrar para cá, diziam que havia bastante espaço na Amazônia para eles. Mas como a agricultura estava andando bem, mais desmatamentos não eram necessários e assim surgiu o acordo Inter-amazônico de isolamento completo da floresta amazônica, permitindo apenas a utilização científica, turística e educativa da região. A produção de madeira passou a ser feita em áreas que antes eram agrícolas, mas que agora podiam ser usadas para outras finalidades.

Com todo esse enriquecimento rápido a América do Sul precisou se militarizar para evitar intervenções de outros países. O continente passou a produzir seus próprios equipamentos militares, para deixar os outros países ainda mais insatisfeitos. A América do Sul era autossuficiente, produzia tudo que consumia e precisava, como medicamentos, alimentos, armas, entretenimento. Nosso modelo de cooperação serviu de modelo para a África e Ásia, o Oriente Médio se tornou um local pacífico e com nossos conhecimentos aquele se tornou um local verdejante. Porém, a Europa e os Estados Unidos negavam nossa ajuda e a crise nestes países só aumentava ainda mais a xenofobia e um conflito tornava-se esperado para o futuro.

Tudo andou bem até 2020, quando após um período de estabilidade econômica Europa e Estados Unidos entraram em crise novamente, porém os países do hemisfério sul permaneciam estáveis, havíamos aperfeiçoado bastante nossa economia, ciência e cultura. Porém, eles haviam se esquecido de nós, ou deles, nem sei ao certo. Vítimas ou cobaias de experimentos militares durante a Segunda Guerra Mundial, milhares ou talvez milhões de humanos ou algo que um dia foi humano. Os países do hemisfério norte não tinham mais como sustentar tais vítimas e em uma tentativa de guerra biológica soltaram essas pessoas ou sei lá eu o quê, em nosso país.

O caos foi ainda maior por toda população descobrir as atrocidades as quais essas pessoas foram submetidas durante todos aqueles anos, mesmo com o fim da guerra e com o aprisionamento das cobaias, experimentos continuaram a ser feitos. Eles queriam dar continuidade ao conhecimento sobre fisiologia e anatomia humana iniciado nos campos de concentração nazistas, elevando os experimentos para efeitos mutagênicos e infecções virais. Com o tempo você irá entender, pois o tempo é o senhor de tudo e a eles servimos. Lembre-se, passado, presente e futuro são tudo a mesma coisa, neste lugar de onde não podemos sair, o tempo se mistura o tempo todo. As barreiras do ontem e do amanhã já não existem mais. – finalizou Joana.

Do lado de fora da casa explosões, tiros e gritos continuavam. O abrigo onde elas estavam tremia todo e as luzes fluorescentes piscavam, as vezes permanecendo apagadas por alguns minutos.

- Mãe – perguntou Catarina – aqui está ficando meio abafado demais, precisamos sair antes que o oxigênio acabe, conforme você tinha dito.

- Sim, de fato, precisamos. Eis o que é necessário. – falou Joana sorrindo.

- Por que você está rindo, mãe? – perguntou Catarina.

- Não me questione! – respondeu ríspidamente Joana. Levantou-se abriu a escotilha de entrada do abrigo,

imediatamente uma fumaça escura começou a entrar no local. A casa delas estava em chamas. – Vamos Joana, eu preciso tirar você daqui.

As duas saíram em meio a fumaça, estando fora do abrigo os sons vindos das ruas pareciam mais altos e intensos. Não demorou muito e conseguiram escapar da casa, estavam na rua que era iluminada pelas chamas que consumiam diversas casas. A noite era iluminada também pelos tiros disparados de diversos lados.

- O que vamos fazer agora? – perguntou Catarina.

- Precisamos correr, e correr o mais rápido que conseguirmos. – respondeu Joana.

Assim as duas fizeram, correram pelas ruas, desviando-se de outras pessoas que também corriam e berravam, não conseguiam ver seus rostos a claridade não era suficiente. Algumas pessoas se arrastavam no chão, outras mancavam. Joana e Catarina desviavam-se também dos tiros e dos veículos do exército que circulavam pelas ruas eliminando qualquer ser que se movesse.

Não tardou e elas chegaram ao limite das ruas, duas cercas altas com arame farpado e eletrificado e mais um muro de pelo menos cinco metros de altura impedia que elas prosseguissem com sua fuga.

- Eu nunca tinha reparado nestas cercas e nesse muro, parece que estamos presas dentro de um abismo. O

céu está limpo, mas não vejo nenhuma estrela no céu. – falou Catarina.

- É porque eu nunca a trouxe para perto dele, às vezes também acho que vivemos dentro de um grande abismo do qual nunca poderemos escapar – respondeu Joana.

- Minhas gengivas estão sangrando novamente e meu nariz também. – falou Catarina.

- Droga! As coisas não podiam piorar. – falou Joana. – Deixe-me ver se você não está com febre. Está sim! Precisamos nos esconder em algum lugar até você melhorar.

As duas caminhavam perto das cercas, tentando manterem-se ocultas entre alguns arbustos procurando um abrigo, mas elas se esqueceram que por sobre o muro, ambas estavam sendo vigiadas. Logo um jipe aproximou-se delas.

- Eles podem me ajuda, mãe! – falou Catarina. E saiu correndo em direção ao veículo, acenando com os braços.

- Catarina, NÃO!- gritou Joana, quando viu sua filha ser fuzilada. Três tiros certos, um no abdômen, um no tórax e outro na cabeça, levantando um pedaço de crânio. Ela ainda cambaleou mais alguns passos e caiu diante dos faróis do veículo. Joana correu até Catarina, lágrimas corriam sua face, ela ergueu sua filha em seu colo e começou a cantar uma canção de ninar.

- Seus malditos! – gritou Joana aos soldados. – Eu sei que ela vai voltar! Ela sempre voltou!

- Dessa vez não. – disse um dos soldados por detrás de uma máscara contra gases tóxicos. – Não importa o quão bela sejam as alegorias futuristas que você invente para consolá-la, dessa vez é tudo em vão. Deixe-a descansar em paz, pois agora está tudo acabado. As ordens mudaram.

O soldado retirou um frasco que estava preso ao seu cinto e borrifou um líquido dentro das narinas e da boca de Catarina. A menina soltou um grito gutural, contorceu-se escapando do colo da mãe e caindo ao chão.

- Não, não, não! – continuava balbuciando Joana, enquanto acariciava a face de sua filha morta.

O soldado empunhou uma pistola, apontou a arma para a cabeça de Joana, os olhos dela brilharam prateados, enquanto seus dentes tornavam-se afiados e cresciam. Ele disparou. Joana caiu para trás, ao lado do corpo de sua filha. O soldado retirou um bloco de anotações do seu bolso, pegou uma caneta de outro bolso e começou a anotar.

“Data de hoje, 28 de agosto de 1949. Cobaias número 19003 e 19004 controladas.” Fechou o bloco e guardou-o em um bolso junto com a caneta. Retornou ao jipe, empunhou um rifle.

- Vamos dar o fora desse lugar infernal, isso aqui parece um poço abissal e esse trabalho já está cansando. –

falou o soldado para o motorista, que deu a partida e continuaram com suas obrigações.



## Sobre o autor

Marius Arthorius, pseudônimo de Mario Arthur Favretto. É natural de Joaçaba, estado de Santa Catarina. Biólogo formado pela Universidade do Oeste de Santa Catarina, campus de Joaçaba. Sob o pseudônimo de Marius Arthorius já publicou os livros de poemas *Antropophagya*, *Antropophagya Addendum*, *Emili meae laudes* e *Alegorias da Existência*, os livros de contos de terror *Necrophagya* e *Deicídio* e o romance *Sociedade Insana*.

Na área da biologia é autor, coautor e/ou organizador dos livros "Sobre a origem das Aves", "Orquídeas e bromélias do Vale do Rio do Peixe, Santa Catarina, Brasil", "Parque Natural Municipal do Rio do Peixe, Joaçaba, Santa Catarina - Vol. 1 - Fauna de Vertebrados" e "Parque Natural Municipal do Rio do Peixe, Joaçaba, Santa Catarina - Vol. 2 - Plantas Epífitas".

Também é autor de mais de 30 artigos e notas científicas originados de pesquisas na área da ornitologia, entomologia, herpetologia, mastozoologia, evolução e ecologia.

